

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO XVI • CR\$ 1.300,00

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

UMA CORPORAÇÃO CHAMADA

169



**CHILE:
A VITÓRIA DA
UNIDADE**

**EDUCAÇÃO NO
SÉCULO XXI**

**DOENÇAS DO
TRABALHO**

**O melhor presente que se pode dar
a uma criança é prepará-la para ser
gente grande.**



O que uma criança consegue aprender de barriga vazia?
O que uma criança consegue aprender sem saúde?
Quantas crianças têm um cantinho em casa para estudar tranquilamente?
Quantos pais podem comprar material escolar para os seus filhos?
Quantos pais podem pagar as mensalidades das escolas particulares?
Quantos pais podem tirar dúvidas escolares dos seus filhos?
Nenhum governo trabalha tanto pela criança como o Governo do Estado do Rio de Janeiro. Mantendo e construindo cada vez mais escolas públicas gratuitas, laicas e de horário integral - os CIEP's* - o Governo do Estado está dando às crianças o tratamento digno que todas as crianças merecem, sejam ricas ou pobres, brancas ou negras.
Os Centros Integrados de Educação Pública não são apenas prédios bonitos, confortáveis e funcionais como muita gente pensa. O CIEP é muito mais do que isso. É uma obra educacional.
O ensino é diferenciado, com professores em permanente treinamento e reciclagem, através de material especialmente elaborado e de vídeos, transmitidos diariamente, via satélite, para cada CIEP.
Nestas escolas, além do aprendizado normal, as crianças aprendem também as boas práticas da vida. Recebem alimentação equilibrada e aprendem a se alimentar corretamente. Aprendem a fazer a sua higiene e a ter boas maneiras. Aprendem que têm deveres e, sobretudo, que têm direitos.

Os alunos dos CIEP's chegam pela manhã e passam o dia inteiro na escola. Eles tomam café da manhã, têm aulas, almoçam, participam de recreação e de exercícios esportivos, fazem seus deveres e saem no final da tarde, de banho tomado. Não precisam comprar livros nem material escolar, nem levam deveres para casa; eles são feitos no próprio CIEP, orientados pelos professores.
Todos os CIEP's contam com biblioteca, sala de vídeo, gabinete médico e odontológico. As crianças dispõem de amplos espaços, áreas verdes, refeitório, quadra de esportes e vestiários. E, agora, começa a ser implantado o programa de construção de piscinas. No CIEP as crianças contam com o que há de mais moderno em Educação. Educação para que elas tenham uma infância digna, para que se tornem jovens com igualdade de oportunidades e, finalmente, possam ser gente grande com tudo aquilo que sonhamos.
Gente grande capaz de mudar o País e de fazer do Brasil uma grande nação. Uma grande nação com muitos anos felizes pela frente.

* O Governo do Estado administra os CIEP's localizados fora da Cidade do Rio de Janeiro. Do total de 505 CIEP's, 394 estão prontos e os 111 restantes, em fase final de construção, iniciam suas atividades em 94.

RJ GOVERNO DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO



Ao leitor

CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO

COMPLETA Vinte ANOS

O ano de 1994 é chave para **cadernos do terceiro mundo**: em setembro se cumprem 20 anos do dia em que foi lançado, em Buenos Aires, seu primeiro número. Anos depois, em 1978, lançaríamos a edição portuguesa, em Lisboa – destinada principalmente aos países africanos de língua portuguesa – e em 1980, começaríamos a edição brasileira.

Mas a equipe de **cadernos** decidiu não esperar setembro para recordar essa importante data. Pareceu-nos mais adequado conferir a todo o ano de 1994 um caráter especial, assumi-lo como um marco em nosso trabalho editorial, e aproveitar a ocasião para rever as lições que nos deixou esse passado, buscando enriquecer nosso trabalho presente e consolidar a ação futura.

Em várias ocasiões nos detivemos a olhar para trás buscando inspiração. Quando chegamos ao número 50, em dezembro de 1982, dedicamos toda a edição a uma visão retrospectiva de nosso trabalho, publicando uma coletânea das principais reportagens e entrevistas que havíamos realizado. Agostinho Neto, Samora Machel, o general Omar Torrijos, José Eduardo dos Santos, Julius Nyerere, Yasser Arafat, entre outros dirigentes de

primeira linha do Terceiro Mundo, voltaram às páginas de **cadernos**, assim como artigos sobre a Sexta Conferência dos Não-Alinhados, realizada em Havana em 1979 e sobre a revolução nicaraguense, entre outros.

Quando completamos 10 anos, outro marco importante de nossa história, também publicamos um número especial, no qual contávamos ao leitor alguma coisa do cotidiano em nossa redação, as dificuldades que tínhamos que superar para fazer chegar às suas mãos o exemplar de cada mês, as fontes informativas que usamos etc. Quando alcançamos o número 100, em maio de 1987, a data nos motivou a apresentar uma revista renovada, mais de acordo com as novas realidades, e mudamos o formato,

voltando ao que originariamente tivemos nos primeiros nove números, editados na Argentina. Por motivos técnicos, tínhamos sido obrigados a alterá-lo no México, quando ressurgimos depois de termos sido obrigados a abandonar Buenos Aires por razões políticas, quando Isabel Perón iniciou o processo de ruptura institucional que desembocaria na trágica ditadura militar da qual esse país irmão só conseguiu sair em dezembro de 1983. Ao atingirmos os 150 números também nos dirigimos aos leitores para mostrar-lhes a importância que esse fato tinha para todos os membros da equipe de **cadernos**. Afinal de contas, são muito poucas as publicações que

chegam a editar 150 números e escassíssimas as que dentro dessa “elite” respondem a uma orientação progressista e independente como a nossa.

E, finalmente agora, neste primeiro número de 1994 – uma ocasião igualmente especial, já que é o começo do ano em que chegamos a nosso vigésimo aniversário – inauguramos uma forma diferente de comemorar: abrimos uma seção dedicada às *Grandes reportagens*, na qual iremos republicando antigas matérias que sejam atuais e interessantes.

Para os leitores novos, será uma boa oportunidade para conhecer um pouco mais do nosso trabalho e história e para os antigos, será motivo de reflexão sobre temas e problemas que acompanharam através de nossas páginas e que agora poderão analisar com uma nova ótica. Desnecessário dizer que haver chegado a este número, com o qual iniciamos uma etapa de maior maturidade, é uma enorme alegria para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estão empenhados em fazer com que a revista chegue todos os meses às mãos de nossos leitores. E é um incentivo para continuar nessa trincheira de papel, através da qual sonhamos em contribuir para a construção de um mundo melhor para todos.



CAPA

A Máfia é hoje um conglomerado industrial, comercial e financeiro.
O tema de capa analisa as relações do crime organizado com o poder

2 AO LEITOR

4 CARTAS

EDUCAÇÃO

6 A educação do Terceiro Milênio

BIOGRAFIA

12 Vida e morte de Carlos Lamarca

MULHER

14 A elas o que é delas

CULTURA

18 O Brasil segundo a chanchada

HISTÓRIA

21 Utopia do sertão

CAPA

23 O longo braço da Máfia

AMÉRICA LATINA

34 Chile: O resgate da identidade

36 Desafios do futuro

ÁFRICA

39 Guiné-Equatorial: Democracia de fachada

ÁSIA

40 Japão: O triste cotidiano dos sem-teto

ESPECIAL - 20 ANOS

42 Grandes reportagens

□ SUPLEMENTO

COMPORTAMENTO

2 (In)Segurança no trabalho

4 Doenças do trabalhador

9 Europa Oriental: Em busca da sexualidade perdida

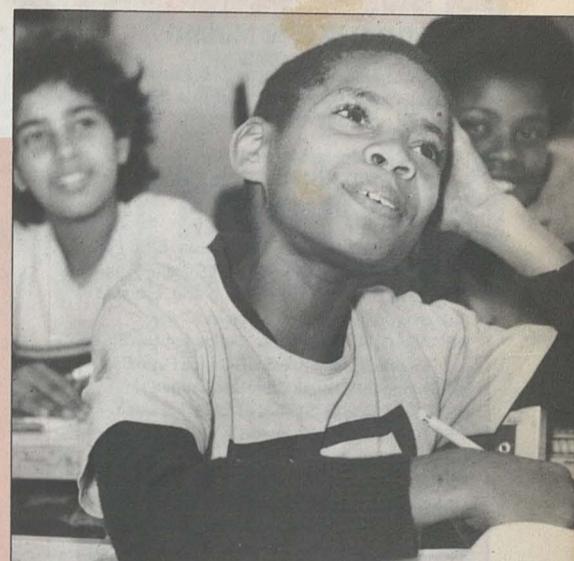
10 Enterro, um disputado mercado

11 Índia: Divórcio instantâneo questionado

12 PANORAMA INTERNACIONAL

SUMÁRIO

A rapidez com que a Terceira Revolução - a da Informática - vem alterando as relações nas sociedades de todo o mundo impõe à escola a necessidade de repensar seus caminhos e diretrizes



6

Com a eleição de Eduardo Frei, o povo chileno continua buscando um modelo próprio de desenvolvimento, que valorize o avanço econômico e ao mesmo tempo atenda às demandas sociais



34

Ignorados pela sociedade, milhares de japoneses desempregados vivem nas ruas das grandes cidades, mergulhados numa realidade de miséria, solidão e total falta de perspectivas



40

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

DIRETOR: Neiva Moreira
DIRETOR ADJUNTO: Pablo Piacentini
EDITORIA: Beatriz Bissio

SUBEDITORES: Claudia Guimarães, Elias Fajardo. CONSULTORES ESPECIAIS: Darcy Ribeiro (Brasil), Henry Pease García (Peru), Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan Somavía (Chile)

REDAÇÃO: Aldo Gamboa, Carlos Lopes (Brasil), Roberto Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura (Uruguai)

REVISÃO: Cléa M. Soares e Valdenir Peixoto

DEPTO. DE ARTE: Nazareno N. de Souza (editor e capa) e Roberto S. Lourenço

FOTOS: A.C. Júnior

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Jessie Jane V. de Sousa (diretora), Juliana Iotti, Sílvia Arruda, Mônica Pérez, Marcus Sanches, Luciane Reis e Rosangela Vicente Ferreira

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Macário Costa (chefia), Andréa Corrêa e Paulo Henrique

ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes

PUBLICIDADE: Ari J. Silva

CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:

Mauro Mendes – Rua da Glória, 122 1º andar
CEP 20241 – Rio de Janeiro – Brasil

– (021) 252-7440/232-3372/232-1759/222-1370

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

utiliza os serviços das seguintes agências:

ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Irã)

IPS (Inter Press Service), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas: Africa News

(EUA), Altercom (México-Chile), Third World

Network (Malásia), Israel and Palestine Political

Report (Paris) e Against the Current (EUA)

Fotos: Agence France Press (AFP)

SUCURSAL DE LISBOA:

Diretor: Artur Baptista
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro 10/1º andar. Lisboa, 1.200 – Tel.: 32-0650.
Telex: 42720 CTM-TE-P

Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:

Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106
20241-180 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

– (021) 242-1957/222-1370 – Redação

– 232-1759 / 232-3372 – Administração

– (021) 507-2203 – Publicidade e Marketing

Fax 55 21 252-8455 – Telex (021) 33054 CTMB-BR

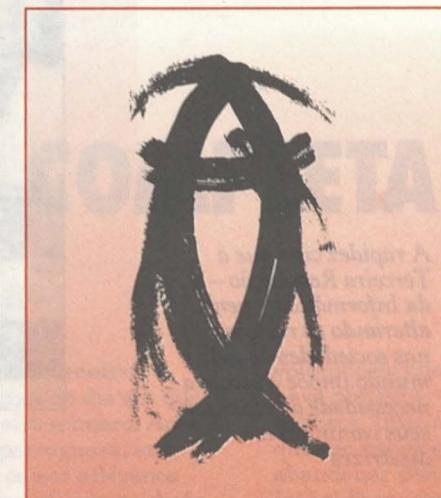
Correio Eletrônico – Geonet: Terceiro-Mundo

Alternext: Caderno

REPRESENTANTES DE ASSINATURAS

Maringá – (044) 224182, Recife – (081) 224-4486
/224-1421, BH – (031) 271-3757, Brasília – (061)
226-6644 e 225-0683, Aracaju – (079) 211-1912,
Rio – (021) 252-7440 / 232-3372, SP – (011)
573-8562/571-9871, Porto Alegre – (051) 227-4772,
Fortaleza – (085) 252-4858, Curitiba – (041)
264-9969, Belém – (091) 235-2146, Uberaba – (034)
333-1635, Campina Grande – (083) 322-7536,
Macapá – (096) 222-0855, Maceió – (082) 326-4922,
Salvador – (071) 242-2077

CARTAS



Fome de ética

Aos pescadores das realidades do nosso Terceiro Mundo, gostaria de agradecer-lhes pela seriedade com que se revelam as reportagens desta revista. Visto que vivemos sob distorções, contradições provindas de uma imprensa geralmente medíocre, **cadernos do terceiro mundo** engrandece-se cada vez mais.

Utilizo esta revista em sala de aula, na tentativa de que meus alunos questionem, opinem e a trabalhem plasticamente. Envio-lhes um pequeno trabalho de minha autoria; talvez o peixe possa representar o alimento, a vida, a fluidez, elementos necessários para a continuidade do nosso planeta Terra.

Penso que a campanha contra a fome, comandada por Betinho, contenha outras espécies de fome, como a fome pela solidariedade humana; pela clareza de meios de comunicação livres, voltados para as populações e não mais para a sustentação de pequenos grandes grupos empresariais corruptos, inescrupulosos, ditadores camuflados. Enfim, fome de viver serenamente.

Agradeço-lhes mais uma vez, desejando que, nos próximos anos, a mesma seriedade dos profissionais desta revista seja refletida naqueles que governam o nosso país.

Fátima Miranda

São Paulo – SP

Banco do Brasil

"Os olhos e os braços do governo são o Banco do Brasil. Olhos porque vêem os problemas, e braços porque funcionam quando se precisa fazer alguma coisa na agricultura." Palavras de Delfim Neto ao Jornal O Estado de São Paulo, no dia 14/07/91. Até ele, que tanto alardeou que os funcionários do BB eram uma espécie de datilógrafos mais bem pagos do país, disse a verdade num raro momento de lucidez. Uma pesquisa recente revelou que as três instituições mais sérias do Brasil eram o Exército, a Igreja e o BB.

Para consolidar não apenas a imagem do banco mas justificando a necessidade da existência de um banco oficial para alavancar o desenvolvimento econômico-social da nação, seu funcionalismo de há muito se engaja na participação efetiva em ações criativas e inovadoras de cunho social. Muitos de seus servidores estão engajados na Ação da Cidadania contra a Miséria, a Fome e pela Vida, principalmente para criar e participar dos comitês de cidadania.

Edivan Batista Carvalho

Fortaleza – CE

Poesia pela saúde

A Academia dos Cordelistas do Crato entrou numa campanha em defesa da Saúde, no Ceará. Um pequeno livro contendo um cordel foi distribuído pelas comunidades explicando como evitar doenças: "Tem tanto pai desleixado, / tem tanta mãe descuidada, / que não lembram das crianças / trazer sempre vacinada; / essa é a melhor maneira da saúde brasileira / ser pra sempre preservada. / Quando o caso é diarréia / que traz desidratação, / existe o soro caseiro / uma boa solução. / Ele tem salvado vidas / de muita gente sofrida / das quebradas do sertão."

Francisco William Brito

Crato – CE



Uma história brasileira de sucesso



Lucram seus 200 mil
acionistas, porque a
Petrobrás é uma empresa
bem administrada, que
dá lucro.

Lucra o mercado de
trabalho, já que a Petrobrás
oferece 50 mil empregos
diretos e mais de
1,5 milhão de empregos
indiretos.

Lucra a economia
brasileira, já que 85% de
todas as compras da
Petrobrás são colocadas
junto a grandes, médias e
pequenas empresas
nacionais.

Lucra o desenvolvimento
regional, já que a Petrobrás
leva seu apoio a áreas
longínquas, onde a outras
empresas petrolíferas não
interessa chegar.

Lucra o consumidor, que
tem na Petrobrás a garantia
de abastecimento de
combustíveis, lubrificantes e
outros produtos, com
qualidade internacional.

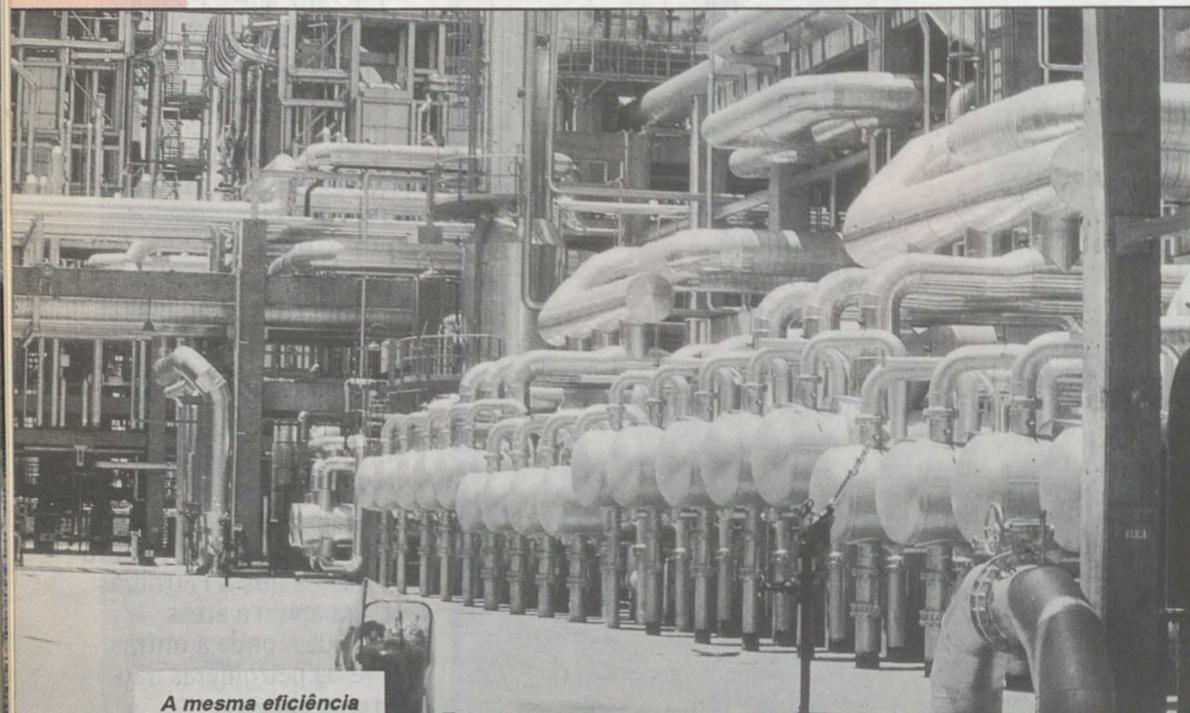
Lucra a tecnologia
brasileira, que encontra no
CENPES, Centro de
Pesquisa da Petrobrás, um
apoio para sua evolução.

Lucra o Brasil, que tem
na Petrobrás um fator de
segurança contra as
oscilações do
mercado
internacional do
petróleo.

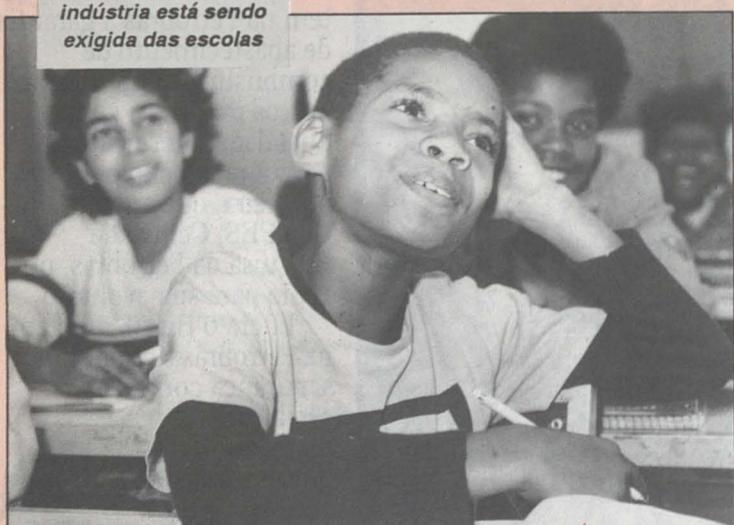


**Quem lucra com o
lucro da Petrobrás.**

A educação para o Terceiro Milênio



A mesma eficiência encontrada hoje na indústria está sendo exigida das escolas



A rapidez com que a Terceira Revolução – a da Informática – vem alterando as relações nas sociedades de todo o mundo impõe à escola a necessidade de repensar seus caminhos e diretrizes

Sandra Almada

Sempre há algo de profético na virada dos séculos. Sobre o século XXI, em especial, além de conhecidas previsões mís- tico-religiosas, pairam outras especulações bastante específicas de natureza político-filosófica. Isto porque o Terceiro Milênio, ao se deixar antever, exibe avanços tecnológicos tão exuberantes quanto assustadores.

As máquinas inteligentes fizeram emergir uma nova forma de produzir ciência. Hoje, nos laboratórios de todo o mundo, assistem-se a simulações de fenômenos que aproximam cada vez mais, nas telas de micros ou de maquinarias eletrônicas mais sofisticadas, a teoria da experimentação. Este é apenas um entre os enormes avanços permitidos pela informática.

As conquistas da tecnologia caminharam, durante o século XX, de mãos dadas com os meios de informação. O rádio, a televisão, o cinema, o vídeo, o computador e os satélites ampliaram o fluxo de informações que hoje, de forma padronizada, circula pelo mundo e altera significativamente os padrões de comportamento em escala planetária. O homem que caminha para entrar no século XXI precisa estar preparado para adequar-se a um mundo que ensaiava transformações de consequências imprevisíveis.

A escola, instituição onde, por excelência, gerações se aprimoram para atuar e intervir no futuro, precisa repensar seus caminhos e diretrizes educacionais, os valores que pretende reproduzir e os saberes que vai ministrar. No caso brasileiro, esta instituição, com problemas e características específicos, vai precisar repensar suas bases estruturais e recuperar o papel que lhe cabe no processo de desenvolvimento do país, no sonho e nas ambições pessoais de milhões de cidadãos.

Um povo obstinado – Sempre que se fala na crise da educação brasileira costumamos recorrer a estatísticas. Percentuais nos aproximam de forma mais objetiva dos fenômenos da repe-

tência, evasão escolar, índices de rendimento e analfabetismo. Fechada dentro de seus muros, a escola brasileira não enfrenta mecanismos sistemáticos de avaliação de seus procedimentos pedagógicos e de seus problemas. A sociedade lamenta a baixa qualidade do ensino público e suas consequências, mas não interfere concretamente nos rumos da educação no país. Talvez por isto cause um certo espanto a releitura dos índices que a estatística oficial costuma emitir.

O Instituto Herbert Levy (IHL), da *Gazeta Mercantil*, com o apoio da Fundação Bradesco, do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Commercial (Senac), elaborou importante

dustrial razoável, contando com a base estreita de mão-de-obra qualificada. Além disso, havia um contingente pequeno de trabalhadores pouco educados e mal preparados para enfrentar desafios mais complexos", explica, acrescentando que, hoje, no entanto, a realidade é outra: "Predominam as altas tecnologias de produção e informação, e nenhum país arrisca-se a entrar em competição por mercados internacionais sem haver antes estabelecido um sistema educacional, onde a totalidade da população e não só a força de trabalho tenha atingido de oito a dez séries de ensino de qualidade."

A relação de exigências que o atual mercado de trabalho faz àqueles que nele desejam ingressar inclui itens bastante conhecidos dos professores e alunos de nossas escolas: é preciso saber ler, interpretar a realidade, expressar-se adequadamente, lidar com conceitos científicos e matemáticos abstratos, trabalhar em grupos na resolução de problemas relativamente complexos, entender e saber utilizar as tecnologias do mundo que nos cerca.

De todos os itens relacionados, apenas o último não é trabalhado na rotina das escolas. O fato de exibir desempenhos tão insatisfatórios na área do ensino deu ao Brasil a "lanterninha" na corrida ao desenvolvimento pela via da educação. No entanto, embora a engrenagem da escola se mostre obsoleta, sem cuidados de manutenção e reparos, bem como carente de investimentos, a população do país demonstra ter mais fôlego em aprimorar-se através da educação do que a instituição é capaz de perceber.

Atrás dos percentuais estatísticos esconde-se um povo obstinado em suportar e adequar-se à rotina da escola.

Na década de 1930, cerca de 60% das crianças brasileiras tinham acesso à escola primária. Atualmente, do total de crianças entre 7 e 14 anos, 95% delas se matriculam na 1ª série do 1º grau.

Entre aqueles que nunca irão à escola, 80% se encontram na região miserável do Nordeste, onde a educação não é prioridade. O documento do IHL mostra ainda que "os 7,5% que se evadem antes de completarem 15 anos de idade

A escola brasileira precisa repensar seus caminhos e diretrizes para recuperar o papel que lhe cabe no processo de desenvolvimento do país

documento sobre *Ensino fundamental e competitividade empresarial*. As bases do trabalho, segundo Horácio Penteado, presidente do IHL, tentam aproximar do sistema de ensino os conceitos de qualidade e competitividade, já tão intrínsecos à lógica empresarial.

Para Penteado, em plena era tecnológica, o mundo está cada vez mais competitivo e internacionalizado, e tem na produtividade e nos padrões de qualidade os principais diferenciais entre as nações. "Na primeira etapa do processo de industrialização foi possível a países como o nosso estabelecer um parque in-

o fazem após um tremendo esforço para permanecer na escola, depois de acumularem um bom número de repetências".

Se ingressar nas salas de aula não parece ser dilema para nossas crianças, mecanismos não muito hospitalares os afastam da escola. "Os graduados levam, em média, 11,4 anos freqüentando as aulas nas séries do 1º grau, o que corresponde a um acúmulo de mais de três repetências por graduado. Mesmo os evadidos cursam, em média, 6,4 anos antes de desistirem, o que demonstra o alto grau de persistência da população em relação à escola", como afirma o documento do IHL.

Se tanta determinação por parte de nossos estudantes – ou de seus pais – não lhes assegura recompensa, em termos educativos e profissionais, pelo menos que sirva para derrubar os mitos que ajudam a estigmatizá-los como incultos renitentes. Não ocorre no Brasil evasão precoce, mas sim altas taxas de repetência. Os estudantes brasileiros entram na escola na idade correta e ficam na escola mais do que os oito anos necessários para cursar o 1º grau.

As estatísticas do Ministério da Educação e Cultura (MEC) mostram que os alunos que se afastam da escola durante o ano letivo são considerados como evadidos do sistema. No ano seguinte, no entanto, eles voltam a se matricular na mesma série, na mesma escola ou em outra, como um aluno novo. A este "fenômeno" dá-se o nome de "repetência branca", uma espécie de mistificação existente na prática pedagógica de todo o país, que faz com que 13% dos alunos considerados como novatos nas escolas sejam, na verdade, reincidentes na 1ª série.

O documento do Instituto Herbert Levy enfatiza que nossas estatísticas oficiais superestimam a evasão e subestimam a repetência. Além da distorção, os dados coletados indicam que o sistema de ensino, de modo geral, institui e

alimenta uma espécie de "cultura de retenção". Por conta dela, até para as populações mais privilegiadas, as taxas de repetência são muito altas. Mesmo aumentando, teoricamente, a qualidade de instrução, as escolas dificultam simultaneamente a promoção de série, de tal forma que a repetência se mantém aproximadamente constante.

Canais de investimento – O levantamento do IHL esclarece que a nossa rede de ensino peca mais quanto à qualidade da educação que oferece do que por qualquer outra falha. Os indicadores mostram que, para aqueles que buscam o acesso à escola, o número de vagas vem crescendo progressivamente nas últimas décadas. Em muitos casos, no entanto, o que a população encontra é uma instituição combalida, funcionando em situação precária.

Em alguns casos, diz o documento, escolas funcionam em três e até quatro turnos, com uma carga horária que vai de duas a três horas de aula por dia, no máximo. Escolas e vagas nem sempre estão localizadas onde está a demanda, e a construção de prédios está condicionada a critérios políticos e arbitrários. "A questão da melhoria física e da expansão do número de escolas precisa ser tratada dentro de uma política administrativa e a partir de critérios técnicos e demográficos. Fazê-lo de outra forma, como ainda se faz, é simplesmente desperdiçar, de maneira irresponsável, os recursos dos contribuintes", declara o documento. A argumen-

Nos Estados Unidos, a propaganda na TV é levada para dentro das escolas públicas



tação é bem fundamentada.

Os cálculos demográficos apontam para uma estabilização da população escolar de 5 a 14 anos de idade. Mesmo nos centros urbanos, a tendência é que, na primeira década do século XXI, o crescimento do número de alunos fique próximo de zero. "Esse dado, em si, já caracteriza a necessidade de rever a prioridade para a qualidade, uma vez que a expansão pura e simples da rede física deixará de ser um problema já na década de 90."

Há ainda dados surpreendentes. O índice de aprovação escolar cresceu durante os anos 80. O número de crianças e jovens que conseguiram terminar as diversas séries do 1º grau e atingir as séries subsequentes vem aumentando, em termos proporcionais. "Se persistirem, no futuro, estas mesmas taxas da década de 80, teremos 95% de uma geração com o 1º grau completo por volta do ano 2100. Se quiséssemos atingir a meta de 90% de uma geração com o 2º grau completo, como já é o caso da maioria dos países industrializados, chegariam lá por volta do ano 3080", projeta o Instituto Herbert Levy.

Estas informações sugerem algumas reflexões. Devemos nos perguntar, seriamente, que fatores atuam nos recuos e avanços que vêm marcando a história da educação no Brasil. Com sua saúde abalada, medida por índices desastrosos, a escola vem conseguindo, em situações muito adversas, aumentar suas taxas de sobrevida. Resta-nos medir as responsabilidades e identifi-

ENSINO

A eletrônica e a informática podem ajudar na educação mas não substituem a figura do professor

car a quem atribuir os fracassos e sucessos na área da educação.

Fracasso proposital – Costuma-se dizer que o Brasil apostou deliberadamente no fracasso de seu sistema de ensino. O fantasma cruel, na análise de muitos, é a metáfora ideal para falar de um Estado comprometido até a raiz dos cabelos com setores da elite do país, interessada em perpetuar os privilégios que adquiriu historicamente, e manter aliado o acesso aos bens materiais e culturais um enorme número de cidadãos. O cutelo que paira sobre a cabeça do povo brasileiro tem a incumbência trágica de “acabar com a educação”, negligenciando-a, assim como punindo com baixíssimos salários os profissionais de ensino que dela sobrevivem e que movem com sua energia e trabalho a máquina de escola.

No item que fala sobre os gastos e investimentos feitos pelo Brasil, na área educacional, a pesquisa do Instituto Herbert Levy informa que, “no caso do governo federal, os recursos orçamentários provêm de fontes ordinárias. Entre estas estão as operações de crédito – como os financiamentos do Banco Mundial –, 18% da receita resultante de impostos, além de 1/3 dos recursos do salário educação, de parte da receita do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social e do Crédito Educativo”.

Os estados e municípios também têm obrigações constitucionais para com a educação. Essa responsabilidade tríplice que envolve os governos federal, municipais e estaduais, além de inúmeras brechas na legislação de outras “não tão legais”, dificulta o reconhecimento dos problemas de dotação orçamentária para a área de ensino.

Segundo o IHL, “cada instância federativa possui regras próprias de contabilização e repasse que mudam com muita freqüência, e é comum encontrar municípios onde os balanços são maquiados. Isto acontece particularmente



no que se refere a verbas supostamente destinadas à construção e manutenção de escolas.”

Para acompanhar os caminhos do escoadouro de verbas da educação, temos que contar ainda com a interferência do fator “heterogeneidade na alocação de recursos”. Acompanhando o compasso das desigualdades sociais do país, as verbas destinadas a escolas rurais e urbanas estão longe de serem alocadas de forma igualitária ou, pelo menos, de acordo com as necessidades da região. Em muitos casos, diz o documento, “não é incomum encontrarem-se escolas pertencentes a uma mesma rede estadual ou municipal onde os recursos existentes, inclusive a quantidade de pessoal, dependem de critérios políticos ou de capacidade gerencial do diretor”.

Descaso orçamentário – Um levantamento feito recentemente pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) revela que, em relação ao resto do mundo, o Brasil gasta muito pouco com educação. Para a escola ou, mais especificamente, para o ensino fundamental, o governo federal deveria destinar 50% dos recursos provenientes de suas receitas fiscais. Mas, na verdade, o MEC aloca ao 1º grau apenas cerca de 13% dos recursos federais destinados à educação e cultura.

Se os recursos da educação de 1º grau chegassem a seus destinos, eles seriam da ordem de 2% do Produto In-

terior Bruto (PIB) – o equivalente a cerca de US\$ 300 por aluno a cada ano. Na verdade, esta cifra desce para US\$ 200, e está longe de significar investimento. Estes valores se referem aos gastos com materiais de manutenção e consumo, com instalações prediais, pagamento de professores e diretores. Na equação dos custos da educação no Brasil, subtrai-se sempre, divide-se mal e o resultado final é destinação de irrisórios 0.6% do PIB para o ensino.

Ná atual situação, 50% dos gastos com as escolas nada têm a ver com as funções primordiais do ensino, e nem cobrem, dignamente, as necessidades de sobrevivência dos mestres brasileiros. Se fossem assegurados os tais 2% do PIB, projetados como “satisfatórios” para resolver nossos problemas de educação, os professores teriam um salário médio na faixa de 300 dólares por mês, trabalhando um período de quatro horas diárias, durante 180 dias letivos. Mas a desvalorização destes profissionais é aviltante. Eles recebem, em média, 1/4 do que o país achou por bem pagar aos educadores da nação. Uma nação “lanterninha” na escalada mundial por melhores resultados em educação.

O país do futuro – A crise que hoje paralisa o desenvolvimento econômico brasileiro e abala a credibilidade de nossas instituições traz no seu bojo tantos conflitos sociais quanto a evidência de que falharam os nossos projetos de nação. Já fomos o país do futuro, que capitaneava no Terceiro Mundo o time da

queles fadados ao sucesso desenvolvimentista. Atualmente, nos deparamos com a articulação de uma nova ordem econômica mundial, organizada em blocos, na qual impera um modelo de industrialização que requer níveis cada vez mais elevados de educação, formação profissional e capacidade intelectual da força de trabalho.

Segundo Isabel Cristina de Carvalho, psicóloga e pesquisadora do Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (Ibase), até há algum tempo atrás o Brasil ocupava o terceiro ou quarto lugar na lista das nações em desenvolvimento, mas os critérios da ONU mediam apenas o desenvolvimento econômico. Mais tarde, este único critério teve que ser contrabalançado por outros, tais como saúde, qualidade de vida da população, preservação do patrimônio ambiental e educação. Com isto, conclui a pesquisadora, "o Brasil passa a ocupar um lugar menos privilegiado, ao lado de economias bem mais frágeis". Cai por terra, portanto, a visão idealizada de que a nação tinha de si própria e ganha lugar, neste final de século, uma visão mais realista das dimensões dos nossos problemas estruturais.

A virada do milênio – Para o professor Cesar Callegari, diretor executivo da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, não podemos esperar que a educação, isoladamente, seja capaz de reverter a situação de desigualdade e injustiças sociais que caracteriza a sociedade brasileira. Callegari argumenta, no entanto, que, elevando-se o nível geral de escolarização e profissionalização da população, teremos maiores condições de participação no mercado. "A educação pode tanto desempenhar um importante papel no desenvolvimento tecnológico do país, como contribuir na formação de pessoas que aspirem a uma sociedade mais igualitária, solidária e democrática. A escola é o lugar privilegiado para a aprendizagem e o exercício destes valores", afirma o professor.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), instrumento que se destina a dirigir a proposta de educação brasileira, encontra-se no Senado fede-

ral aguardando apreciação de seu texto, já aprovado pelo Câmara dos Deputados. Entre as coordenadas que dará aos educadores do país, a LDB introduz duas novidades no currículo da educação básica – a iniciação tecnológica e o desenvolvimento de critérios de leitura crítica dos meios de comunicação social.

As duas inserções, se mantidas na versão final do texto da LDB, tornarão obrigatórias iniciativas pedagógicas que alguns segmentos da escola brasileira vêm tomando, timidamente, ao tentar dar uma resposta educacional aos desafios da era da comunicação.

Durante o XXV Seminário Brasileiro de Tecnologia Educacional, realizado em setembro do ano passado na Universi-

re com os diversos campos da atividade humana, a economia da indústria da comunicação passou a ser gerida por oligopólios. "A informação no mundo vem sendo organizada e administrada por mais ou menos uma dúzia de conglomerados das mídias culturais, incluindo os grupos Time-Warner, Bertelsmann, Hachette, Berlusconi, Maxwell, Murdoch, Televisa e, possivelmente, as Organizações Globo", analisa Ismar, enfatizando que, além do fortalecimento dos sistemas de comunicação e da concentração de seu comando em poucas mãos, observa-se a massificação de uma de suas práticas – o *marketing*.

"A propaganda realizada por corporações internacionais é feita em todos os meios imagináveis, mas especialmente através da televisão. Nos Estados Unidos, onde o *marketing* reina com supremacia, a propaganda é trazida para dentro das próprias salas de aula das escolas públicas. A Whittle Communications Corporation, controlada pela Time-Warner, agora despeja comerciais televisivos em mais de oito mil escolas", afirma Ismar de Oliveira.

O relato é estarrecedor, principalmente quando temos consciência de que a mídia manipula comportamentos e desejos, cria e distorce valores, forma e deforma gerações de crianças e adolescentes. O papel da escola, neste contexto, é, sem dúvida, oferecer oportunidades para que estas gerações, criadas sob a hipnose da telinha, sejam capazes de criticar e refazer o "entendimento do mundo" que lhes chega mediado pela ótica dos meios de comunicação.

Radiotecas – A rede municipal de ensino de Campos, no estado do Rio de Janeiro, foi uma das primeiras a colocar em prática um projeto educacional complexo, inédito, que relaciona as práticas pedagógicas com os meios de comunicação social. O projeto Uso dos Meios de Comunicação na Escola, realizado junto a 22 escolas públicas, tornou-se um referencial para estudos acadêmicos dentro e fora do país.

Segundo sua coordenadora, Amélia Maria de Almeida Alves, professora de Teoria da Educação das Faculdades

*O papel da escola
é oferecer oportunidades
para que estas
gerações, criadas
sob a hipnose
da telinha, sejam
capazes de criticar
e refazer o "entendimento
do mundo"*

sidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), as relações entre os meios de comunicação social, as inovações tecnológicas e o seu impacto no processo educativo foram intensivamente debatidos. O professor Ismar de Oliveira Soares, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), explicou, no seminário promovido pela Associação Brasileira de Tecnologias Educacionais (ABT), que a comunicação e sua manipulação são, na verdade, partes inseparáveis de qualquer ordem econômica, política e cultural.

Nos últimos 50 anos, tal como ocor-

Unificadas Bennett, neste projeto de reciclagem de professores vinha inserida a produção de programas de rádio ao vivo, feita por estudantes. "O objetivo", conta Amélia Alves, "era articular o saber da escola ao saber da mídia. O saber da escola é estratificado e neutralizado pela própria organização dos currículos. O saber da mídia é fragmentado, amplo e mais imediato".

Ela explica ainda que é extremamente importante trabalhar a recepção do aluno aos dois saberes nas duas diferentes situações. Através da leitura crítica das mensagens da mídia, os estudantes passam a retirar deste tipo de saber aquilo que lhes interessa, contextualizam a informação, e a relacionam ao saber científico e a uma visão política. Ela dá um exemplo: "Trabalhamos, certa vez, na análise de uma peça publicitária da gasolina Shell, na qual eram enfatizadas 'as maravilhas' de um elemento químico presente na sua composição. Através de uma aula de química, desmistificou-se a propaganda, já que as crianças aprenderam que o tal componente químico está presente, invariavelmente, em qualquer gasolina, produzida por qualquer fabricante."

Estes alunos, que eram ouvintes de rádio, preparados pelos professores para a análise crítica dos meios de comunicação, transformaram-se em co-produtores do programa Radioteca Jovem, da Rádio MEC. Voltada para o público adolescente, esta

fluência verbal e capacidade de análise crítica. Ao ser indagada sobre se as crianças que produziram a radioteca eram realmente alunas das escolas públicas, a professora respondeu: "São todas elas crianças e jovens da rede municipal, pertencentes às classes populares. Mas isto não deveria causar espanto, já que este país deve muito à educação e aos seus agentes, os professores."

Linguagem virtual na escola – A televisão chegou ao Brasil na década de 50, a tecnologia do videocassete, em 1982, e os computadores começaram a ser comercializados em larga escala a partir da década de 80. Se estas máquinas tivessem dependido do sistema de

"Na educação formal, apesar de todas as contradições e avanços, predomina o conhecimento lógico-matemático. A educação separa corpo e mente, o sensorial do racional, o lógico do intuitivo, o concreto do abstrato, o visual do impresso", analisa Moran. Para ele, "a televisão e o vídeo, ao combinarem uma multiplicidade de imagens e ritmos, falas, música, sons e textos escritos, oferecem combinações de linguagens que saodem nosso cérebro, nosso eu, através de todos os caminhos possíveis, atingindo-nos sensorial, afetiva e racionalmente".

Para os educadores, até mesmo os mais resistentes a mudanças, as tecno-



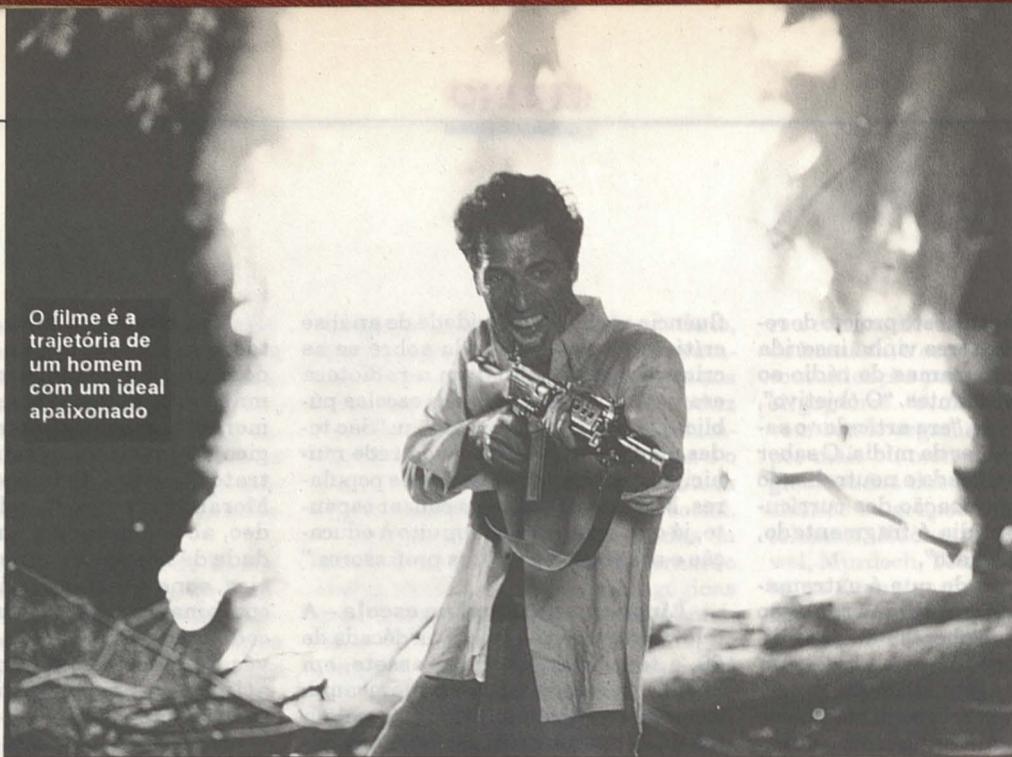
Uma experiência em Campos (RJ) mostrou que os alunos da escola pública compreendem e criticam os mecanismos da mídia

ensino brasileiro para se manter no mercado de consumo, há muito já teriam desaparecido das prateleiras das lojas.

"A escola se amedronta em inovar. O educador do mundo inteiro é resistente à tecnologia", explica José Manuel Moran, professor de televisão na USP. Ele também integra a equipe de pesquisadores do projeto Escola do Futuro daquela universidade, e explica que a sociedade ocidental progressivamente identificou o conhecimento com a razão, a abstração, fruto da leitura, da escrita e do cálculo, supervalorizando seu aspecto intelectual-espiritual, e desprezando o sensorial-afetivo.

logias que hoje batem à porta das escolas significam a mudança dos tempos. Elas fazem parte do mundo onde nossos jovens e crianças – os sujeitos do século XXI –, já estão vivendo. O convívio e adaptação a estas máquinas podem contribuir para uma educação menos coercitiva, mais lúdica e atraente. Sem esquecermos que, por maior que sejam as alterações que a eletrônica vem produzindo nos sistemas de ensino do mundo inteiro, nada substitui o papel político e afetivo do professor na formação das gerações que ainda desconhecem que valores, felicidades e infortúnios lhes esperam no século futuro.

O filme é a trajetória de um homem com um ideal apaixonado



Vida e morte de Carlos Lamarca

Uma das figuras mais expressivas do combate armado à ditadura militar brasileira está chegando às telas dos cinemas

Márcia Cezimbra



O *Lamarca, coração em chamas* conta a trajetória e a morte do capitão e guerrilheiro Carlos Lamarca. Heróico e determinado, o capitão rebelde do Exército que aderiu à luta armada contra o regime militar foi assassinado já famélico e doente em 1971 em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, por tropas lideradas pelo coronel Nilton Cerqueira. Este instante épico, com o ator Paulo Betti vivendo o personagem principal, é uma produção de US\$ 1,3 milhão basicamente financiada pelo governo do Espírito Santo – o novo oásis do cinema nacional.

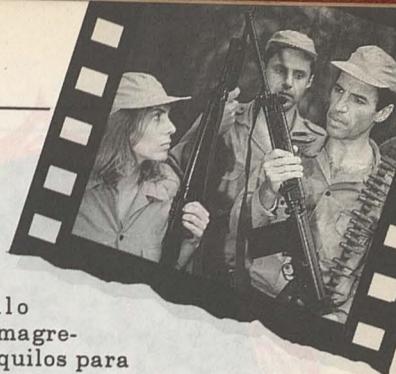
O filme do diretor Sérgio Rezende, de 42 anos, é a imagem de um coração em chamas: "Não é um documentário de época nem uma biografia. É a trajetória de um homem que leva um ideal apaixonado e louco até a morte", diz Rezende. O cineasta não tem qualquer ligação histórica com os anos de chumbo

da ditadura. Nem sabia anteriormente da existência do ex-capitão que se embrenhou quase sozinho no mato para levar adiante a guerrilha justamente no período em que as organizações de esquerda começavam a se desmantelar. "Descobri o personagem em 1991, quando li *Lamarca, o capitão da guerrilha*, dos jornalistas baianos Emiliano José e Aldack Miranda. Achei que a história daria um bom filme", revela.

Que ninguém espere, portanto, uma tese política sobre a estética e a ética das revoltas sangrentas da época. Nem um documentário histórico, embora tudo tenha começado em dezembro de 1970, após o seqüestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher por militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), a organização a que pertencia Carlos Lamarca, e que, em janeiro de 71, foi trocado por 70 presos políticos. O presidente do país era o general Emílio Garrastazu Médici. O cerco dos militares contra os revoltosos está cada vez mais apertado. Os dirigentes da VPR discutem a opção de continuar lutando ou a possibilidade de optar pelo exílio para escapar das prisões e da tortura e se reorganizarem. Neste momento, quando a resistência armada está prestes a ser esfacelada, Lamarca decide-se pela guerrilha no interior da Bahia.

Praticamente sozinho, embarca numa viagem sem volta para a casa de um militante da VPR, o Zequinha Barreto, no sertão baiano. "Na verdade, a guerrilha do Lamarca era solitária, praticamente um processo de fuga. As condições eram muito diferentes, por exemplo, das da guerrilha do Araguaia, que começou a ser preparada pelo PC do B em 1966 e só foi extinta em 1972. Lamarca estava sozinho, sem o apoio de uma organização", comenta o diretor.

A partir deste cenário, *Lamarca, coração em chamas* trata mais da morte do guerrilheiro do que de sua vida. "A vida não chega a ocupar um quinto do filme, contada em *flash back*, em cartas e recordações de Lamarca durante os últimos meses de sua vida", diz Sérgio Rezende. Este é o perfil de uma pessoa



Paulo Betti vive o capitão rebelde enquanto Carla Camurati faz Iara Iavelberg, sua companheira de lutas

totalmente tomada por sua convicção que pode seduzir o espectador. Carlos Lamarca jogou a vida num ato de fé, levou seu desejo de mudança da sociedade brasileira até o fim. "Viver é lutar. Ousar lutar, ousar viver", escrevia ao final de suas cartas para a mulher Marina e para os filhos Cesar e Claudia, na época exilados em Cuba.

Foi esta singularidade de personalidade que apaixonou o ator Paulo Betti. Para entender os mistérios de Carlos Lamarca é preciso não esquecer que ele era, antes de mais nada, um militar. "Militar tem uma vida diferente. Vive

até então insuspeito capitão do Exército: os dois volumes de *Guerra e paz*, o épico de Tolstoi. "Este livro fez Carlos Lamarca repensar toda a sua vida. A mulher dele, Marina, disse que ele decidiu mudar tudo depois de ler *Guerra e paz*", afirma Paulo Betti. Desertou do Exército e partiu para o combate aberto ao regime militar. "O Lamarca é estupido pelos militares como um desvio de conduta. É hilário, mas eles chegaram a fazer teses sobre este comportamento", diverte-se o ator.

Por que a obra de Tolstoi teve efeito tão forte sobre Carlos Lamarca? A lon-

Paulo Betti emagreceu 13 quilos para viver os últimos dias do guerrilheiro. Lamarca e o companheiro José Barreto, o Zequinha, fugiam pelo sertão já mortos de fome quando, no dia 17 de setembro de 1971, foram fuzilados pelas tropas de Nilton Cerqueira. A cena trágica foi filmada justamente em 27 de setembro de 1993, no local exato onde havia a ár-

A mulher do capitão

Marina Lamarca, 56 anos, mulher de Carlos Lamarca e mãe do mecânico Cesar, de 32 anos, e da bióloga Claudia, de 31, não imaginava uma vida tão agitada quando se casou com um pacato militar no dia 3 de outubro de 1959. "Achei que minha vida ia ser tranquila. O Carlos Lamarca tinha as idéias dele, mas entre falar e fazer havia muita diferença. Logo depois que casamos, ele me dizia que em 1970 ia partir para mudar o mundo. Eu, muito alegre, morria de rir com aquilo. Dava gargalhadas", lembra.

Na véspera do ano profético, Marina embarcava com os dois filhos pequenos para um exílio em Cuba. Um país que aprendeu a amar durante os dez anos em que viveu lá com o apoio do governo de Fidel Castro. "Se pudesse escolher onde viver, escolheria Cuba de olhos fechados. Por mais dificuldades que se possa ter, lá somos tratados como seres humanos. Aqui, a gente é charuto em boca de bêbado. Não temos futuro e o dinheiro é esbanjado pelos poderosos. Eu adoro o Brasil, mas essa situação me dá muita tristeza", comenta.

Foi no exílio que Marina aprendeu o que é socialis-

mo, o que é renunciar à família e à pátria. "Nós já tínhamos consciência da miséria daqui, porque o Lamarca não levava a gente ao teatro ou ao cinema. Levava-nos para as favelas, para que a gente visse a realidade brasileira", conta.

Viúva aos 34 anos em Cuba, Marina teve que enfrentar a notícia de que o marido tinha uma companheira importante de lutas e de afetos na Bahia. Iara Iavelberg, que chegou a engravidar e se suicidou em 1971 para não ser presa. Encarou o caso como revolucionária, livre de ciúmes "burgueses": "Não tenho nada contra ela, acho que ela até o ajudou muito. Foi uma emoção que aconteceu com ele e poderia acontecer com qualquer um. Não foi por isso que ele deixou de me amar um minuto sequer, tenho certeza", declara. Marina Lamarca vive hoje em Engenho Novo, no Rio, e está feliz com o filme. "Confio no Sérgio Rezende e já era hora de se mostrar coisas que nunca foram exibidas", diz, mas continua esperando um momento mais importante, o de escrever um livro que possa detalhar a intensidade de uma vida de tanta paixão.

com aqueles rituais de tropa. Um grita para que todos façam sentido, depois grita 'descansar!'. Ele tinha aquela preocupação do atirador, gostava de armas. Era um capitão, um comandante de tropa. E os oficiais são odiados pelos soldados. Eles vivem a distância, cheios de mordomias. Cabe ao capitão dar o exemplo de coragem para que a tropa vença ou não uma guerra", explica o ator.

Paulo Betti foi buscar esta filosofia sobre a personalidade dos militares na mesma fonte que virou a cabeça de um

ga aventura de guerras na Rússia trouxe à tona críticas radicais, porém adoráveis, sobre a existência de uma casta ociosa: os militares. "O livro é maravilhoso. Chega a ser divertido quando Tolstoi postula que o homem seria totalmente feliz se conseguisse se dedicar à preguiça e à contemplação sem culpas. Segundo o escritor, apenas uma categoria dedica-se ao ócio livre de problemas de consciência: os militares. A vida do militar é a apologia ao ócio. Ele ameaça com a guerra qualquer um que queira tirá-lo do ócio", brinca o ator.

vore em que Lamarca descansava quando levou o tiro no peito. Ali, naquele ponto de Brotas de Macaúbas, deverá se erguer um memorial a Carlos Lamarca. Este é o desejo que ficou no ator depois de viver uma vida quase lendária. Ele e um dos irmãos de Zequinha, Oldérico Barreto, um dirigente de trabalhadores rurais, já começaram a levantar fundos para o projeto. Os interessados podem contribuir mandando colaborações para a Cooperativa Agromineral, dirigida por Oldérico. "Vamos homenagear Lamarca", convoca Paulo Betti. ■



A elas o que é delas

Patrícia Costa

Brasileiras se mobilizam para discutir temas que serão abordados na Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento

As brasileiras estão se preparando para a Terceira Conferência Mundial de População e Desenvolvimento, organizada pela ONU, que ocorrerá em setembro, no Cairo, Egito. A primeira foi em 1974, em Bucareste, e a segunda, dez anos depois, no México.

O movimento feminista no mundo está mobilizando diversas entidades governamentais e não-governamentais para o encontro.

Mas o que a mulher tem a ver com População e Desenvolvimento? Tudo, segundo Jacqueline Pitanguy, socióloga e presidente da Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (Cepia), organização não-governamental que busca informar sobre os direitos femininos e atua também em um nível legislativo, elaborando políticas de promoção da saúde reprodutiva em todas as áreas. Jacqueline participa do movimento desde 1974, e foi presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher por quatro anos (de 1986 a 1989). "A conferência do Cairo tratará do tema população, que diz respeito diretamente à mulher, à sua saúde reprodutiva", afirma. É antiga a discussão sobre a legalidade do aborto, o controle da natalidade, o uso de contraceptivos, tudo que gira em torno da concepção e da maternidade. "O direito de ter filhos ou não é da mulher, é uma questão de cidadania. Nós é que temos que decidir sobre como, quando e se queremos ter."

O controle da natalidade nos países do Terceiro Mundo é dos temas mais importantes abordados. As opiniões estão divididas em dois grupos basicamente: os controlistas, geralmente dos países do Norte, defendem o controle da natalidade através da esterilização das camadas mais pobres; já os desenvolvimentistas, dos países do Sul, consideram que o controle pode ser feito através de uma justa distribuição da renda, de melhoria da qualidade de vida e da educação.

Por isso, o grande interesse feminino na conferência sobre população. No Brasil, e em vários países, as mulheres se mobilizaram para atuarem junto aos seus respectivos governos em relação ao problema da população. "É um tra-

balho crucial, pois o resultado da conferência depende da posição de cada governo", diz a socióloga, para quem a participação das mulheres será decisiva no Cairo.

Encontro nacional – Neste contexto, a Cepia, juntamente com mais seis entidades – Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep); Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA); Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde; Comissão de Cidadania e Reprodução; Geledés – Instituto da Mulher Negra; e SOS Corpo – criou um comitê organizador que promoveu o Encontro Nacional Mulher e População/Cairo'94, ocorrido em setembro do ano passado.

O encontro foi repleto de surpresas para Jacqueline. Primeiramente porque diversas entidades já haviam promovido encontros menores para discutir, o que fez com que os debates se desenvolvessem com mais maturidade e clareza. Segundo, a grande participação de organizações sindicais, como a CUT, a CGT e a Força Sindical, mos-

não conhece

trou como o movimento das mulheres está extrapolando o universo mais tradicionalmente feminino e entrando no cotidiano da sociedade. E, em terceiro lugar, o grande número de participantes, mais de 400, o que fez a socióloga concluir que a mobilização das mulheres é cada vez mais significativa.

O Ministério das Relações Exteriores também mandou um representante, demonstrando que o governo está receptivo às propostas das mulheres. "Nós conseguimos uma interação com o Itamaraty, que está preparando um documento oficial brasileiro para enviar à comissão organizadora da ONU para a conferência do Cairo que, como tudo o que organiza as Nações Unidas, tem um caráter governamental. O encontro resultou numa carta, que chamamos *Carta de Brasília*, com várias disposições e propostas referentes aos direitos da mulher."

Algumas destas propostas foram acatadas pelo governo, mostrando que o diálogo entre sociedade e Estado pode ser possível. A *Carta de Brasília* está sendo distribuída pelo Brasil inteiro numa tentativa de divulgar os temas a serem tratados e promover outros encontros até a conferência no Egito.

O encontro em Brasília, para Jacqueline, foi eminentemente político, e seu resultado também foi um documento político.

A delegação brasileira que vai ao Egito, em princípio, será formada somente por pessoas do governo. "Queremos mostrar ao Itamaraty que devem ser incluídos grupos de pessoas da sociedade civil, pois somos a parte mais interessada no evento. Os Estados Unidos, por exemplo, têm uma delegação composta por representantes do governo e de entidades civis. Isso é democracia", diz a socióloga. Por enquanto, o governo não se manifestou sobre isso, mas Jacqueline tem esperanças de que esta posição poderá ser modificada.

Em abril deste ano, será realizada, em Nova York, a Conferência Preparatória Oficial para o Cairo, e é impor-

tante que o documento oficial brasileiro esteja pronto para ser apresentado. "É fundamental que essa discussão seja feita entre sociedade civil e governo", afirma ela.

Jacqueline esclarece que, durante a conferência do Cairo, haverá um fórum não-governamental paralelo, que reunirá entidades civis de todo o mundo, como ocorreu na Rio-92 com o Fórum Global, que se reuniu no Aterro do Flamengo. Mas destaca a importância da representação civil nas decisões governamentais: "Não é só a conferência em

ram, em Londres, em setembro do mesmo ano, um manifesto cujo objetivo é contribuir para a reformulação da agenda da conferência do Cairo. Esse documento foi distribuído para entidades do mundo inteiro e modificado de acordo com as particularidades de cada região.

Está sendo realizada também, neste mês, no Rio de Janeiro, a Conferência Internacional de Saúde Reprodutiva e Justiça, cuja temática está diretamente ligada com a conferência do Cairo. Jacqueline conta que estão sendo esperadas mais de 200 pessoas para o encontro, que servirá como um ensaio para o grande evento de setembro. Para ela, é importante discutir os direitos reprodutivos da mulher, principalmente num país onde a grande maioria da população não sabe que isso existe.

Contexto nacional

Em termos de Brasil, não há uma política de promoção de saúde reprodutiva sob nenhum aspecto. Grande parte das mulheres brasileiras não tem acesso a informações sobre contracepção, aborto e doenças como a Aids. "A proibição do aborto, por exemplo, é uma grande hipocrisia, pois sabe-se que são feitos cerca de três milhões de abortos por ano no Brasil", afirma Jacqueline. Mas o quadro da saúde é dramático em todos os níveis e a ignorância é o pior dos males. A Cepia atua neste sentido, promovendo programas de educação e saúde pública junto a comunidades e sindicatos, como o das empregadas domésticas, e ensinando às mulheres quais são os seus direitos.

"Este é um trabalho que nos dá muita satisfação, pois é uma tentativa de derrubar tabus como o aborto e a Aids. Estamos encontrando respostas favoráveis. O caminho é longo, mas esperamos contribuir para a melhoria da qualidade de vida de muitas famílias e de muitas mulheres", afirma a socióloga. Para ela, lutar pelos direitos da mulher é caminhar para a cidadania plena, que inclui o direito a uma vida sexualativa e saudável.



"O direito de ter filhos ou não é da mulher, é uma questão de cidadania"

si que é importante. Todo o processo pelo qual estamos passando também é muito significativo."

Mulheres do mundo – Encontros como o de Brasília estão sendo promovidos em todo o mundo. A nível latino-americano, ocorreu no México, em julho do ano passado, um encontro regional. Além disso, mulheres de Barbados, Inglaterra, Estados Unidos, Uganda, Filipinas e França, entre outros, elabora-



A Carta de Brasília

População são homens e mulheres, de diferentes raças, classes, etnias e culturas que nascem, vivem, amam, trabalham, se reproduzem, envelhecem e morrem. Desenvolvimento significa a satisfação das necessidades humanas básicas. Portanto, o desenvolvimento deve ser pensado em função da população e não o contrário. Políticas populacionais como instrumentos para atingir metas demográficas pró ou antinatalista devem ser substituídas por políticas de desenvolvimento humano.

Políticas públicas voltadas para a educação de base, para o combate à mortalidade pela alimentação e pela saúde, para o exercício pleno dos direitos reprodutivos, são condição *sine qua non* de

mulheres, a livre escolha de sexualidade e fecundidade, a possibilidade de dispor do próprio corpo. Isto inclui o direito à procriação e ao aborto. Tais direitos estão ameaçados por práticas forçadas ou induzidas de esterilização. As mulheres, vítimas de opressão, se sentem no dever de denunciar e declarar inaceitável esta lógica de exclusão e desumanização.

A Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento (Cairo'94) será um momento privilegiado para as cidadãs do planeta intervirem na equação população/recursos mundiais. Cabe às mulheres exigir que as políticas públicas reconheçam seus direitos sobre o controle da fecundidade.

No Brasil, registram-se mudanças radicais na distribuição da população, sendo a urbanização o efeito mais evidente, assim como uma transição demográfica que não acarretou melhoria na qualidade de vida nem reduziu a degradação ambiental.

A concentração da propriedade da terra no campo, a exclusão das trabalhadoras rurais e de trabalhadoras urbanas (como as empregadas domésticas) dos direitos sociais já assegurados a outras categorias acentua a vulnerabilidade social destas mulheres.

A queda de fecundidade no país teve lugar no contexto de deteriorização dos serviços públicos de saúde, de violenta medicalização e desumanização da gravidez e do parto.

No campo das novas tecnologias reprodutivas e contraceptivas, é urgente reconhecer o respeito à ética e aos direitos humanos. E as pesquisas de contracepção masculina, que têm recebido pouca atenção, exigem avanços inadiáveis. Dentre as desigualdades da sociedade brasileira destacam-se as relações de gênero por seus efeitos sobre a sexualidade, as práticas reprodutivas e a saúde. A expansão da Aids entre as mulheres demonstra desigualdade de poder entre homens e mulheres, que afeta a capacidade delas para negociar relações sexuais saudáveis.

O aumento da prostituição, em especial das meninas e adolescentes, decorre da falta de oportunidades educacionais e trabalho. A interrupção da gravidez indesejada é um fenômeno de caráter global, com elevados custos para as mulheres nos contextos em que o abor-

to é criminalizado; e, em particular, no Brasil, as mulheres morrem de abortos clandestinos. Observa-se também uma radical reestruturação da organização da família, em que emergem novos tipos de conjugalidade e o crescimento do número de famílias chefiadas por mulheres.

Diante deste quadro, apresentamos as seguintes propostas: 1) As políticas globais de desenvolvimento devem ser pautadas pelas necessidades e aspirações e regidas pelo respeito aos direitos humanos. 2) As políticas de população devem ser substituídas por políticas de desenvolvimento humano e as mulheres devem ser consideradas como sujeitos. 3) As propostas do governo brasileiro para o Cairo devem visar a assegurar a qualidade de vida, superando desigualdades de classe, raça e gênero. 4) O governo brasileiro deve propor mecanismos globais de financiamento das políticas de desenvolvimento humano dentro da concepção de responsabilidade compartilhada. 5) Manutenção do compromisso do governo com a sociedade civil no sentido de garantir a interlocução no processo que leva à Prepcom III da própria Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, assegurando condições efetivas de diálogo e participação na Delegação Oficial. 6) A implementação de políticas sociais capazes de promover os direitos básicos das mulheres nas áreas do trabalho no campo e na cidade; da educação; de saneamento básico; e de programas voltados para eliminação da violência contra as mulheres. 7) Os direitos sexuais e reprodutivos de heterossexuais, lésbicas e gays devem ser integrados à agenda internacional dos Direitos Humanos. 8) Reconhecimento do aborto como um direito e um problema de saúde pública. 9) A implementação imediata do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Paism). 10) O posicionamento brasileiro deve refletir a multiplicidade das formas de família e a todas elas devem ser assegurados direitos e apoio social. 11) Assegurar mecanismos de acompanhamento e monitoramento das políticas que venham a ser definidas pela Cairo'94. 12) Faz-se urgente a democratização do conhecimento e da mídia para corrigir essas distorções.

Brasília, 28 de setembro de 1993.

"As mulheres têm o dever de denunciar e declarar inaceitável a exclusão e desumanização"

uma qualidade de vida que será fator de equilíbrio da população mundial. Isto só será possível mediante uma repartição mais justa dos recursos mundiais.

No plano internacional, a aceitação do princípio do nosso futuro comum, enunciado na Rio-92, deve ser acompanhada da responsabilidade compartilhada pelas nações no enfrentamento da miséria e da desigualdade mundiais.

Um bilhão e trezentos milhões de seres humanos vivem em estado de absoluta pobreza. Trinta e dois milhões de brasileiros morrem um pouco de fome a cada dia. Fome e pobreza são a grande catástrofe ecológica.

Os desastres do crescimento sem emprego implicam uma revisão dos critérios do progresso tecnológico para que a economia não seja fator de desagregação. Por toda a parte os pobres migram em direção aos centros de prosperidade. As fronteiras se fecham, o medo do outro se instala, reforçando a xenofobia e o racismo. O apartheid social e racial é incompatível com a democracia.

É direito das pessoas, em especial das

A maioria da população não conhece ninguém que ganhou na Loterj.

**Porque
os
ganhadores
da Loterj não são
pessoas
famosas.**

São gente do povo, como você.

Você já deve ter visto na televisão muita gente que ganhou na Loterj.

É bem provável que você não se lembre do nome de ninguém.

Porque os ganhadores da Loterj não são pessoas famosas.

São gente do povo, pessoas como você.

Ganhar na Loterj é pura questão de sorte.

Para ter acesso a essa sorte, você só precisa comprar um

bilhete tradicional ou uma raspadinha da Loterj.

Prefira sempre os bilhetes e as raspadinhas Loterj.

Eles distribuem milhões de cruzeiros reais em prêmios e carros zero km, só no nosso Estado. Só no Rio.

As extrações do bilhete tradicional são feitas na rua, na frente de todo mundo, toda sexta-feira às 18:00 horas. Com as raspadinhas Loterj, você pode ganhar todo dia, e você mesmo faz o sorteio,

raspando a sua cartela na hora.

Tudo é altamente fiscalizado. Na Loterj só ganha quem está com sorte.

Porque a Loterj é sorte com seriedade e segurança.

Loterj
loteria do estado do rio de janeiro

a sorte do Rio

Adélia sá de Barros ganhou um Omega.

Carlos Antonio Freitas ganhou um Ômega.

Amaldo Ferreira ganhou um Fiat.

Francisco Costa ganhou um Fiat.

Feliciano de Carvalho ganhou um Fiat.

Raimundo Alves ganhou um Fiat.

Alzira Moreira ganhou um Fiat.

O Brasil segundo a chanchada

Juliana Iotti

Se você não pertence à geração que durante os anos 50 e 60 freqüentava as salas de cinema do Rio de Janeiro, se era muito novo ou ainda nem sonhava em nascer, tente imaginar a seguinte cena: em uma fila enorme, daquelas que dão a volta no quarteirão, centenas de pessoas esperam, sob um sol escaldante de verão, a sua vez de assistir a uma nova fita.

Em cartaz, nenhum dos famosos *westerns* italianos, nenhum romance açucarado de Hollywood. O que levava tanta gente a sair de casa e a esperar horas na fila era um filme 100% nacional. Isso mesmo, o cinema nacional prestigiado por brasileiros que, ansiosos, aguardavam sempre outros lançamentos, pois cerca de 300 filmes eram produzidos todos os anos.

Diante do atual marrasmo do cinema brasileiro, fica difícil acreditar que tenha havido uma época onde um filme nacional tenha atraído tanta atenção. Mas estas cenas repetiam-se a cada vez que uma nova produção de um gênero populíssimo — a chanchada — era lançada.

A chanchada foi responsável pelo que atualmente poderia soar como milagre: a sustentação do cinema nacional como uma indústria que produzia centenas de filmes por ano, todos com grande audiência, tendo criado verdadeiros ídolos das



O filme 'Colégio de Brotos', de 1956, é uma chanchada com elementos de mistério

Entender o fenômeno cinematográfico da década de 50 ajuda a descobrir que país era o nosso na época e por que razão havia tanto interesse por aquele tipo de cinema

multidões, a exemplo dos atores Oscarito, Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Anselmo Duarte e Eliana.

O Rio de Janeiro, capital federal na época, possuía aproximadamente 300 salas de exibição. O Brasil começava a ter sua própria indústria cultural, ainda que incipiente, com representantes no cinema e no rádio, a Rádio Nacional, com uma audiência de 50%. Mas, afinal, que cinema nacional era este, tão popular e com uma indústria tão produtiva?

Fundamentada no teatro "ligeiro" e nos nomes conhecidos dos meios de comunicação da época, como os ídolos do rádio, as chanchadas eram quase sempre comédias, entremeadas por longos números musicais, onde a realidade brasileira era retratada de forma satírica. Havia também filmes de ação, faroestes e outros gêneros, mas a tônica eram as canções — marchinhas de carnaval, quase sempre interpretadas por ídolos da música — e o humor, ingênuo e rascante a uma só vez. Mas não era só isso.

Na tentativa de compreender o fenômeno da chanchada, a pesquisadora Rosângela de Oliveira Dias publicou o livro *O mundo como chanchada: cinema e imaginário das classes populares na década de 50*, resultado da sua tese de mestrado em História, defendida na Universidade Federal

CULTURA

**José Lewgoy
virou o eterno
bandido**



Fluminense (UFF) após três anos de pesquisa no eixo Rio-São Paulo. Segundo Rosângela, as chanchadas eram repletas de significados, um "meio pelo qual se pode conhecer a interpretação de mundo do público que o prestigia e dos criadores dos filmes".

A pesquisadora observa que o gênero conseguiu sintetizar o espírito do cidadão comum da década de 50 em personagens como os de Oscarito e Grande Otelo. A maioria dos filmes retratava, além dos arquétipos clássicos de mocinho e vilão, a figura do "virador", ou seja, aquele cidadão que sobrevivia ou aumentava sua renda com pequenos golpes e armações. Era um instantâneo de um Brasil alegre e debochado, capaz de se ver e de rir de si próprio. "Havia um deboche muito grande, não se tinha medo de expor as mazelas da sociedade", afirma a pesquisadora.

Dercy Gonçalves é uma artista de origem popular, como tantos outros da época da chanchada

Uma das hipóteses desenvolvidas por Rosângela é a de que as chanchadas eram extremamente populares por tratarem de um universo cultural semelhante ao de seu público. Nos vários filmes produzidos na época, os diretores e atores logravam identificar e reproduzir momentos da vida do brasileiro comum, criando um clima de intimidade com as platéias mais populares.

Negando o naturalismo *hollywoodiano*, a interpretação caricatural dos ídolos das chanchadas era um dos motivos da grande popularidade que gozava o gênero no Brasil. Havia os estereótipos, sendo José Lewgoy o eterno vilão, a atriz Eliana, a mocinha, Anselmo Duarte, o galá, e – é claro – Oscarito, Grande Otelo e Zé Trindade, os malandros, os bufões, capazes de arrancar sonoríssimas gargalhadas do público.

Dentre as razões da empatia estabelecida com a platéia estava a humanização que Oscarito conferia a seus personagens. Homens do povo, sofridos e humildes, mas que não perderam o humor nem a esperança de ascender socialmente, ou apenas de "ganhar alguns trocados" através de pequenas virações ou golpes. Para Rosângela, este tipo de

herói, o cômico, pode ser considerado uma variante do mártir redentor. "Os heróis cômicos são adorados pelo público. Por isso rimos deles, o que faz aumentar nossa adoração e empatia para com o personagem", teoriza.

A origem destes ídolos era outro fator que aumentava esta identificação com o público. Na sua maioria, eles provinham de camadas mais pobres da população, como Dercy Gonçalves, filha de alfaiate que teve de fugir para seguir carreira, e Grande Otelo.

De acordo com Rosângela, a identificação costumava ser imediata, e as

revistas especializadas da época contribuíam para estabelecer esta idéia de ascensão social possível, igualando os artistas a seu público. Eram diferentes dos heróis e mocinhas *hollywoodianos*, glamourosos e inatingíveis em todo seu fausto e sua beleza irretocável.

Ao colocar na tela, de forma tão nítida, o comportamento, o gestuário e a terminologia, incluindo as gírias da classe popular da época, a chanchada aumentava ainda mais sua identificação com o público. No gestuário e no linguajar dos atores estavam presentes os meneios e os trejeitos de artistas circenses ou do teatro de revista, outro gênero que gozava de grande popularidade.

A presença da música, elemento que pontuava todos os filmes do gênero, deve-se ao fato de ser esta o principal produto da indústria cultural brasileira da época, pois era o período do apogeu da Rádio Nacional, "principal meio de propagação de cultura de massa em um Brasil onde a televisão ainda não existia".

Os números musicais das chanchadas eram impreteráveis, tendo sempre coreografias esmeradas, francamente inspiradas nas *hollywoodianas*, além de servir como meio de divulgação das marchinhas carnavalescas. Os cenários – que por vezes ostentavam símbolos de "brasilidade" como coqueiros, mulheres em grandes biquínis ou mesmo o calçadão de Copacabana – eram luxuosos.

A chanchada tinha uma visão carnavalesca do mundo, onde dominavam a sátira e a paródia. Para a pesquisadora, esta era mais uma forma de aumen-





'O Golpe de 1955', com
Violeta Ferraz
e Oscarito

tar a popularidade do gênero, pois a resposta desta população às dificuldades da vida cotidiana eram a irreverência e o deboche.

Em seu livro, Rosângela discorre sobre a carnavalização do mundo promovida pela chanchada, afirmando que esta "elabora uma análise do mundo social pelo desdobramento da realidade diante de si mesma, mirando-se no seu espelho social e ideológico". Ainda segundo a pesquisadora, a malandragem é mostrada na chanchada de forma alegre e irreverente, sem conotação pejorativa ou didática, pois nos filmes não há punição para malandros.

José Lewgoy, em seu depoimento no filme *Assim era a Atlântida* – documentário dirigido por Carlos Manga sobre a maior produtora de chanchadas do Bra-

fim, acreditava-se que éramos um país viável, que sairia do atraso através de muito trabalho.

No entanto – segundo vários pesquisadores do assunto –, o enorme sucesso das chanchadas junto ao público não era resultado de uma propaganda do discurso desenvolvimentista oficial.

No revés deste discurso dos anos JK, o trabalho não era valorizado na chanchada. Na temática destes filmes, não se considerava possível ascender socialmente ou mesmo enriquecer através do trabalho. Daí a grande frequência do tipo do malandro. Segundo Rosângela, os personagens das chanchadas não compactuavam com a ideologia desenvolvimentista. "Isso não aparecia na chanchada", diz a pesquisadora, afirmando que os filmes do gênero deixavam bem claro que o trabalho não traria riqueza para ninguém.

Grande Otelo
e Oscarito:
a dupla de ouro
da chanchada

Para ela, o público identificava-se com o anti-herói. "As classes populares teriam criado um discurso que se oponha a este discurso dominante, propondo, através da carnavalização, um outro padrão de sociedade. O homem chanchesco não era o proposto pelas elites do país", garante.

Apesar de constituírem enorme sucesso de público, as chanchadas eram vistas com desprezo pelos intelectuais da época. Seu espírito caricatural, jocoso e irônico, onde perambulava o brasileiro malandro, simples e virador, não agradava à elite cultural que, segundo Rosângela, propunha uma "ideologia da seriedade". A chanchada usava o cômico e a paródia para criticar a realidade social brasileira da época, como a inoperância do serviço público, o aumento frequente dos alimentos e dos serviços, para fazer uma crítica do cotidiano.

Os diretores de chanchadas não eram considerados como pertencentes à elite intelectual ou econômica; prova disso eram as duras críticas que a intelectualidade, principalmente a paulista, dirigia às produções do gênero.

Embora não agradasse a gregos e troianos, a chanchada não deixa dúvidas quando se refere aos números. Era uma época onde o cinema nacional conseguia competir com os produtos internacionais, ainda que não em pé de igualdade, tarefa que parece impossível nos dias de hoje, considerando a quase total ausência de filmes brasileiros em cartaz ou em fase de produção.

Segundo Rosângela, além dos problemas financeiros que dificultam qualquer forma de expressão artística no país atualmente, existem outros fatos que esvaziaram as salas de exibição de filmes nacionais. Para ela, apesar do famoso "jeitinho brasileiro" ser comum às duas épocas – as chanchadas já retratavam as "virações" –, o país hoje é o da corrupção e o da violência, e a conjuntura atual não favorece o riso ingênuo como foi o da chanchada. "Hoje, é difícil delimitar onde começa o jeitinho e onde começa a corrupção, que também é uma forma de violência", declara, acrescentando que o Brasil é hoje um país que não quer mais se ver, um país difícil de se sintetizar em filmes.

Utopia do sertão

Canudos foi a primeira tentativa de uma sociedade sem classes, baseada na solidariedade. Por isso, foi esmagada

tes. A primeira expedição compunha-se de 100 soldados; a segunda, de 600; a terceira, de 1.200; a quarta, de cerca de 10 mil, num Exército de 20 mil.

"A primeira, a segunda e a terceira foram abatidas em combates de horas; a quarta durou quatro meses e, por várias vezes, esteve prestes a ser destroçada. Salvou-se graças ao grande esforço que recebeu quando se achava em perigo, o que representou, pode-se dizer, uma quinta expedição. Entre a preparação das expedições e as batalhas travadas, a campanha de Canudos durou de 4 de novembro de 1896 a 6 de outubro de 1897. Não se tratava de uma simples insurreição de sertanejos, e sim uma guerra civil."

Como puderam os sertanejos vencer ou enfrentar metade do Exército brasileiro? O que Antônio Conselheiro tinha que fascinava os sertanejos? Por que o interesse em destruir Canudos?

Conselheiro nasceu em Quixeramobim, no Ceará. Seu pai era comerciante, sua mãe faleceu quando ele tinha seis anos e três irmãos menores. O pai se casou novamente e o pequeno Antônio sofreu muito com a madrasta autoritária e agressiva. De gênio quieto, aprendeu

a ler e começou a ter aulas com o professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, aprendendo, com afinco, matemática, geografia, francês e latim. Sua educação foi muito importante para seu futuro fascínio. Quando estava com 27 anos, Antônio Maciel perdeu o pai, assumindo a tutela das irmãs e dos negócios, cuja dívida deixada o levou à falência. Casou as três irmãs e mais tarde fez o mesmo, mas foi infeliz no casamento. Depois de muitas mudanças, empregando-se como advogado, professor, juiz, entre outros, em cidades do Ceará, foi acometido de tremendo desgosto quando sua mulher, Brasilina, fugiu com um sargento.

A partir daí, Conselheiro tornou-se peregrino e passou a vestir-se como ficou conhecido: bata azul, cabelos e barbas longas, com um bordão na mão sempre a caminhar e pregar, construindo e reformando igrejas, capelas e cemitérios.

Em suas prédicas, mostrava ser um grande intelectual, contrariando a historiografia conservadora que o chama de demente e ignorante. Conhecia Santo Agostinho e a Utopia de Thomas More, Homero e Campanella, entre outras obras e autores, das quais provavelmente não tinham conhecimento os militares que o atacavam.

Após várias perseguições por parte das autoridades, tanto civis e militares quanto religiosas, já peregrinando pelo norte da Bahia e com um grande séquito de seguidores, Conselheiro decidiu construir a Utopia. Sabia, de antemão, que não o deixariam em paz pelas suas pregações populares, antilatifúndio e antiinjustiças cometidas pela República que acabava de ser proclamada.

O ascetismo e a promessa de construção do Reino de Deus na terra fascinava o homem do sertão que vivia deserto pela sociedade. Os que seguiam Conselheiro eram sertanejos pobres, jagunços estropiados, caboclos, negros ex-escravos, enfim, os sem-terra que sofriam humilhações e eram explorados pelos coronéis proprietários do latifúndio – até hoje o grande problema do Nordeste e do Brasil.

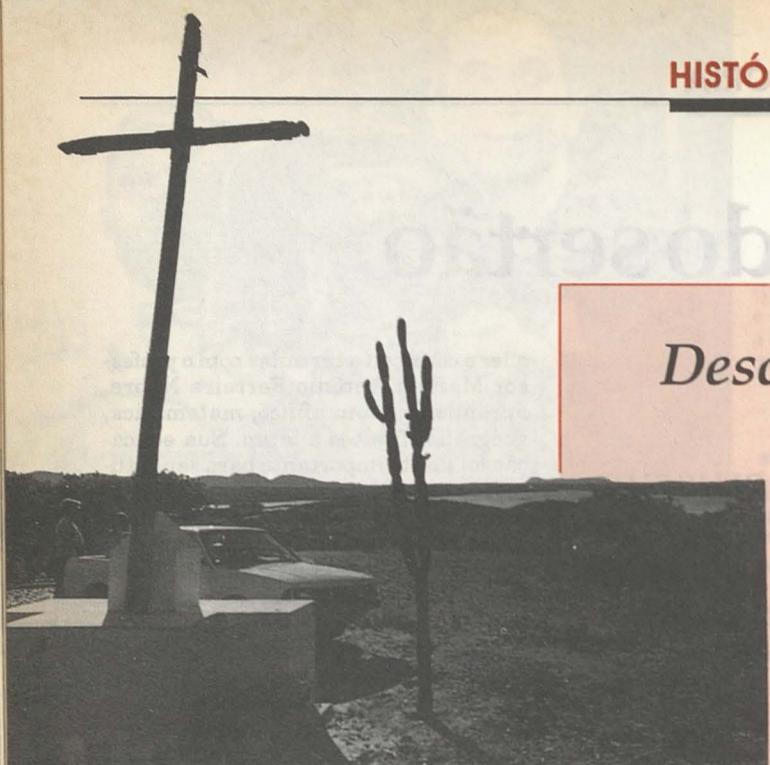
Em Belo Monte todos eram bem acolhidos, todos eram irmãos, os que chegavam despojavam-se da ganância e

Claudio Maffei*

O ano de 1993 foi festejado com muita reverência no norte da Bahia, principalmente em Canudos, cuja fundação completou um século. Foi ali que floresceu a utopia criada pelo Bom Jesus – como o povo do sertão chamava Antônio Vicente Mendes Maciel –, conhecido pela História como Antônio Conselheiro.

Hoje, a Canudos (ex-Belo Monte) de Conselheiro repousa irrequieta sob o açoite de Cocorobó, construído pelo governo militar em 1968, numa tentativa de apagar a memória da guerra e da ferrenha resistência do povo do sertão.

Escreve Edmundo Moniz, autor que bem retratou a verdadeira História de Canudos: "A primeira expedição contra Canudos foi comandada por um tenente; a segunda, por um major; a terceira, por dois coronéis que perderam a vida; a quarta, por quatro generais, numerosos coronéis, maiores, capitães e tenen-



Local da instalação do canhão "matadeira" usado na última batalha para destruir Canudos, em outubro de 1897

quando tinham alguma coisa doavam para ser repartida pela sociedade. Uma cidade assim no Nordeste só poderia ser vista como um paraíso para os filhos do sertão. Logo o pequeno arraial passou a ser a segunda cidade da Bahia, com 30 mil habitantes, só atrás da capital, Salvador. Sua economia baseava-se principalmente na criação de cabras, cuja pele era exportada até para a Alemanha.

Exemplo único de justiça no sertão, Canudos incomodava a ordem político-religiosa estabelecida pela República. Assim como Cuba hoje, Canudos era, para as elites, um mau exemplo que poderia ser seguido e, por isso, tinha que ser destruído.

As autoridades religiosas invejavam Conselheiro (ele continuou respeitando a religião católica, seus dogmas e sua hierarquia, sem nunca se autopromover ou servir como sacerdote), que arrebanhava mais ovelhas que os pastores da Igreja.

As autoridades políticas, insufladas pelos latifúndios e envolvidas com o interesse dos militares no jogo da sucessão presidencial, viram em Canudos uma chance de realçar as atitudes heróicas do Exército, demonstrando superioridade sobre os Casacas – termo que o general Floriano Peixoto usava para designar os civis. Derrotar um bando de sertanejos “fanáticos”, mal armados, seria uma oportunidade para destacar-

Descendentes de Conselheiro

O medo de estar ligado ao líder de um movimento que a República considerou subversivo e condenou ao esmagamento fez com que permanecessem no anonimato durante anos os descendentes de Antônio Conselheiro, fruto de seu envolvimento com Joana Batista de Lima, a *Joaquina Imaginária*, segunda mulher do fundador de Canudos. Somente no ano passado foram localizados o neto de Conselheiro, Joaquim Aprí-

gio Filho, então com 84 anos, em Guaraciaba do Norte, no Ceará, e o bisneto, Orlando Oliveira (52 anos), filho de Joaquim.

Joaquim Aprígio Filho, mais conhecido como “seu Quincas”, vem a ser o filho caçula de Joaquim Aprígio e Silva. O parentesco foi comprovado por pesquisadores universitários a partir da certidão de nascimento de “seu Quincas”, que guarda semelhanças físicas com a figura beata de Antônio Conselheiro apresentada nos livros. Joaquim Aprígio Filho contou que, por medo, seu pai falava muito pouco em Conselheiro. Pobre e analfabeto, ele não tinha idéia da dimensão de Canudos na história dos movimentos sociais brasileiros.

se daí um líder em condições de assumir o poder.

O engano foi gigantesco. Canudos resistiu, desbancando vários chefes militares arrogantes, mostrando-se Con-

A Utopia de Canudos é a negação de que somos um povo acomodado e a afirmação da resistência popular do povo brasileiro

guerra de guerrilhas na caatinga.

O total conhecimento do terreno e seu consequente aproveitamento, a utilização de superioridade tática em detrimento da superioridade estratégica possuída pelo Exército e seus canhões levaram Conselheiro a uma concepção de guerra que deixou estarrecidos os coronéis, maiores e generais. A “fraqueza do governo”, como gritavam os sertanejos aos soldados, demonstrou a importância da utilização da guerra psicológica. Canudos não se rendeu, foi esmagado pela superioridade técnica e quantitativa do Exército que a combateteu.

A exemplar resistência do sertanejo, a viabilidade de uma sociedade justa, sem classes, em pleno sertão nordestino e a concretização da Utopia conselheirista são prova mais fiel da mentira que as elites colocam sobre as costas dos brasileiros: a de que somos um povo pacífico e acomodado. A Utopia de Canudos é a negação desta mentira e a afirmação da resistência popular do povo brasileiro, que sempre lutou e continuará a lutar por sua liberdade.

* Professor de História da rede pública estadual de São Paulo e coordenador da Solidariedade Popular, seção Porto Feliz.

Fique do nosso lado ASSINE

CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO

PROMOÇÃO
ESPECIAL

Desconto de 20%
para pagamento
à vista



PREÇOS E FORMAS DE PAGAMENTO

TIPO DE ASSINATURA	À VISTA: (Já com desconto) cheque nominal e vale postal	A PRAZO pagamento por cheque nominal ou cartão
1 ANO	A CR\$ 12.480,00	B 2 cheques de CR\$ 7.800,00 para 30 e 60 dias
1 ANO + Almanaque	C CR\$ 17.680,00	D 2 cheques de CR\$ 11.000,00 para 30/60 dias

Para pagamento por reembolso postal o preço é de CR\$ 15.000,00 (1 ano).

Assinatura + Almanaque é de CR\$ 22.000,00

MEU PEDIDO DE ASSINATURA

CADERNOS

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Tel.: _____
Profissão: _____

Minha opção de assinatura é: (A) (B) (C) (D)

Estou efetuando o pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.
- Por telefone (fornecer o nº do cartão de crédito)
- Reembolso Postal
- Vale Postal Ag. Lapa
- De acordo com a opção feita, autorizo o débito no cartão

de crédito: _____, que tem validade até _____ / _____
(nome do cartão)

Nome do titular do Cartão

Nº do Cartão

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: _____ / _____ / _____ Comprador

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 01/02/94

ASSINATURA/PRESENTE DO AMIGO

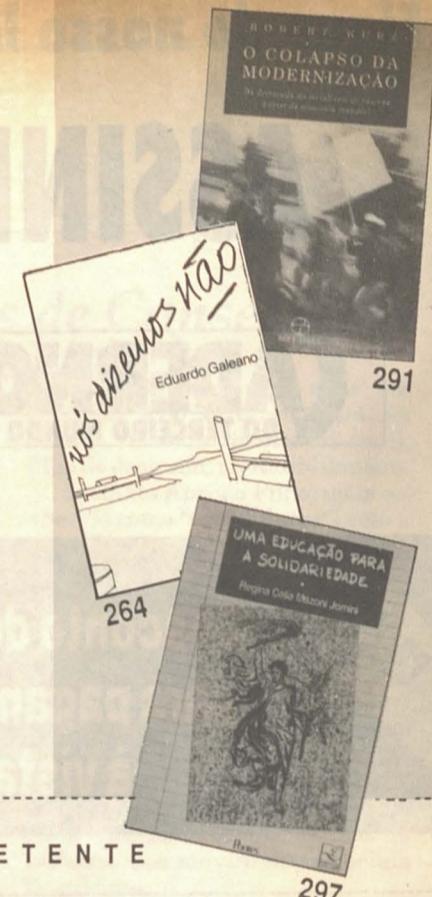
CADERNOS

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Tel.: _____
Profissão: _____

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda.
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - 20241-180 - Rio de Janeiro, RJ
Dept. de Assinaturas
PEÇA TAMBÉM PELOS TÉS (021) 252-7440/232-3372
OU PELO FAX (021) 252-8455
Após a validade cobraremos preços atualizados

MONTE SUA BIBLIOTECA, INTEIRAMENTE GRÁTIS!

BRINDES DO MÊS



Apresente, todos os meses, 3 pessoas para conhecerem "cadernos". Podem ser seus amigos(as), alunos(as), professores(as), colegas de curso ou trabalho. O importante é que sejam pessoas que vão gostar de "ler a nossa diferença".

COMO FUNCIONA E COMO VOCÊ GANHA.
As pessoas indicadas receberão 1 exemplar (de arquivo) da revista. Para cada uma que tornar-se assinante você ganha 1 livro de sua escolha, dentre os livros brinde do mês.

INDICAÇÕES:

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
CEP:..... Tel:.....

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
CEP:..... Tel:.....

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
CEP:..... Tel:.....

Em relação ao remetente o indicado é:
() amigo(a) () colega de trabalho () professor(a)
() aluno(a) () colega de curso

REMETENTE

Se dentro de até 2 meses algum indicado tornar-se assinante por intermédio de mala direta oriunda desta promoção, desejo como brinde, pela ordem:

Código do brinde

1º () 2º () 3º ()

Nome:.....
End:.....
Bairro:.....
Cidade:..... UF:.....
Cep:..... Tel:.....
Profissão:.....

Sou assinante de cadernos

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do remetente

IMPORTANTE:

- 1- No caso de duplicidade de indicados prevalece a primeira. Após o prazo, será considerada como indicação, a do 2º remetente
- 2- Com a finalidade de aumentar as probabilidades de assinatura, o remetente pode mandar mais nomes em relação anexa.

Enviar para Editora Terceiro Mundo Ltda. – Depto de assinaturas
Rua da Glória, 122 - 1º andar - Glória - Rio de Janeiro, RJ - CEP: 20241-180
Fax: (021) 252-8455

SUPLEMENTO

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE TEMAS ALTERNATIVOS



A SEGURANÇA E A SAÚDE DO TRABALHADOR

Página 2

EUROPA ORIENTAL

O vantajoso mercado
funerário

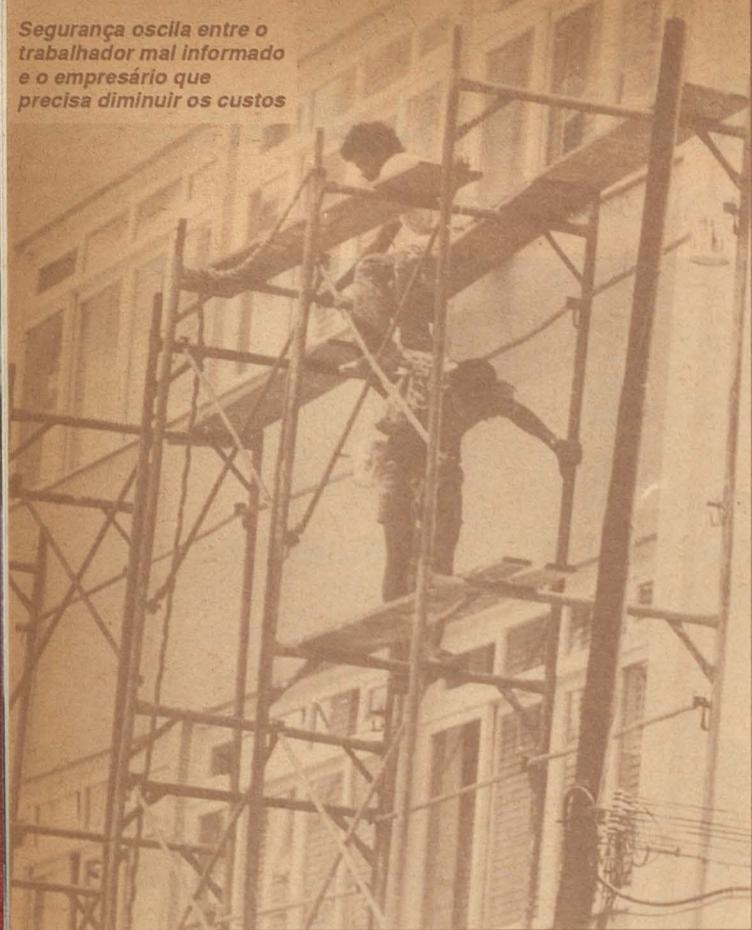
Página 10

ÍNDIA

Contra o divórcio
instantâneo

Página 11

Segurança oscila entre o trabalhador mal informado e o empresário que precisa diminuir os custos



(IN)SEGURANÇA NO TRABALHO

Acidentes mostram desrespeito às normas de proteção. Mas duas iniciativas em São Paulo e no Rio tentam mudar esta situação

Paulo Marinho

Historicamente olhada à luz da dicotomia lucro/prejuízo, tanto por empresários como pelo Poder Judiciário, a segurança no trabalho também é prejudicada pela precariedade de dados estatísticos sobre o número real de acidentes ocorridos no país. Ainda cercado de contradições, o tema, que na Constituição convive com a obrigatoriedade das condições de segurança e o pagamento de adicional por periculosidade, já está recebendo tratamento específico em São Paulo e ganhando uma delegacia especial no Rio de Janeiro.

As alarmantes taxas de acidentes de trabalho registradas no início dos anos 70 levaram o governo a criar uma legislação própria para o setor. Assustado com o volume de recursos que o Instituto Nacional da Previdência Social (INPS) dispendia mensalmente a título de seguro para os acidentados, o Executivo criou as profissões de técnicos de segurança e as especializações para médicos e enfermeiros. "Com as empresas obrigadas a contratar profissionais da área a partir de 1972, os índices que, naquele mesmo ano, atingiram o proibitivo percen-

tual de 18,47%, começaram a cair", lembra o superintendente da Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes (ABPA), José da Silva.

Mas a progressiva queda na taxa de freqüência apurada pela Secretaria Nacional do Trabalho não é olhada com o otimismo que os números possam sugerir. "Os dados insuficientes e ainda provisórios revelam que diminuímos os acidentes de 1,9 milhão em 1974 para 640 mil em 1991, mas o levantamento só abrange os 22 milhões de trabalhadores filiados ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), não incluindo os trabalhadores rurais, os domésticos, funcionários públicos estatutários e até mesmo os empregados na economia informal, também sujeitos a acidentes. Além disso, apesar de o número de casos ter diminuído nos últimos 20 anos, a ocorrência de óbitos manteve-se inalterada, na faixa de cinco mil mortes anuais", alerta o superintendente da Associação, que surgiu em 1941, quando o Brasil ainda engatinhava em seu processo de industrialização.

Luta – Olhada como uma luta silenciosa entre empregadores e empregados, a questão da segu-

rança do trabalho ainda é tratada no Brasil de uma forma displicente. Quem comenta é o procurador do Instituto de Resseguro do Brasil (IRB), João Luiz Cabral: "Entre o empresário pouco interessado em elevar seus custos com a adoção de medidas de segurança e o empregado pouco informado, mal pago e iludido com um adicional de periculosidade agregado ao salário, o prejuízo fica com este último, que tanto pode morrer num acidente como pode contrair uma grave doença por passar a vida inteira aspirando material tóxico no local de trabalho."

João Cabral entende que a trágica situação da segurança do trabalho no país está intimamente relacionada com nosso subdesenvolvimento e a dura realidade social em que vive a maior parte da nossa mão-de-obra. Ele cita o exemplo dos migrantes que vêm do meio rural, não têm nenhuma qualificação profissional e acabam ingressando na indústria da construção: "Na época do boom imobiliário e dos grandes projetos públicos, nos anos 70, os canteiros de obras chegavam a registrar de 12 a 13 mortes por dia, número igual ou superior às perdas humanas registradas na guerra do Vietnã. Os trabalhadores, quase sempre mal representados por suas entidades sindicais que, em vez de exigir a eliminação dos riscos, discutem ganhos de insalubridade, e como mal sabem ler um cartaz afixado na obra, ainda correm o risco de levar a culpa pelos sinistros."

Vítimas – Atuando no ramo desde 1978, o procurador testemunhou casos em que a autoridade chamada a registrar um óbito, por absoluto despreparo, transformou a vítima em culpado: "Operando com as mínimas condições de trabalho e segurança, que deveriam ser proporcionadas pela empresa, um operário fez uma rampa com duas tábuas e, através dela, transportou carrinhos com massa até a beira da janela de um prédio em construção. O excesso de peso acabou rompendo a madeira. O trabalhador perdeu o equilíbrio, caiu e morreu trespassado pelas estacas três andares abaixo. O perito que foi ao local, no entanto, colocou no laudo que a morte foi causada por excesso de impetuosidade do funcionário", lembrou João Cabral.

Com uma equipe de promotores que vai ao lo-

cal dos acidentes para constatar a responsabilidade das partes, a Procuradoria do Acidente do Trabalho do Ministério Público de São Paulo transformou-se na primeira iniciativa séria a tratar do assunto no país. Com suporte técnico da Fundacentro e das secretarias de Trabalho e Saúde, o grupo vem conseguindo que a Lei 8.213, de 27/07/91, seja respeitada em seu artigo 19, que enquadra a falta de segurança na categoria de contravenção penal. Quem relata é o procurador Edvon Teixeira: "Eu mesmo acompanho as diligências e, quando constatamos situações de risco, acionamos as Varas de Acidentes e interditamos as empresas em menos de duas horas. Nos últimos 12 meses, fechamos 14 firmas, em sua maioria construtoras, e chegamos a dar ordem de prisão ao proprietário de uma vidraçaria que não aceitou as recomendações para voltar a funcionar."

Contradição – Após participar de encontro anualmente promovido pelo Sindicato da Indústria e Construção Civil no Estado do Rio de Janeiro, o procurador paulista assinalou que o texto constitucional é contraditório na medida em que obriga a empresa a oferecer condições de segurança e, logo adiante, impõe pagamento de adicional por periculosidade e insalubridade. Isso faz com que a discussão se restrinja ao acidente, enquanto a convivência com material tóxico sem equipamento adequado leva à doença, que leva à queda de produtividade e ao próprio acidente na obra.

A baixa escolaridade da chamada mão-de-obra não-qualificada impede ainda que o operário tenha consciência de seus direitos. O procurador do IRB, João Luiz Cabral, avverte que o trabalhador só conhece o seguro social e ignora a possibilidade de ser indenizado quando a culpa do empregador for comprovada. Contrário à existência dos seguros de responsabilidade civil que, na prática, eliminam ou minimizam as possíveis consequências penais do autor do ato ilícito, ele defende o modelo adotado na França, onde o resarcimento por danos fica a cargo do empregador: "Só quando é obrigada a pagar altas somas a título de indenizações e sente na própria carne o prejuízo, a empresa passa a tomar cuidado com as questões relativas à segurança."

*Nos anos 70,
nos canteiros de
obra brasileiros
registravam tantas
mortes diárias quanto a
guerra do Vietnã.
A própria Constituição
é contraditória
quanto ao assunto*

Desinteresse – Mas, a julgar pelos concursos que as entidades patronais promovem para elevar os padrões de segurança, o empresariado brasileiro ainda não acordou para o problema. Das duas mil empresas filiadas em todo o país à Associação Brasileira para a Prevenção de Acidentes, apenas 323, representativas de 56 setores da economia, participaram do concurso que a associação realizou em 1982. Com o XII Encontro de Segurança do Trabalho na Construção Civil, um dos segmentos que mais geram empregos para a mão-de-obra não-qualificada, não foi muito diferente. Promovido pelo Sinduscon-RJ, que tem 600 firmas cadastradas e 350 filiadas, o concurso teve a participação de apenas 33 empresas.

Iniciativa pioneira – Preocupada com a alta incidência de acidentes e as dificuldades para apurar as responsabilidades, a vice-governadoria do Estado do Rio de Janeiro tomou a iniciativa pioneira de criar uma Delegacia Especial de Acidentes de Trabalho (Deleat) que começa a funcionar em 1994. Com base na Constituição Estadual, que prevê a adoção de medidas para preservar a segurança e a saúde do trabalhador, o vice-governador Nilo Batista encaminhou um projeto ao governador Leonel Brizola propondo a criação de um órgão específico e capaz de apurar com agilidade as ocorrências. Além de contar com a assessoria de órgãos como o Fundacentro, a delegacia, que vai ter o primeiro corpo de peritos especializados no assunto no país, ficou a cargo do Centro Unificado de Ensino e Pesquisa da Uerj, responsável pela reciclagem da polícia estadual, a elaboração de um curso destinado a formar os profissionais que vão atuar no setor.

Para o procurador João Luiz Cabral, a iniciativa vai contribuir decisivamente para trazer à tona o verdadeiro retrato da segurança do trabalho, já que são inúmeros os casos em que o local do acidente é adulterado para impedir que a perícia constate a responsabilidade criminal.

Repleta de casos que seriam cômicos se não fossem trágicos, a literatura sobre o assunto está cheia de situações escabrosas. A mais famosa – conta João Cabral – diz respeito ao corpo de um homem encontrado no poço do elevador de um prédio em construção na Barra da Tijuca, no Rio, na década de 70. Temendo que as condições de segurança da obra fossem questionadas, os responsáveis pelo empreendimento se anteciparam à chegada da polícia e vestiram o cadáver do provável operário com cinto de segurança, botas, capacete e outros apetrechos. Horas depois, descobriu-se que o corpo era de um estranho ao serviço, que escolhera o lugar para cometer suicídio.

Operários de siderúrgica contraem leucopenia, que afeta a medula e causa leucemia



Cristina Palmeira

utar pelos direitos dos trabalhadores não é apenas reivindicar aumentos salariais e índices de produtividade. Afinal, cabe também ao empregador garantir a segurança de seus funcionários, com equipamentos e rotinas que não prejudiquem a saúde.

Somente no estado do Rio de Janeiro existem 136 mil casos de doenças do trabalho. Em todo país, certas profissões compõem uma verdadeira lista negra, pelas suas consequências na saúde. É o caso dos trabalhadores dos estaleiros que sofrem de silicose – doença que reduz a capacidade do pulmão – e telefonistas que contraem a tenossinovite – inflamação dos tendões das mãos causada pelos movimentos repetitivos dos dedos nos teclados. Já os químicos amargam os efeitos de substâncias tóxicas, como o mercúrio.

As doenças do trabalho não se restringem apenas ao perímetro urbano, pois os camponeses sofrem com as intoxicações provenientes dos agrotóxicos usados nas lavouras. Estima-se que algo em torno de 50% destes trabalhadores sentem os efeitos da contaminação.

O coordenador do Programa de Saúde do Trabalhador da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, Jorge Machado, reconhece que é muito difícil fazer um diagnóstico sobre a situação brasileira de doença do trabalho.

Ele aponta como um dos principais entraves para a montagem deste panorama nacional o mascaramento das doenças relacionadas com as profissões. Outra questão é o elevado número de trabalhadores sem carteira assinada portadores de enfermidades, mas não figuram na contabilidade dos órgãos oficiais.

Machado cita como exemplo os garimpeiros, contaminados por mercúrio, que além de pertencerem ao mercado informal possuem uma atividade itinerante. "Isto dificulta qualquer tipo de avaliação", comenta Machado.

Esta deficiência estatística agravou-se, a partir de 1985, com a suspensão do censo industrial brasileiro, que era elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Desta maneira, não temos dados nacionais confiáveis", afirma Machado.

Há cerca de 10 anos, os cuidados com a saúde dos trabalhadores incluíam, no máximo, uma pauta com reivindicações em torno do adicional de insalubridade. A partir de fins da década de 80, essa situação começou

Doenças do trabalho

Operários, camponeses e telefonistas adquirem doenças ocupacionais que não conseguem ligar ao exercício de seu ofício, e que os patrões relutam em reconhecer como tais

a se modificar, com a atuação de entidades ligadas aos sindicatos, como o Departamento Intersindical de Saúde do Trabalhador (Diesat), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e órgãos governamentais, como o Programa de Saúde do Trabalhador, ligado à Secretaria Estadual de Saúde.

Para que esta empreitada renda frutos, são necessários uma categoria profissional mobilizada, um pesquisador indicando alternativas viáveis, um financiador e um legislador. O deputado petista Carlos Minc comenta que o Rio de Janeiro está na vanguarda nesta luta por tecnologias limpas. "Nossa estado tornou-se centro de referência para o movimento sindical do país."

No ano passado, foi criada uma lei (por Carlos Minc) que suspendeu a utilização dos jatos de areia nos estaleiros do Rio de Janeiro. Esta tecnologia era a responsável pelo elevado número de portadores de silicose. Os jateadores aspiravam cristais de silício (dióxido de silício) liberados na limpeza dos navios e chapas de aço.

Segundo o secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, João Marins, a silicose não afetava apenas os jateadores. "Aqueles que trabalhavam ao seu lado eram contaminados e a população que morava nas vizinhanças sofria."

O jateamento implicava também na destruição do meio ambiente, já que a areia era retirada das praias.

Atualmente, Marins calcula que existam cerca de 400 portadores de silicose entre os cerca de 6 mil metalúrgicos sindicalizados (o número total destes profissionais é de 10 mil, somente em Niterói, onde se concentram 80% dos estaleiros do país).

A silicose, chamada popularmente de "pulmão de pedra", é uma doença irreversível e começa com uma permanente sensação de cansaço, insuficiência respiratória, bronquite e emagrecimento.

Marins dá um exemplo da dramaticidade da doença. "Dois companheiros que estavam internados tinham só 15% da capacidade respiratória do pulmão."

Após a proibição do jateamento com areia, os empresários puderam optar entre quatro alternativas: hidrojateamento, granalha de ferro, hidróxico de alumínio e escória de cobre. Esta última alternativa é a mais

empregada, apesar de, segundo Marins, ser quase tão nociva quanto a que foi abolida.

Telefônicos – O Sindicato dos Telefônicos do Rio também empreendeu uma árdua disputa pelo reconhecimento da tenossinovite como doença profissional. Agora, segundo Angela Maria de Carvalho, diretora de saúde do Sindicato dos Telefônicos do Rio de Janeiro, são realizadas reuniões paritárias entre os trabalhadores e a Telerj para discutir a questão. Mas este não é um processo simples já que, em alguns casos, as opiniões são divergentes.

Além das tais lesões de esforço repetido, os telefônicos sofrem de surdez e contaminação por chumbo. Esta doença acomete principalmente os cabistas que trabalham nos subterrâneos para fazer a manutenção de cabos telefônicos com soldas elétricas.

A coordenadora técnica do Diesat, Diana Antonav, revela que a categoria obteve algumas vitórias. No caso de telefonistas e digitadores, a Telerj estipulou um descanso de 10 minutos a cada 50 minutos de atividade, além de uma folga extra por mês. Em geral, estes profissionais vêm trabalhando com computadores há cinco ou dez anos.

Diana revela que, além da tarefa de convencimento da empresa, existem problemas com a própria legislação. Ela cita o exemplo do diagnóstico da surdez, cujos parâmetros foram ditados por uma empresa seguradora que avaliou os efeitos do estouro de uma bomba próxima aos soldados da Segunda Guerra Mundial. Ou seja, um referencial bem distante daquele com que os telefônicos convivem.

Asbestose – Existem algumas doenças cuja simples denominação já assusta. É o caso da asbestose, provocada pelo asbesto – mineral usado na confecção de telhas, placas divisórias, caixas d'água e pastilhas de freio. Esta substância é cancerígena, gerando o mesotelioma, um tumor maligno, e a asbestose, doença tão grave quanto a silicose.

Os malefícios causados por esta substância atingem tanto mineiros quanto trabalhadores de estaleiros que recebem material para fazer divisórias ou emprega-



Telefonistas têm problemas nas mãos por causa da digitação

dos da indústria de fibrocimento – onde o asbesto é misturado ao cimento, originando o amianto. Carlos Minc critica a posição dos empresários nacionais: "A Eternit, por exemplo, alegou que não havia substituto para este tipo de tecnologia. Só que a matriz alemã chegou a publicar um livro no qual foram apresentadas 100 alternativas." O Brasil poderia lançar mão de artigos como mica, fibras vegetais (bagaço de cana, sisal) ou as fibras sintéticas.

Apesar de ainda não haver uma legislação contra estas substâncias, o Metrô e a Petrobrás suspenderam a utilização de produtos à base de amianto/asbesto, como as lonas de freio do Metrô e o isolamento dos dutos da Petrobrás.

Químicos – A indústria química é outro foco de doenças entre seus funcionários. A pesquisadora do Centro de Estudos das Doenças do Trabalhador (Cest) da Fiocruz, Sonia Thedim, conta que, há pouco mais de um ano, a Pan Americana Indústria Química, no Rio de Janeiro, foi obrigada a fechar um acordo com seus operários. Motivo: contaminação por mercúrio, elemento químico que evapora à temperatura ambiente e causa

Excesso de trabalho e salário baixo diminuem a produtividade



sérios danos ao sistema nervoso.

A Pan Americana produz cloro de soda através do mercúrio, mas dentro de no máximo quatro anos deverá mudar radicalmente de tecnologia, com o emprego da célula de membrana. Todo este processo está sendo monitorado através de uma comissão, que inclui entidades como a Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feema), Fiocruz e o sindicato dos trabalhadores.

Sônia considera que esta luta, iniciada através do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química, foi vitoriosa. "Mas ainda é preciso empenho", afirma ao lembrar que a assinatura deste acordo só foi possível através da interação de diversos órgãos.

O diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química, Germano de Moura Leite, afirma que a entidade, com o auxílio do Cest, está elaborando um banco de dados sobre este setor. "A idéia é fazer um mapeamento, classificando a indústria através dos produtos e tecnologias que utilizam", explica Sônia.

Leite revela que o benzeno é outra substância preocupante, pois causa a leucopenia, doença que afeta a medula central e origina a leucemia (câncer no sangue). Este produto é usado em empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). O dirigente sindical conta

Os perigos do 'stress'

Ostress é um dos grandes problemas de saúde do século XX, com pesados reflexos na economia mundial. Só os Estados Unidos gastam anualmente US\$ 200 bilhões (metade do Produto Interno Bruto – PNB do Brasil) com faltas ao emprego, queda de produtividade, pedidos de indenização e serviços médicos. No Reino Unido, tais despesas equivalem a 10% do PNB.

Estes dados foram publicados no Relatório Anual da Organização Internacional do Trabalho (OIT), edição 1993. O documento conclui que "as empresas que provavelmente terão mais êxito no futuro serão aquelas que ajudarem os trabalhadores a fazer frente ao stress e reacondicionarem o lugar de trabalho para adaptá-lo melhor às aspirações humanas".

Como age o stress? Quando o organismo humano é confrontado com uma situação estressante, todo o corpo se coloca em estado de alerta e ativa um mecanismo de reação. Algumas pessoas passam a fumar de forma descontrolada enquanto outras voltam-se para o álcool. As reações dependem do indivíduo e da situação pela qual ele passa.

As consequências deste "mal do século" são traduzidas pelo aumento nas faltas ao trabalho, alta rotatividade de mão-de-obra, esgotamento ou acidentes. Nos Estados Uni-

dos, 14 mil trabalhadores morrem por ano em acidentes de trabalho enquanto mais de 2 milhões sofrem algum tipo de lesão que os deixa incapacitados. Um elemento é comum a todos: o stress.

Ocupações estressantes e seus problemas:

► **Trabalhadores manuais** – Tarefas repetitivas, barulho e vibração das máquinas como rotativas e perfuradoras de ar comprimido. Sofrem de fadiga, enxaqueca e falta de concentração.

► **Policiais** – Risco constante e trabalho sob pressão. Elevado percentual de ataques cardíacos.

► **Enfermeiras** – Realizam tarefas desagradáveis e fisicamente duras; lidam com pessoas à beira da morte.

► **Funcionários dos correios** – Sofrem com o ritmo intenso, ruído e poeira (no caso da classificação manual) e espaço de trabalho inadequado. Os carteiros são ví-



Trabalhadores rurais
são contaminados
por agrotóxicos

COMPORTAMENTO

que, por ser proibido o uso do benzeno, muitas empresas utilizam seus subprodutos, causadores dos mesmos malefícios aos trabalhadores.

Fiocruz – O Cest, da Fiocruz, criado em 1985, desenvolve um trabalho exemplar no Rio de Janeiro. O pesquisador William Waissmann explica que a idéia é de que o Cest seja um centro de referência do setor. Para isto, ele conta com o trabalho de 60 pesquisadores de áreas tão variadas quanto ciências sociais, farmácia, engenharia, pedagogia e química.

O Cest oferece também cursos de especialização em saúde do trabalhador, nos níveis de mestrado e doutorado, e desenvolve uma série de linhas de pesquisa. "Desde a questão do gênero de trabalho feminino, a psicopatologia do trabalho (relação entre as doenças mentais e o trabalho), patologias (como doenças cardiovasculares e pulmonares)", destaca Waissmann.

A proposta deste centro de estudos é atuar na organização do trabalho e não simplesmente adaptar o indivíduo ao processo. Waissmann critica a postura tradicional, paternalista, que coloca o pesquisador no papel do trabalhador.

Além do trabalho acadêmico, o Cest atua também junto aos sindicatos como os da indústria química e os estaleiros.

timas de estafa física enquanto os que manipulam correspondência têm insônia e pouca satisfação com o trabalho.

► **Professores** – Sobrecarga, má remuneração, falta de oportunidades, horários prolongados e más condições de trabalho.

► **Garçons** – Tratam diretamente com o público e têm pouca iniciativa.

► **Motoristas de ônibus** – Permanente estado de alerta, pressionados pelo horário e cumprimento de turnos. Sofrem com a postura incômoda, suportando as vibrações e os ruídos do trânsito.

► **Operadores de terminais de computador** – Funções passíveis de controle imediato pelo patrão.

Muitos empresários já reconhecem que o *stress* pode causar sérios danos à saúde dos seus funcionários e ao desempenho econômico da empresa. Os Estados Unidos vêm se empenhando em desenvolver programas de prevenção.

Em 1973 funcionavam 500 programas, que cresceram para 8000 em 1984. Em algumas empresas houve redução de 70% nos acidentes.

O relaxamento é uma outra alternativa, com a prática de exercícios respirató-

Programa – O governo do estado do Rio de Janeiro, através do Programa de Saúde do Trabalhador, atua em várias frentes, como a de vigilância sanitária e epidemiologia nos ambientes de trabalho. As atividades deste programa são direcionadas a partir das demandas do Conselho Estadual de Saúde do Trabalhador (instituição que reúne universidades e entidades como a Fiocruz, delegacia regional do Ministério do Trabalho, secretarias de trabalho e ação social além dos sindicatos).

A assistente social do programa, Ana Lúcia Simões, explica que a partir daí são criadas câmaras técnicas para avaliação dos locais de trabalho. "As nossas prioridades atuais são os setores de indústria metalúrgica e siderúrgica, atividades relacionadas com a lesão de esforço repetido e a indústria química", comenta.

Outra via de atuação do programa é a municipalização das entidades voltadas para a saúde do trabalha-



rios, meditação e a criação de imagens mentais tranqüilas. O relaxamento também pode ser comprado, através da utilização de tecnologia de ponta. Este é o caso de uma empresa japonesa, que implantou a ginástica mental. O trabalhador pode observar, em vídeo, cenas campestres com o fundo musical de *new age* ou utilizar óculos especiais que projetam estímulos luminosos.

Um terceiro caminho é o exercício físico, como aeróbica, que favorece a oxigenação dos tecidos. O relatório da OIT indica também um regime alimentar capaz de conservar as reservas de energia suficientes para o corpo manter-se durante todo o dia e conservar o peso ideal.

A mudança de comportamento pode ser uma das chaves de combate ao *stress*. Esta alteração pode incluir o fim de vícios como o tabaco e o álcool, paliativos que tendem a agravar os problemas.

Eis algumas táticas a serem desenvolvidas na própria empresa:

1) Participação – o empregado sente-se mais realizado quando lhe é dada a chance de participar das discussões sobre seu trabalho.

2) Autonomia – uma das formas mais convencionais é romper com a estrutura hierárquica da empresa e delegar poderes a equipes, como já fazem companhias suecas e japonesas.

3) Horários de trabalho flexíveis – Segundo estudos realizados nos Estados Unidos, os trabalhadores faltam menos quando têm maior controle sobre seu horário.

Os bancários são grandes vítimas do 'stress'

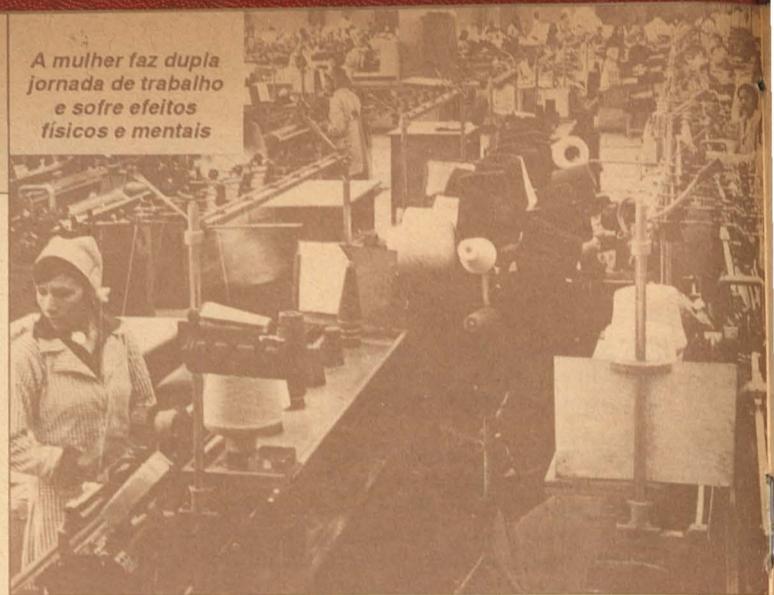
dor. Ela destaca também um processo de conscientização junto aos profissionais de saúde sobre a importância da relação trabalho/saúde.

Um dos projetos do Programa de Saúde do Trabalhador é o de criação de um sistema de saúde, através de um banco de dados alimentado com os principais indicadores relativos a esta problemática.

Este tipo de atuação, ligada ao governo do estado, ainda não está funcionando em todas as unidades da federação. Segundo Ana Inês, apenas 10 estados, entre eles São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, dão este tipo de atenção à sua mão-de-obra local.

Saúde da Mulher – O Conselho Estadual de Saúde da Mulher (Cedim) vem lutando para colocar em funcionamento efetivo o Programa de Atenção e Defesa da Saúde da Mulher, criado em 1983 pelo Ministério da

A mulher faz dupla jornada de trabalho e sofre efeitos físicos e mentais



Saúde. Segundo a coordenadora da comissão de saúde do Cedim, Maria do Espírito Santo Santos Tavares, "Santinha", apenas alguns postos de saúde do município vêm desenvolvendo atividades relacionadas a este programa, cujo objetivo é atender desde a mulher adolescente até a terceira idade.

"Santinha", que também é médica sanitária, explica que a idéia, no momento, é tentar aprofundar duas questões: a saúde mental e a saúde física da trabalhadora. Ela revela que, no ano passado, foi realizado um projeto, junto com o Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (Iuperj) e o IBGE, para levantar dados sobre a trabalhadora. Ela enfatiza que esta sofre com a dupla e tripla jornada de trabalho e fica exposta aos efeitos gerados pelo stress.

Criados há seis anos, existem 12 conselhos no âmbito estadual e outros 100 municipais. Com a transformação da entidade em órgão ligado ao governo estadual, o Cedim passou a ter uma relação mais direta com os poderes decisórios.

"Santinha" afirma que uma das propostas do conselho é o reforço das verbas destinadas à infra-estrutura das entidades de atendimento e a definição, pelo governo estadual, do orçamento destinado à saúde da mulher. "Afinal de contas, não é um simples programa, mas um trabalho que atinge mais de 50% da população", destaca a especialista, ao lembrar que o trabalho do Cedim envolve as comissões de trabalho, que atuam nas áreas de violência, saúde, educação, trabalho e comunicação social.

QUADRO DE DOENÇAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SETOR	POP. TOT.	DOENÇA PROF.	POP. EXPOSTA	DOENTES	(%)
Trabalh.		silicose	8.000	900	11
Estaleiro	28.000	intox. metais pesados	12.000	2.000	17
Telefônico	18.000	intoxicação por chumbo	1.200	520	43
		surdez	9.000	1.800	20
Siderurgia	20.000	surdez	12.000	3.600	30
		benzenismo (leucopenia)	3.000	500	17
Refinaria	12.000	benzenismo	1.000	140	14
Bancário					
Proc. dados	120.000	L.E.R.	50.000	15.000	30
Telefônico					
Jornalista					
Trab. rural	400.000	intox. agrot.	100.000	25.000	25
		doenças resp.	40.000	10.000	25
Fabricamento					
Const. civil	1.000.000	asbestose	100.000	10.000	10
Estaleiro		surdez	150.000	22.000	15
Ind. químic.	40.000	contam./mercúrio	1.200	180	15
Prof. saúde	170.000	Radiações	5.000	600	12
		ionizantes			
		agentes biológicos			
Constr. civil	1.000.000	silicose	90.000	15.000	17
Cerâmica, vidro		doença de pele	200.000	30.000	15
Extração de areia					

Fontes: Departamento Intersidical de Saúde do Trabalhador (Diesat); Fiocruz - Cesth; Comissão de Ciência e Tecnologia da Alerj; Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro; Programa de Saúde do Trabalhador da Secretaria Estadual de Saúde; Departamento de Saúde do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, dos Metalúrgicos do Rio e dos Químicos do Rio.

Em busca da sexualidade perdida

Miguel Rivero

Se, do ponto de vista sexual, os homens polacos estão "em baixa", segundo afirma o sexólogo Lech Starowicz, os checos estão tratando de "tirar o prejuízo" com todas as suas forças.

Em um bar de Praga, atendido por moças com os seios de fora, o porta-voz do Partido Erótico Independente (NEI), Richard Knota, explicou que "o homem checo tem que aprender a fazer amor". "Só um homem feliz e satisfeito, que vive o erotismo e a sexualidade sem tabus, é capaz de fomentar os ideais do humanismo e da democracia", afirma o programa do NEI.

Segundo o porta-voz do partido, "devido ao elevado número de divórcios, abortos e métodos anticoncepcionais atrasados, nosso país está no grupo do Terceiro Mundo nesse aspecto". Já a sexóloga polaca Wanda Ponikovska reconhece que em seu país "eles", em geral, desconhecem a técnica do amor.

Um relatório oficial recente admite que o "Don Juan" polaco está em apuros, pois 62% têm problemas sexuais e "a partir dos 40 anos dedicam suas noites apenas a dormir". Os especialistas são da opinião de que nem na Polônia, nem na Boêmia, a nova classe média, que se apresenta como a dos "conquistadores irresistíveis", corresponde a essa imagem "na hora da verdade, ou seja, na cama".

A cama é só para dormir – O novo "yuppie centro-europeu", informou a revista *Pani*, que circula em Varsóvia, se exibe em locais públicos com belas mulheres, as quais deixam pontualmente em suas casas à meia-noite para ir dormir. "Essa classe de homens florescente nas nações da zona centro-europeia, que antes

As transformações políticas no Leste europeu estão estimulando as sociedades daqueles países a rediscutir sua sexualidade, que segundo os especialistas passa por um momento de profunda crise

pertenciam ao bloco comunista, está acometida pelo estresse e preferem ir às casas de massagem, onde conseguem relaxar", assinalou a revista.

Já o doutor Lech Starowicz atribuiu o fracasso sexual nestas sociedades à insegurança. Em seu relatório consta que esses homens têm contatos esporádicos com mulheres. "Apenas quatro por cento fazem amor constantemente. Por isso, na maioria dos casos, as relações amorosas se desenvolvem em um ambiente violento e nervoso, contraproducente para de-

O estresse e a insegurança têm provocado crises entre os casais, o que se reflete no mau desempenho sexual

envolver uma refinada arte erótica e sensual", acrescentou.

Os checos estão convencidos de que todos estes problemas podem ser resolvidos com uma boa educação sexual iniciada nas escolas primárias.

Essa posição, porém, desencadeou uma polêmica nacional envolvendo o Ministério da Educação. A doutora Milena Cerna, do Departamento de Professores do Ministério, por exemplo, não concorda com esta linha de raciocínio. O objetivo da educação sexual deve ser, na sua opinião, "retardar essa prática para evitar divórcios e gravidez prematura".

Revista erótica – Mas o Partido Erótico Independente já espalhou pelas ruas de Praga um folheto dirigido aos professores, onde os aconselha a difundir sua concepção sobre como educar a nova geração. Além disso, o NEI dispõe de uma revista quinzenal que circula na República Checa e também na Eslováquia, considerada por seus críticos como "vulgar e lasciva".

No entanto, é a publicação mais lida em todo o território nacional e seus 600 mil exemplares desaparecem das bancas antes de serem colocados nas prateleiras. Na revista, se podem encontrar desde reportagens gráficas a cores sobre "as posições menos conhecidas para o ato sexual" até conselhos para evitar doenças venéreas ou Aids. Outra novidade ainda é uma coluna escrita por uma padre que se encarrega de esclarecer as dúvidas dos leitores a respeito da posição da Igreja em relação ao tema da sexualidade.

A revista do NEI serve também como terapia coletiva e os leitores enviam cartas contando seus êxitos ou fracassos no terreno sexual. Enviam ainda fotografias eróticas de suas mulheres para que sejam admiradas pelos leitores. ■



Enterro, um disputado mercado

O fim do monopólio estatal nos serviços funerários provoca uma verdadeira corrida de empresas privadas atrás de cadáveres para enterrar ou cremar

Nilda Navarrete

Os rituais funerários na Europa pós-comunista deram uma guinada de 180 graus desde que enterrar as pessoas se transformou em um negócio a mais da nascente economia de mercado. Antes controladas pelo Estado, hoje as funerárias privadas disputam os cadáveres, recorrendo a todo tipo de artimanhas, inclusive métodos pouco "ortodoxos", para ganhar a concorrência.

O semanário *A Voz de Varsóvia* garante que na Polônia existem mais de 3 mil funerárias privadas, embora na capital, por exemplo, só morram entre 60 e 80 pessoas a cada dia.

Segundo essa publicação, as empresas mais agressivas esvaziam os pneus dos carros fúnebres da "concorrência", intimidam as pessoas com sua propaganda e até chegam a roubar cadáveres no necrotério.

Hoje, é comum encontrar-se "agentes de vendas" – chamados *pacjcarze* ("espião") – nos CTIs dos hospitais distribuindo cartões de funerárias aos parentes dos moribundos. Esse "espião" freqüentemente possui uma sala no próprio hospital, onde coloca cartazes sobre as "ofertas funerárias", e muitas vezes não hesita em deixar folhetos junto aos cadáveres.

Vale tudo – Na República Checa a situação é parecida. Julius Mlcoch, diretor do serviço funerário estatal, acusou recentemente as empresas privadas de "subornarem os médicos, enfermeiras e motoristas

de ambulância de Praga para conseguir cadáveres. As pessoas têm pouca experiência em assuntos funerários e pensa que qualquer coisa privada é melhor", lamentou Mlcoch.

Porém, reconhece que "o crematório do Estado, em Strasnice, foi fechado porque possuía uma tecnologia com 40 anos de atraso que contaminava o ambiente", o que deixa espaço para que as empresas privadas se lancem à caça dos "clientes".

Um exemplo é a funerária *Tranquilitas S.A.*, de Praga, cuja diretora, Alena Hamanova, acusou por sua vez o Estado de manter uma "conduta pouco ética" com os cadáveres, "ao transferi-los nus e não dispor de câmaras refrigeradas para sua conservação".

Tranquilitas construiu em Kladno, um povoado a oeste de Praga, um crematório desenhado com tecnologia francesa, que não polui e possui câmaras refrigeradas. Além disso, oferece transporte gratuito às famílias dos mortos.

Morte boa e morte ruim – Hamanova, de 28 anos, vestida elegante-

mente de cinza e preto, recebe pessoalmente os parentes para as cerimônias de cremação, onde pode-se escutar a música preferida do morto.

Nos países do centro da Europa, como a República Checa, a Eslováquia, Polônia e Hungria, a cremação é um verdadeiro culto e inclusive existe a Associação de Amigos da Cremação.

Os crematórios costumam dipor de pequenas orquestras ou grupos musicais que tocam música sacra durante o ritual. Mas, dependendo do gosto do cliente, também pode-se escutar rock ou melodias românticas.

Para passar o tempo, a família e os convidados vão para um salão, onde se oferecem salgadinhos e alguma bebida. São momentos onde se reúne toda a família para falar dos "que se foram".

Esses rituais têm suas raízes na cultura rural, a qual prevalece sobre a urbana no que se refere à forma de encarar a morte, segundo a opinião da antropóloga Marie Zawadzka, da Universidade de Varsóvia. De acordo com suas pesquisas, os povos eslavos dão muita importância a "morrer com dignidade" e classificam a morte em "boa" ou "má".

Uma "boa morte" é aquela que se dá em sua própria cama, depois da pessoa ter se despedido dos parentes e amigos, e que, de preferência, ocorra num sábado, o dia da Virgem Maria.

Morrer vítima de um acidente, do excesso de bebida ou depois de uma longa doença são consideradas "mortes ruins" e demonstram, segundo a tradição eslava, que a pessoa tinha alguma conta pendente com "o outro lado".



A economia de mercado está mudando os ritos funerários

Divórcio instantâneo questionado

Mitu Varma

Vareela observa em silêncio uma discussão entre seu esposo e seu pai sobre negócios. De repente, atônita, vê o marido se voltar contra ela e responsabilizá-la por todos os seus males, porque era para a mulher e os filhos que necessitava do dinheiro. No auge da raiva, ele pronuncia três vezes a palavra *talaq*.

Sem alternativa, Vareela é obrigada a deixar a casa com seus três filhos e ir viver com a família de um irmão indigente em uma favela da capital.

A experiência de Praveen foi parecida. Seu esposo garantiu tê-la visto em um cinema em uma hora que se supunha que ela deveria estar em casa. Isso foi razão suficiente para que, tão logo chegasse em casa, ele pronunciasse a palavra *talaq* três vezes, sem dar tempo a que Praveen reunisse testemunhas provando que estava em casa.

Segundo a tradição dos muçulmanos sunitas, a corrente mais importante dentro dessa religião, Praveen e Vareela estão legalmente divorciadas.

Contra e a favor — Porém, uma reduzida seita muçulmana, denominada Ahl-E-Haddes, está se insurgindo contra essa prática. O grupo emitiu há meses um documento assinalando que este costume é contra o islamismo.

Mulheres muçulmanas de todas as classes sociais apoiaram o documento e exigiram que a Junta sobre o Direito Pessoal Muçulmano da Índia tomasse as rédeas do assunto.

Os manifestantes argumentaram que, segundo o Corão — o livro sagrado dos muçulmanos —, os pronunciamentos devem ser feitos em um lapso de três meses antes que o divórcio seja um fato legal.

A poderosa seita Jamaat-E-Ulema também se manifestou sobre o assunto e garantiu que a pátria é válida, pois o divórcio mediante os três pronunciamentos do vocábulo *talaq* é sancionado pela lei e não pode ser

Na Índia, um muçulmano ainda pode anular seu casamento legalmente apenas pronunciando três vezes a palavra talaq, mas cada vez é maior a pressão para que se acabe com essa prática

considerado antiislâmico.

Os meios de comunicação têm dado amplo destaque à controvérsia, de tal forma que o debate aparece atualmente nos jornais e publicações de maior tiragem do país.

Vale a pena assinalar o amplo apoio aos divórcios instantâneos da parte de centenas de milhares de mulheres analfabetas e de escassos recursos, que estão dispostas a se submeter às práticas dos fundamentalistas.

Os políticos indianos, para os quais a comunidade muçulmana é uma valiosa fonte de votos, têm se manifestado com cautela sobre o assunto.

Oportunismo político — A relação entre precaução e oportunismo político foi revelada recentemente por Husna Subhani, presidente da Organização de Mulheres Muçulmanas da Índia (Aimwo), um grupo vinculado ao antigo partido situacionista Janata, de tendência centrista.

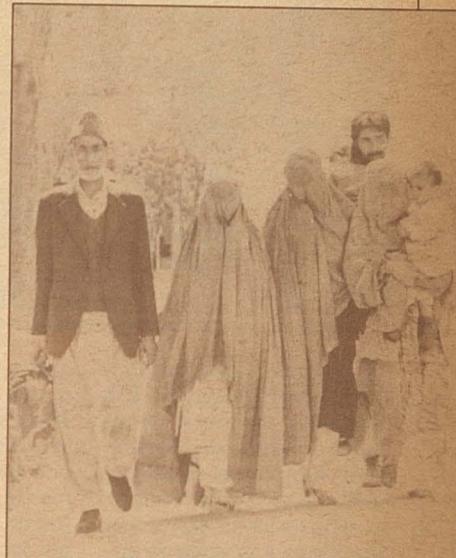
A ativista afirmou que importantes políticos do Janata lhe pediram para não tratar o tema em foros partidários por temor a ofender os ortodoxos. Mas a própria Subhani também

se mostra cautelosa em suas manifestações. "O que estamos pedindo se encontra absolutamente dentro dos limites do Corão. Seria um sacrilégio ultrapassar esses limites", garante a militante. Subhani enfatiza que países como o Iraque, Paquistão, Síria e Sudão modificaram a lei para que o período de três meses seja obrigatório.

Zarina Begum, a secretária do grupo feminista, é mais radical que sua colega. "Nós, mulheres, estamos sendo prejudicadas. O Corão foi totalmente mal-interpretado ao permitir esse tipo de divórcio", garante Begum.

Subhani considera que, se se tornar obrigatório o lapso de três meses de espera, a taxa de divórcio na comunidade muçulmana diminuirá em 75%, pois na maioria dos casos as sentenças são pronunciadas em meio a acaloradas discussões, sem que se trate de uma decisão elaborada.

Para Vareela, o mais importante é tomar consciência de que "nós, as mulheres, não deveríamos interromper nossa educação. Deveríamos ter alguma profissão, de forma a não ficar completamente à mercê dos homens". ■



COSTA DO MARFIM

Morre Houphouet-Boigny



A crise econômica provocou descontentamento popular

A pós uma longa batalha contra o câncer, em 7 de dezembro morreu o presidente da Costa do Marfim, Félix Houphouet-Boigny, o chefe de estado com mais anos no poder na África. Conhecido pela alcunha de "homem sábio", Houphouet-Boigny governou praticamente sem oposição desde que, em 1960, declarou a independência de seu país, uma ex-colônia francesa.

Possuidor de uma sabedoria política e liderança

natas, o falecido presidente soube aproveitar muito bem o sentimento de respeito que despertava no povo — que o chamava carinhosamente de "o velho" — para impor seus pontos de vista, em geral bastante conservadores. Mas seu maior mérito foi ter defendido, junto com outros líderes do continente como Leopold Senghor, do Senegal, o respeito às raízes culturais africanas, ou a *negritude*, frente à crescente influência das metrópoles.

Nascido em Yamassoukro, a 220 quilômetros de Abidjan, a capital, Houphouet-Boigny era filho de um rico produtor de cacau do grupo étnico *baoule*. Formado em medicina, em 1960 já era empresário e um político destacado, que havia conquistado uma cadeira na Assembléia Nacional da França, pelo Partido Democrático da Costa do Marfim (PDCM).

A prosperidade econômica dos primeiros anos de seu mandato (quando o país cresceu uma média de oito por cento ao ano) chegou ao fim com a recessão dos anos 80, quando a dívida externa do país se quintuplicou e o desemprego chegou a 45%.

A perspectiva de tempos difíceis e o clamor regional pelo pluripartidarismo fizeram emergir uma oposição até então inexistente. O descontentamento com o governo cresceu até chegar ao

auge em 1990, quando se registraram sérios confrontos entre estudantes e forças de segurança.

Nesse contexto, o velho presidente anunciou que deixaria o cargo quando o país voltasse a desfrutar de estabilidade política, mas não cumpriu sua promessa, aproveitando-se da divisão entre os grupos opositores. Em outubro de 1990, Houphouet-Boigny disputou um sétimo mandato e venceu as eleições com 81,7% dos votos, embora os dados oficiais tivessem sido contestados pela oposição.

O precário estado de saúde do presidente fez com que fosse criado o cargo de primeiro-ministro, para o qual foi nomeado Alassane Ouattara, um político próximo a Houphouet-Boigny. Por outro lado, uma emenda constitucional permitiu definir a sucessão: o presidente da Assembléia Nacional — atualmente Henri Konan-Bédié — deverá concluir o restante do período presidencial de cinco anos.

Angola

O governo de Luanda e os rebeldes da União Nacional para a Libertação Total de Angola (Unita) acertaram, em meados de dezembro, os últimos detalhes para a proclamação de um cessar-fogo e a criação de um exército nacional unificado. Falta definir o papel que desempenhará a Unita no futuro governo.

Os avanços na negociação foram conseguidos após quatro semanas de secretas conversações na Zâmbia.

As conversações de paz começaram na Etiópia em fins de 1992, e prosseguiram na Costa do Marfim em abril de 1993, mas esbarraram na negativa da Unita de entregar o território que havia ocupado como demandam as resoluções da ONU. Agora os rebeldes parecem se mostrar mais flexíveis.

Malaui

Rumores de golpe de estado no Malaui, nação do sudoeste africano, agitaram as ruas de Blantyre, a capital comercial do país, no princípio de dezembro. O Malaui vinha sendo governado por um conselho presidencial formado por três partidários do presidente Kamuzu Banda, de 87 anos, que se recupera de uma delicada cirurgia no cérebro.

Três dias de combate entre o grupo rebelde Jovens Pioneiros do Malaui e as forças do exército deixaram um saldo de 19 mortos e cerca de 80 feridos.

Apesar de Banda ter anunciado que havia retomado o controle do governo e dissolvido o conselho presidencial, especula-se que o Exército, considerado como a instituição politicamente mais imparcial do país, esteja planejando tomar o poder antes das próximas eleições multipartidárias, programadas para maio de 1994.

Tunísia

Rachid Ghannouchi, líder do Movimento Fundamentalista da Tunísia, o Ennahdha – partido político com base religiosa proscrito no país – convocou os seguidores do movimento e as organizações humanitárias em todo o mundo a boicotarem as eleições gerais marcadas para março de 1994. No comunicado, Ghannouchi afirma que o governo de seu país comete tantas violações dos direitos humanos quanto às registradas na guerra da antiga Iugoslávia. Segundo ele, mais de cem mil tunisianos foram presos e torturados nos três últimos anos. Apesar da convocação feita pelo Ennahdha, os seis grupos de oposição da Tunísia já anunciaram sua participação nas eleições parlamentares e quatro destes partidos já declararam publicamente seu apoio à candidatura do presidente Ben Ali, que tentará se reeleger por um período de cinco anos.

NIGÉRIA

Militares substituem governadores

O novo chefe de Estado da Nigéria, o general Sani Abacha, cedeu às pressões de seus colegas e nomeou militares como governadores dos 30 estados do país. A lista dos administradores inclui 18 coronéis do Exército e cinco oficiais de igual patente das outras forças (Aeronáutica, Marinha e Polícia).

Os governadores – que substituíram os civis eleitos em 1992, destituídos por Abacha quando assumiu o poder – tomaram posse no dia 9 de dezembro no Palácio Presidencial em Abuja, a capital federal desta nação de 89 milhões de habitantes. Para os cargos de vice-governadores foram designados civis.

Abacha tomou o poder em novembro passado depois de derrubar o governo civil de Ernest

Shonekan, imposto pelo general Ibrahim Babangida, que governou a Nigéria durante oito anos. Babangida anulou as eleições de junho de 1993, as primeiras em uma década, quando já era dada como certa a vitória do social-democrata Mashood Abiola, que havia ameaçado investigar os casos de corrupção durante os regimes militares.

Mas o governo civil de Shonekan, que tinha assumido o compromisso de organizar novas eleições em fevereiro, não sobreviveu aos protestos populares e durou somente três meses.

O novo "homem forte" prometeu que nomearia civis como governadores, mas se viu submetido às pressões dos oficiais que não se beneficiavam da rede de privilégios de Babangida.

SOMÁLIA

Em busca da unidade

Uma coalizão de 12 partidos políticos somalis reafirmou em dezembro que o acordo assinado em Addis Ababa, a capital da Etiópia, continuará sendo a base para as futuras nego-

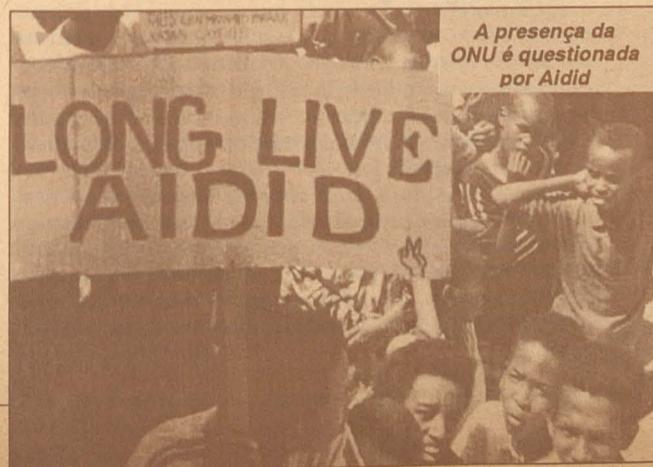
ciações de país no país. "O Acordo Nacional de Reconciliação, firmado na capital etíope em março, deve permanecer como a base para as futuras iniciativas sobre a reconciliação somali", assinalaram os dirigentes em um comunicado conjunto.

A declaração ocorreu em meio a rumores de que a Aliança Nacional Somali (ANS), liderada pelo general Mohammed Farah Aidid, poderia boicotar os acor-

dos de paz, pois prefere que as Nações Unidas se retirem da Somália. Os demais grupos insistem em que os esforços para promover a reconciliação devem ser realizados sob os auspícios do organismo mundial, respaldado pela Organização de Unidade Africana (OUA) e pela Autoridade Sub-regional Intergovernamental sobre Secas e Desenvolvimento (ASIGSD), em estreita colaboração com as organizações políticas somalis.

Enquanto isso, os membros da ASIGSD – Eritréia, Etiópia, Quênia, Somália, Sudão e Uganda – decidiram em sua última reunião de cúpula trabalhar em conjunto para ajudar a resolver o conflito na nação vizinha.

Os 12 partidos somalis participaram da IV Conferência Humanitária para a Somália, que se realizou em Addis Ababa, e conclamaram o ANS de Aidid a incorporar-se ao processo de discussão sobre o futuro do país.



ARGENTINA

Violento protesto contra o ajuste

Quatro mortos e quase uma centena de feridos foi o saldo que deixou uma rebelião popular a meados de dezembro, na capital da província (estado) de Santiago del Estero, a 1.200 quilômetros a noroeste da capital, Buenos Aires. Os manifestantes, em sua maioria funcionários do estado, incendiaram com bombas molotov a sede do governo, destruindo também o Palácio Legislativo e o edifício onde funciona o Supremo Tribunal de Justiça da província.

Os cerca de cinco mil empregados do governo estadual, que lutaram durante horas contra as forças policiais até conseguir invadir a Casa do Governo e incendiá-la, protestavam contra a decisão do governo federal de eliminar definitivamente do orçamento os recursos para pagar os três meses de salários atrasados.

O governador, Fernando Lobo, do governante Partido Justicialista, conseguiu escapar da sede do governo junto com os secretários minutos antes dos manifestantes entrarem. Cerca de 500 deles percorreram a cidade apedrejando as residências particulares de vários líderes do Partido Justicialista local, entre as quais a casa do ex-governador Carlos Juarez.

"Não aguentamos mais, nossos filhos estão com fome, os ladrões e os corruptos do governo da província vão ser obrigados a nos escutar", disse um emocionado manifestante que, do escritório do próprio governador Lobo, se comunicou com uma emissora de rádio de Buenos Aires.

Quinze dias antes, em La Rioja, a cidade natal do presidente Menem, tentativas parecidas de destruição da sede do governo estadual e do Legislativo foram duramente reprimidas pela polícia e acabaram em grandes incêndios em várias partes da cidade.

O motivo, no caso de La Rioja, foi a aplicação de uma lei federal que obriga o estado a dispensar quase 10 mil empregados da administração local.

Depois do *Caracazo*, na Venezuela, em setembro de 1989, a rebelião popular nas províncias argentinas foi o protesto mais radical contra os altíssimos custos sociais que impõem à América Latina os planos de ajuste estrutural determinados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial.



Domingo Cavallo

VENEZUELA

Novo horizonte político

Os prognósticos que previram o fim do sistema bipartidário que imperou na Venezuela durante cerca de quatro décadas foram plenamente confirmados pelo resultado das eleições de 5 de dezembro. Ação Democrática (AD) e Copei, que durante 35 anos se revezaram no poder, ficaram relegados a um segundo plano, tendo sido consagrada a candidatura de uma personalidade nacional, a do veterano Rafael Caldera, à frente de uma coalizão de mais de 20 partidos, denominada Convergência Nacional.

A Causa-R, uma força política que se autodenomina marxista, ficou em segundo lugar no pleito, com 2 pontos percentuais de diferença de Caldera, obtendo uma expressiva força no Congresso e em várias legislaturas provinciais.

No novo cenário que se descontina na Venezuela, nem Ação Democrática nem Copei podem se considerar forças definitivamente derrotadas, nem em vias de extinção. Caldera foi eleito com pouco mais de 30% dos votos e, apesar de todos os escândalos e controvérsias que nos últimos tempos contribuíram para desprestigiá-los, os partidos tradicionais mostraram que contam com um respaldo histórico de simpatizantes e seguidores que garantiram a cada um 20% dos votos.

A Convergência Nacional, que em meados de dezembro não havia ainda anunciado as linhas econômicas centrais do novo governo, está formada por três forças principais: os seguidores do próprio presidente eleito, os democratas-cristãos que se desligaram de Copei para apoiá-lo e o MAS (Movimento ao Socialismo), de tendência social-democrata.

Enquanto alguns analistas em Caracas sustentavam que Caldera continuaria aplicando o programa de reformas neoliberais, ainda que com moderação, o presidente eleito reafirmava publicamente que cumpriria suas promessas de campanha, especialmente no tocante à não-privatização de nenhuma empresa estatal estratégica.



Rafael Caldera: vitorioso

COSTA RICA

A caminho das eleições

A menos de um mês das eleições gerais na Costa Rica, as pesquisas de opinião continuam dando empate entre os dois principais candidatos à presidência. Segundo as enquetes, José María Figueres, do social-democrata Partido Libertação Nacional (PLN), da oposição, estaria à frente de Miguel Angel Rodríguez, do governante Unidade Social-Cristã (USC). Mas sua vantagem atual seria tão pequena que torna difícil prever o vencedor do pleito de 6 de fevereiro próximo.

Na opinião de analistas



Rodríguez: prioridade aos pobres

Embora defendam idéias parecidas no que se refere à gestão econômica, Figueres e Rodríguez discordam quanto à velocidade com que deve continuar sendo implementado o plano de ajuste estrutural.

No campo social, enquanto Rodríguez promete maiores oportunidades de progresso e participação para os mais pobres, Figueres oferece ampliar a classe média, fortalecida desde os anos 40 pelo Partido Libertação Nacional.

A atual campanha eleitoral esteve marcada por

graves denúncias envolvendo José Figueres. Segundo um livro publicado em 1991 pelos irmãos David e José Manuel Romero, o candidato do PLN estaria vinculado ao assassinato de um traficante ocorrido há 20 anos, quando trabalhava na polícia, durante um dos vários governos de seu pai, o conhecido político José Figueres.

O candidato da oposição não só negou as acusações, como entrou com uma ação na justiça contra os autores do livro, acusando-os de calúnia e difamação. Em fins de novembro, porém, ambos foram absolvidos, no que representou um duro golpe político para Figueres, que em várias oportunidades havia prometido renunciar à sua candidatura se os irmãos Romero ganhassem a ação.

México

Contornada a crise interna que desencadeou a escolha do candidato do governante Partido Revolucionário Institucional (PRI) à presidência, o partido se concentra agora em ganhar espaço no que será certamente o mais disputado pleito da história do México.

A designação de Luis Donaldo Colosio às eleições presidenciais de agosto próximo pôs fim a meses de especulações, mas desagradou outros pré-candidatos, principalmente o até então prefeito da capital, Manuel Camacho.

Luis Donaldo Colosio, um economista de 43 anos que ocupava a Secretaria de Desenvolvimento Social, foi indicado candidato do PRI por vários setores desse partido, com a aprovação do atual chefe de estado, Salinas de Gortari, como vem ocorrendo nas últimas seis décadas. Para os analistas políticos, sua escolha marcou o interesse de Gortari em garantir a continuidade de seu projeto.

À frente da Secretaria de Desenvolvimento Social, Colosio foi o principal impulsionador do Programa Solidariedade (ver cadernos do terceiro mundo nº 163), um conjunto de medidas que visa a assistir a população mais carente, para compensar os efeitos do duro plano de ajuste econômico.

Curaçao

Faltando menos de dois meses para as eleições, Curaçao continua se recuperando do furacão político que varreu a pequena ilha caribenha em fins de novembro, com a queda do governo de Maria Liberia Peters.

A ex-primeira-ministra perdeu toda base de sustentação política ao ver derrotada em um referendo sua proposta de separar a ilha das demais Antilhas Holandesas (Bonaire, San Eustáquio, San Martin e Saba).

A princípio, Liberia Peters se recusou a deixar o poder, alegando que o tema do referendo não era a confiança da população no governo, mas o futuro constitucional de Curaçao. Ao final, quando as pressões para que renunciasse haviam se tornado demasiado fortes, ela anunciou a saída do governo e indicou para o seu cargo a ministra da Justiça, Susanne Romer.

Romer, de 35 anos, terá um mandato tampão de menos de três meses. A popular advogada é considerada uma política capaz, inteligente e muito corajosa. Ano passado, em uma conferência em Haia, arrasou publicamente uma proposta do primeiro-ministro holandês, que na sua opinião teria limitado ainda mais a autonomia das ilhas. Segundo aquele projeto, além da defesa e da política exterior, as Antilhas Holandesas teriam que entregar a Haia o controle do seu Poder Judiciário e sua administração fiscal.

PALESTINA

OLP acompanhará os acordos

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) criará um Comitê Especial para supervisionar as negociações com Israel e pôr em prática os tratados de paz.

A decisão, tomada durante a última reunião do Comitê Executivo da OLP, limita a autoridade absoluta do presidente da organização, Yasser Arafat. A implementação do Tratado de paz com Israel "é uma tarefa essencial na qual está concentrada toda atenção palestina", segundo palavras de Faruk Kaddumi, o chanceler palestino – uma das personalidades que se opõem aos acordos assinados em Washington entre a OLP e o governo israelense.

Por essa razão, de agora em diante, a responsabilidade de acompanhar a evolução das negociações será de todo o Executivo da organização.

Enquanto isso, os esforços do secretário de Estado norte-americano Warren Christopher para impulsionar as ne-



Uma criança palestina é detida por soldados israelenses

gociações de paz durante sua recente visita ao Oriente Médio deram um tímido resultado: o presidente sírio Hafez Assad aceitou viajar a Washington este mês de janeiro para se entrevistar com o presidente Bill Clinton.

Porém, a mini reunião de cúpula favorece mais a diplomacia de Assad que a norte-americana, já que deixa claro sua importância nas negociações regionais e reabilita os sírios, que durante um longo tempo foram relegados a um segundo plano por Washington, que os acusava de "fomentar o terrorismo".

PAQUISTÃO

Governo diferente

Desta vez, as coisas serão diferentes". A promessa, feita pela atual primeira-ministra Benazir Bhutto durante a campanha eleitoral de outubro passado, não foi esquecida. Embora seu governo ainda esteja dando os primeiros passos, Bhutto se mostra desde já determinada a marcar uma clara diferença com sua administração anterior, interrompida em 1990 quando foi destituída sob acusação de corrupção e nepotismo.

De fato, há indícios de que ela aprendeu a lição. Durante as primeiras semanas no poder, Bhutto manteve um gabinete de apenas 12 ministros, em comparação aos 49 que seu governo chegou a ter em 1988. Ao contrário do que fez naquela ocasião, agora ela escolheu tecnocratas de reconhecida competência e seriedade como ministros e assessores.

Como era de se esperar sua atitude provocou a decepção e descontentamento de correligionários, que esperavam conseguir

cargos no governo. Até o seu esposo, Asif Zardari, que cumpriu uma pena de dois anos de prisão por corrupção, passou a um segundo plano.

Membros do partido revelaram que, em uma astuta manobra antes das eleições, Bhutto forçou os candidatos que tinham postos indicados pelo seu Partido do Povo Paquistanês (PPP) a apresentar três documentos. O primeiro era uma declaração juramentada de que não reivindicariam cargos ministeriais; o segundo, uma carta de renúncia dirigida ao presidente do Parlamento e o último, uma autorização para que Bhutto aceitasse a renúncia.

Com esses documentos, ela tem conseguido se manter a salvo das chantagens políticas dentro de sua própria organização.



Benazir Bhutto

Timor Oriental

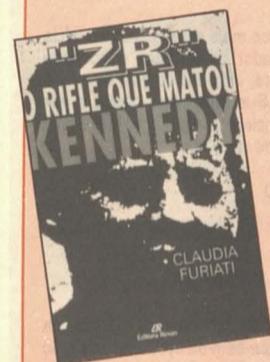
Os mais de 200 mil mortos – além de milhares de torturados e detidos por lutarem pela independência de Timor Leste – foram lembrados no dia 7 de dezembro, quando se cumpriram 18 anos da invasão indonésia a esta ilha do Sudeste da Ásia.

Para o líder do Conselho Nacional de Resistência (CNR), José Ramos Horta, a "resistência continua", apesar da "brutal ocupação militar do país" e dos reveses de 1992, com a captura dos líderes históricos da guerrilha Alexandre Xanana Gusmão e Antônio Gomes da Costa M'Huno.

A Indonésia também sofreu derrotas, como a condenação na Comissão de Direitos Humanos da ONU e a suspensão da ajuda militar dos EUA. No dia 7 de dezembro de 1975 tropas indonésias desembarcaram em Dili, capital de Timor Oriental, uma ex-colônia portuguesa do arquipélago de Java, então com 650 mil habitantes.

Desse total, segundo a Anistia Internacional, 210 mil morreram – devido à guerra, fome e doenças – nos 16 primeiros anos de anexação.

POSTAL NORTE SUL



ZR - O RIFLE QUE MATOU KENNEDY

Claudia Furiati
Vasculhando arquivos do serviço secreto de Cuba, jornalista brasileira mostra morte de Kennedy como produto de conspiração de setores do próprio governo dos Estados Unidos em parceria com a Máfia e com militantes contra-revolucionários cubanos.

207 pp 326
CR\$ 5.300,00

NÃO VERÁS NENHUM PAÍS COMO ESTE
Sébastião Pereira da Costa
Relato cronológico da ascensão e queda do poder militar no Brasil desde a conspiração que depois João Goulart em 1964 até o final do ciclo, em 1985, pass-

sando pela luta armada.
400 pp E-310
CR\$ 5.400,00

GIOCONDO DIAS - A VIDA DE UM REVOLUCIONÁRIO
João Falcão

Um mergulho na história política do país e sobretudo na trajetória do Partido Comunista Brasileiro desde a revolução de 1935 até a redemocratização de 1986. A vida do dirigente Giocondo Dias, que começou como cabo do Exército em 35 e chegou a secretário geral do PC, pp 412 E-324
CR\$ 5.200,00

ALMANAQUE BRASIL 1993/94

Editora Terceiro Mundo/Ivan Alves
Publicação voltada para a discussão de um projeto nacional.

Formação da nacionalidade brasileira, conjuntura atual, povo e instituições, atividades produtivas, roteiro da cidadania e suporte estatístico com 60 quadros e tabelas atualizadas. Complementa o Guia do Terceiro Mundo, cuja nova edição está sendo preparada. 327 pp
E-318 CR\$ 6.500,00

A REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Moniz Bandeira
Do ideal socialista ao socialismo real. Ensaio de história política que começa com a derrota alemã na guerra de 1914/18, passa pela criação das duas Alemanhas depois da Segunda Guerra e analisa

a reunificação. 182 pp
E-286 CR\$ 3.700,00

UMA EDUCAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE

Regina Celia Mazoni Jomini
Antes de 1930, as idéias anarquistas predominavam nas organizações operárias brasileiras. O livro pretende contribuir para o estudo das conceções e experiências educacionais lideradas por anarquistas na República Velha que a História oficial esqueceu. 135 pp
E-297 CR\$ 3.900,00

500 ANOS DE INVASÃO, 500 ANOS DE RESISTÊNCIA

Organização: Roberto Zwetsch
Aproveitando o período de comemorações pelos 500 anos do chamado descobrimento da América, o livro é um testemunho ecumênico, com uma seleção de textos que analisam o violento processo de colonização do continente. 321 pp
E-289 CR\$ 3.500,00

ECONOMIA MUNDIAL

Integração regional e desenvolvimento sustentável
Theotonio dos Santos
A formação de blocos como o Mercado Europeu, os Tigres Asiáticos e a possível criação do bloco latino-americano revela novas tendências. O autor analisa a globalização e a regionalização econômicas, o papel do Estado e das empresas 144 pp
E-319 CR\$ 3.800,00

O PILÃO DA MADRUGADA

Neiva Moreira
O jornalismo enquanto instrumento de solidariedade humana através das transformações sociais. A trajetória de Neiva Moreira no Brasil da época do golpe de 64 e, depois de exilado, no mundo. Seus encontros e entrevistas com líderes como Abdel Nasser, Fidel Castro, Agostinho Neto, Yasser Arafat, Robert Mugabe, Samora Machel. Cobertura de fatos que marcaram o século XX, como a descolonização africana e a luta contra as ditaduras na América Latina nos anos 70. 464 pp
E-208 CR\$ 2.800,00

LEITURA: ENSINO E PESQUISA

Angela Kleiman

Buscando reavaliar como se coloca o ato de ler na escola, o livro aborda a distância entre teoria e prática no ensino da leitura, o papel do aluno enquanto sujeito (e não mais objeto) do estudo e o do professor enquanto modelo do estudante.

213 pp
E-296 CR\$ 3.200,00

O ESTADO QUE NÓS QUEREMOS

Vários autores

Ação estatal em discussão: Antonio Salgado e Argemiro Pertence Neto (petróleo), Armando Ferreira Vidigal (militares), Berta Becker (Amazônia), César Guimarães e Roberto Amaral (TV), Fábio Erber (cooperação), Fernando Cotrim (siderurgia), Luiz Alfredo Salomão, Fernando Peregrino e Inês Patrício (tecnologia), Luiz Pinguelli Rosa (eletricidade) e Maria da Conceição Tavares (globalização) 230 pp E-323 CR\$ 4.500,00

ESTADO NACIONAL E POLÍTICA INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA

O continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992)

Moniz Bandeira
Abordagem comparativa das políticas internas e externas dos dois países em suas relações com os Estados Unidos. Análise dos fatores econômicos, sociais e políticos que determinaram tais políticas

303pp E-313 CR\$ 4.900,00

POLÍTICA LINGÜÍSTICA NA AMÉRICA LATINA

Vários autores

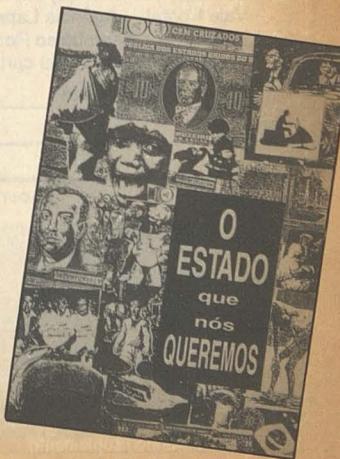
Reflexões sobre a política da linguagem no continente, num volume organizado por Eni Pulcinelli Orlandi e que reúne, entre outros, Alberto Escobar, Tania de Souza, Xavier Albó, Bartolomeu Meliá, Carlos Vogt, Peter Fry e Sergio Valdés Bernal.
191 pp
E-295 CR\$ 4.900,00

A CHINA LIGADA - Televisão, reforma e resistência

James Lull

A introdução da televisão no contexto do ambiente político e econômico da China acabou tornando-a o porta-voz oficial do Partido Comunista e a forma mais popular de entretenimento dos chineses, alargando a consciência cultural e política do povo e até fortalecendo a oposição.
170pp
E-305 CR\$ 4.700,00

ATENÇÃO: Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.



POSTAL NORTE SUL



SER COMO ELES

Eduardo Galeano

Nestes ensaios e artigos, o consagrado escritor uruguai expõe uma visão crítica, realista e inconformada diante dos tempos em que vivemos. Sua grande preocupação é a América Latina e seu tema maior o ser humano em todas as suas dimensões.

160pp E-306 CR\$ 5.500,00

O CÍRCULO E A ESPIRAL

Ruy Moreira

O autor, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, faz uma nova leitura dos valores que sustentam a ciência ocidental. Ele analisa a natureza, o homem, o espaço (concebido como mercadoria) e propõe uma reinvenção do mundo moderno.

142 pp. E-321 CR\$ 3.100,00



CUBA SIM, BLOQUEIO NÃO

Jurema Finamour

Na série "Panfleto", a autora trata do bloqueio norte-americano imposto à ilha do Caribe, das relações comerciais internacionais que na prática fizeram este bloqueio e das perspectivas do regime cubano, que tem recebido solidariedade de muitos países.

66 pp
E-314 CR\$ 1.200,00

A INSÂNCIA - DA RADIOATIVIDADE À AIDS

Jurema Finamour

A autora examina a possibilidade de a AIDS ter sido fabricada no laboratório e informa sobre os sistemas de prevenir e tratar a doença de vários países, entre eles Cuba e Suíça. Trata também dos desastres nucleares e do perigo que representam as usinas.

62 pp
E-315 CR\$ 1.200,00



A NOVA CALIFÓRNIA

e outros contos

Lima Barreto

Um dos escritores brasileiros mais expressivos do início do século, mulato, apreciador da cachaça e hóspede acidental de hospício, retrata, em seus contos, uma face mais verdadeira do país. Sua atualidade chega a ser constrangedora, pois denuncia a corrupção e a hipocrisia, males ainda não-erradicados entre nós.

197 pp
E-322 CR\$ 4.900,00

CUBA EXPORTA SAÚDE, NÃO ARMAS

Jurema Finamour

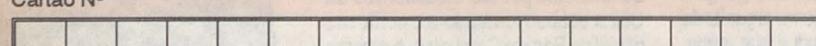
O tema é o sistema de saúde cubano e os avanços da medicina na ilha, tratando também da solidariedade e do tratamento que o regime de Fidel Castro tem dado às vítimas soviéticas da catástrofe de Chernobyl.

74 pp
E-316 CR\$ 1.200,00

OBS: Após a validade cobraremos preços atualizados

Nome
Endereço
Bairro Cidade
Estado CEP Tel.

Profissão
Assinale a forma de pagamento do(s) seu(s) pedido(s).

- () Cheque(s) nominal(is) em anexo à Editora Terceiro Mundo Ltda.
 () Vale Postal - Agência Lapa () Assinante () Não-assinante
 () Pagarei por Reembolso Postal
 () Autorizo débito no meu cartão
 Que tem validade até ____ / ____ No valor de CR\$
 Cartão N°


ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

Data: / /

Assinatura do comprador

Preços válidos até: 05.02.94

CÓD.	QUANT.

Cadernos nº 169

Enviar para Depto. de Assinaturas • Editora Terceiro Mundo Ltda. • Rua da Glória, 122 - 1º andar • Rio de Janeiro - RJ • CEP 20241-180 • Telex: 21 33054 CTMB BR
 PEÇA TAMBÉM PELOS TELEFONES (021) 252-7440/232-3372 OU PELO FAX (021) 252-8455

O largo braço da Máfia

Roberto Bardini

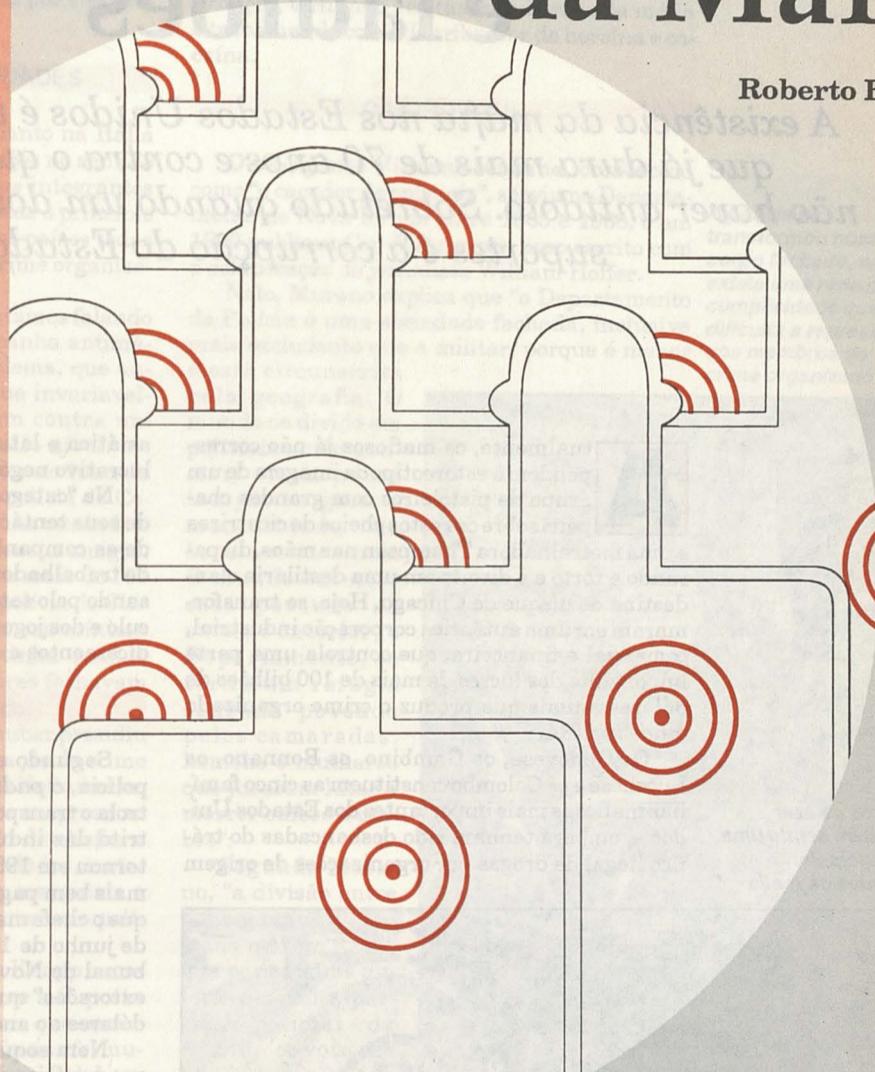
Os padrinhos ítalo-norte-americanos que fundaram a organização criminosa mais poderosa dos Estados Unidos possuem hoje um autêntico conglomerado industrial, comercial e financeiro, que controla uma parte importante dos lucros de mais de 100 bilhões de dólares movimentados anualmente pelo crime made in USA.

Na Itália, estima-se em 45 mil o número de efetivos armados da máfia. Este exército de bandidos matou nos últimos cinco anos 2.500 pessoas, alcançando uma média de duas vítimas por dia em 1990.

Na Rússia, sua capital, Moscou, se converteu no centro de uma nova e poderosa máfia que põe em xeque às autoridades e estende suas ações fora da CEI.

No Japão, a máfia local (Yakuza) se aliou a grupos de direita e à CIA para combater os sindicatos e os partidos de esquerda. Hoje, a Yakuza tem sido denunciada como um poder por trás do trono, capaz de influenciar as decisões que se tomam no mais alto nível de governo.

Uma análise da relação entre o crime organizado e o poder nesses países é o tema da nossa matéria de capa deste mês.



Estados Unidos

Aliança entre policiais e ladrões

A existência da máfia nos Estados Unidos é um fenômeno que já dura mais de 70 anos e contra o qual parece não haver antídoto. Sobretudo quando um dos seus maiores suportes é a corrupção do Estado



Os jogos de azar continuam sendo uma das principais atividades da máfia

Anteriormente, os mafiosos já não correspondem à estereotipada imagem de um grupo de pistoleiros com grandes chapéus sobre os rostos cheios de cicatrizes e uma metralhadora Thompson nas mãos, disparando a torto e a direito em uma destilaria clandestina de uísque de Chicago. Hoje, se transformaram em uma autêntica corporação industrial, comercial e financeira, que controla uma parte importante dos lucros de mais de 100 bilhões de dólares anuais que produz o crime organizado *made in USA*.

Os Genovese, os Gambino, os Bonanno, os Lucchese e os Colombo constituem as cinco famílias mafiosas mais importantes dos Estados Unidos e, embora tenham sido desbancadas do tráfico ilegal de drogas por organizações de origem

asiática e latino-americana, ainda controlam o lucrativo negócio das extorsões.

Na "categoria" de chantagem, a máfia estende seus tentáculos sobre atividades que vão desde as companhias de transporte e os sindicatos de trabalhadores até o mercado de pescado, passando pelo setor imobiliário, o mundo do espetáculo e dos jogos de azar, a indústria de jóias, medicamentos e computadores.

BONS MOÇOS

Segundo estimativas de investigadores de polícia, o *padrinho* Thomas Gambino, que controla o transporte que abastece o importante distrito das indústrias têxteis nova-iorquinas, se tornou em 1991 um dos cem *homens de negócios* mais bem pagos dos Estados Unidos. Calcula-se que o chefe mafioso John Gotti, condenado em 23 de junho de 1992 à prisão perpétua por um tribunal de Nova Iorque, domine um "império de extorsões" que rende lucros de 350 milhões de dólares ao ano.

Nem sequer a imprensa escapa aos lucrativos negócios da máfia: em junho do ano passado, a promotoria do distrito de Manhattan descobriu que o clã Gambino havia mantido nos últimos cinco anos o controle do Sindicato de Vendedores e Distribuidores de Jornais, que distribui, entre outros, o *New York Times* e o *New York Post*, o jornal mais antigo da cidade.

Segundo o promotor Robert Morgenthau, que chefou uma profunda investigação entre 1986 e 1991, os mafiosos "colocaram" na relação da empresa *Metropolitan News* 51 empregados fantasmas e arrecadaram neste período mais de um milhão de dólares.

Além disso, os fraudadores fizeram os anun-



CAPA

ciantes acreditarem que a circulação do *New York Post* — que é de quase meio milhão de exemplares — era de 50 mil jornais a mais. E para completar, roubaram cerca de 10 mil exemplares por dia do *Post*, que revendiam por sua própria conta.

UMA REDE DE CUMPLICIDADES

Tanto nos Estados Unidos quanto na Itália têm tido um relativo êxito os esforços no sentido de colocar atrás das grades *alguns* integrantes desses bandos criminosos, mas desde o princípio do século fracassaram em ambos os países todas as iniciativas para acabar com o crime organizado *em geral*.

Desde os anos 20 até agora — estamos falando de sete décadas — nenhuma campanha antimáfia conseguiu erradicar esse problema, que aumenta em vez de diminuir, porque invariavelmente a lei e a justiça esbarram contra um muro de cumplicidades ao mais alto nível.

Já em 1922, Al Capone se deu ao luxo de “comprar” o cargo de subchefe de polícia do Comando de Cook e de tirar fotografias vestindo o uniforme azul para distribuir entre seus amigos. Al Capone se gabava de que pagava mais de 100 milhões de dólares em subornos à polícia de Chicago, mas dizia que essa quantia era mínima comparada com os lucros que obtinha quando milhares de agentes e investigadores fechavam os olhos ou olhavam para outro lado.

Em 1950, o senador Estes Kefauver presidiu um comitê especial para a investigação do crime organizado (conhecido como Comitê Kefauver) e, depois de um árduo trabalho, ficou surpreso ao descobrir que um grande número de chefes e agentes policiais das principais cidades norte-americanas recebiam suborno dos marginais e os dividiam com funcionários do governo e políticos democratas e republicanos.

Em 1971, o advogado Whitman Knapp encabeçou a Comissão de Inquérito sobre a Suposta Corrupção Policial em Nova Iorque, que começou seus trabalhos a partir das denúncias formuladas pelos ex-agentes Frank Serpico e Bob Leuci, ambos protagonistas de romances que resultaram em dois filmes: *Serpico* e *O Príncipe da Cidade*.

Tão logo começou a funcionar, a simples menção da chamada Comissão Knapp fazia tremer muitos policiais nova-iorquinos, honestos ou nem tanto. Um agente chamado a depor sob proteção garantiu que em algumas delegacias, quase todos “de capitão para baixo”, recebiam “salários extras” provenientes dos cofres do crime organizado.

Através dessas e outras investigações, se descobriu que o agente federal antinarcóticos

Francis Waters, que conseguiu notoriedade por combater a chamada “conexão francesa” e prender alguns narcotraficantes (assunto que também foi levado à tela com o nome de *Operação França*), terminou aceitando subornos da máfia e trabalhando como distribuidor de heroína e cocaína.

O MURO AZUL

O ex-agente Vincent Murano, conhecido como “o caçador de policiais”, serviu no Departamento de Nova Iorque entre 1965 e 1986, e em 1990 publicou *Cop Hunter*, um livro escrito com a colaboração do jornalista William Hoffer.

Nele, Murano explica que “o Departamento de Polícia é uma sociedade fechada, inclusive mais excludente que a militar, porque é menor e está circunscrita pela geografia. O mundo se divide em policiais e não-policiais e, em pouco tempo, se gera a mentalidade de *bons contra maus*. O mundo exterior está povoado de *maus*; o interior, o Departamento, se torna um refúgio sagrado povoado pelos camaradas, homens e mulheres que juraram lutar e morrer ombro a ombro”.

Segundo Murano, “a divisão entre bons e maus é chamada *Muro Azul*”, que para alguns autores é a contrapartida policial da *omertá*, o voto de lealdade e silêncio da máfia. A pena por violar o *Muro Azul* é o ostracismo, a vingança mesquinha, as represálias e, inclusive, em certos casos, a morte.

Mais adiante, o ex-policial acrescenta: “À primeira vista, a tradição do *Muro Azul* apresenta a virtude de incentivar a lealdade e a camaradagem. Isso, de alguma forma, é verdade, mas com o passar dos anos tem deixado uma triste marca, ao permitir que floresça a corrupção em quase todos os departamentos de polícia importantes do país.”

A polícia se transformou num corpo fechado, onde existe uma rede de cumplicidade que dificulta a repressão aos membros do crime organizado



Estados Unidos

As origens da palavra máfia



Os mafiosos promovem a disseminação da violência, contra a qual se rebela a sociedade

Na língua florentina, mãe do italiano contemporâneo, a palavra *máfia* significa “pobreza” ou “miséria”. Na região de Piamonte, os nomes “ruim” e “mesquinho” são conhecidos como *mafium*.

Na Sicília, apareceu pela primeira vez em um documento de 1658, como sobrenome de uma *magara*, quer dizer, uma mulher que realizava atos de magia. Durante muitos anos se considerou equivalente à “a audácia, à sede de poder e à arrogância de uma bruxa”.

O termo foi escrito pela primeira vez em um documento oficial siciliano em 10 de agosto de 1865. Nesse ofício, o responsável pela segurança pública da cidade de

Carini justificava a prisão de um suspeito acusando-o de “cumplicidade com um delito de máfia”.

Segundo o escritor Leonardo Sciascia, já falecido, o primeiro dicionário do dialeto siciliano que inclui a palavra *máfia* é o de Traina, publicado em 1868, segundo o qual se trata de um termo levado à Sicília pelos soldados e funcionários piemonteses de Giuseppe Garibaldi. No entanto, acrescenta, o termo provém possivelmente da Toscana, onde *maffia* (com f dobrado) significa “miséria”, e *smáferi* designa os agentes de polícia.

Segundo Traina, os dois termos coincidem quanto ao tipo humano que na Sicília se chama mafioso. O mafio-

so possui a segurança e a arrogância de um policial, mas é ao mesmo tempo um miserável, porque “é realmente uma miséria considerar-se um grande homem em razão da força bruta, o que expressa uma grande brutalidade”.

Os etmólogos não estão todos de acordo. Segundo alguns, há 100 anos o termo significava em Palermo “beleza, orgulho, graça, perfeição e excelência”. Aplicada a um homem

de Palermo, era sinônimo de “superioridade” e “pulso firme”. Segundo outros, deriva do árabe *mahias* (brigão, descarado) ou de *Ma'afir* (nome de uma estirpe sarracena que dominou Palermo).

Independente das explicações sobre as raízes etmológicas, Sciascia opinava que “a história da máfia é a da cumplicidade do Estado, desde os Borbôns até os Saboya, e depois durante a República, na formação e consolidação de uma classe dominante improdutiva e parasitária, denunciada na primeira metade do século XIX”.

O capitalismo, garante Siciliano, é uma máfia que produz. A máfia, em compensação, é um capitalismo improdutivo.

Itália

A operação "Mãos Limpas"

Ministros, empresários e parlamentares estão sendo investigados pela Justiça, no mais importante confronto da história italiana entre o Estado e o crime organizado

Em 5 de dezembro de 1992, uma menina colocou uma mensagem numa árvore que fica em frente à casa do juiz Giovanni Falcone, em Palermo, a capital da Sicília: "Não quiseste ter filhos. Eu queria ter sido um deles", escreveu a pequena Luísa em uma folha de caderno escolar. Desde então, "a árvore de Falcone", como ficou agora conhecida, está coberta de bilhetes.

Em um país sacudido em suas estruturas mais profundas pelo crime organizado, pela corrupção política e os escândalos financeiros, muitos homens e mulheres, jovens e velhos, provenientes dos mais diferentes setores sociais, desfilam diante do arbusto como se fosse um lugar de peregrinação.

"Dedico o meu diploma a Giovanni Falcone, porque é fruto de um trabalho limpo, sem a ajuda de padrinhos, nem qualquer tipo de pistola. A máfia será derrotada com pequenos gestos cotidianos", dizia a mensagem de um universitário.

Já um grupo do norte da Itália escreveu: "Querido Giovanni: venceremos." O próprio ex-chefe de governo italiano, Giuliano Amato, fez uma frase: "Seria melhor viver em um país onde os heróis não fossem necessários. Mas, por infelicidade, entre nós eles ainda são importantes."

O juiz Falcone, de 53 anos, diretor geral do Ministério de Justiça italiano e símbolo vivo da luta contra a máfia, foi assassinado junto com a sua esposa e três seguranças em 23 de maio de 1992, por uma explosão de uma tonelada de TNT colocada sob a auto-estrada Palermo-Trapani, a cerca de 20 km da capital da Sicília. Depois de um ano e meio de investigações, com os mais sofisticados métodos, em novembro passado a polícia conseguiu identificar o assassino do magistrado.

Quatro meses antes do atentado, o ministro da Justiça Claudio Martelli havia criado a Direção Nacional Antimáfia (DNA), uma controvérida "supermagistratura", e havia designado Falcone para dirigir-la. Pouco depois nascia a Direção de Investigação Antimáfia (DIA), que começou a organizar uma ação mais coordenada

das diversas forças de ordem. Em pouco tempo, se aumentou o número de efetivos policiais e se elevaram os salários dos carabineiros.

Numa demonstração do clima que domina o país, Martelli declarou à televisão, em 19 de fevereiro desse ano, que para vencer a máfia "os cidadãos deveriam se organizar como no Velho Oeste".

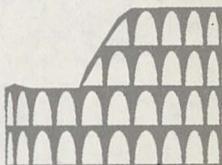
O "LIVRO BRANCO" DA MÁFIA

Falcone, que já nos anos 60 havia começado a receber ameaças de morte, é autor de um livro intitulado "Coisas da Cosa Nostra", escrito em colaboração com o jornalista Marcel Padovani, de *Le Nouvel Observateur*, no qual antecipadamente denunciava os sinuosos vínculos entre políticos e mafiosos. "Embora não pretenda aventurar-me em uma análise política, ninguém me fará acreditar que alguns grupos políticos não estão ligados com a *Cosa Nostra* – por interesses comuns – na tentativa de condicionar nossa democracia, ainda incipiente, eliminando personagens incômodos para ambas", afirmou então.

Calcula-se que atualmente a máfia está dividida em 150 famílias, que no total contam com cerca de 45 mil efetivos – responsáveis por

2.500 assassinatos nos últimos cinco anos e uma média de duas vítimas por dia no ano de 1990 – e meio milhão de colaboradores "periféricos".

Um *Livro Branco* elaborado em princípios de 1992 revela que a máfia arrecada entre 4 e 5 bilhões de dólares anuais somente com extorsões a empresários italianos. O relatório, realizado durante sete me-



O caixão com o corpo do juiz Giovanni Falcone foi velado na Corte de Justiça de Palermo, em maio de 1992



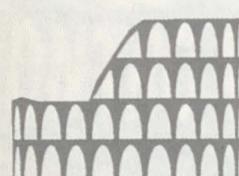
ses, investigou quase três mil empresas. Como resultado, assinala que só 12% dos comerciantes denunciam a cobrança da "caixinha" e que, posteriormente, apenas cinco por cento estão dispostos a manter a acusação diante dos tribunais.

O Centro de Estudos de Tendências Sociais (Censis), por sua parte, assegura que o número de empresários extorquidos ultrapassa os 166 mil.

No texto *Contra e dentro: criminalidade, instituições e sociedade*, o Censis traça um perfil dos negócios mafiosos e afirma que 81% de sua receita provém de atividades ilegais e que os 19% restantes são totalmente legais. "A criminalidade se transformou de sujeito marginal em sujeito econômico-empresarial, com uma atividade econômica profissional, o que lhe tem permitido superar rapidamente as fronteiras territoriais e invadir áreas geográficas e sociais impensáveis", disse o centro de estudos.

PRISÃO PARA OS CORRUPTOS

O narcotráfico, com lucros de mais de 3,3 bilhões de dólares anuais (20% do total), é uma das fontes de receita mais importantes da máfia, seguida das licitações ou contratos públicos, que o Censis inclui na atividade legal, com 3 bilhões de dólares. Depois vêm os assaltos, o jogo clandestino, estelionatos e fraudes, atividades que reportam mais de um bilhão de dólares cada ano.



O Parlamento italiano começou a debater em fins de outubro do ano passado a possível interferência da máfia na compra de empresas públicas, depois de uma denúncia do ministro da Indústria desse país, Paolo Savona, advertindo que o crime organizado poderia transformar-se em um importante acionista das estatais privatizadas.

A denúncia do ministro Savona provocou uma forte polêmica no mundo político e econômico italiano em relação às formas que deverá assumir o processo de privatização, mediante o qual o governo espera obter 30 bilhões de dólares nos próximos três anos.

De acordo com Savona, a pulverização de ações das estatais no merca-

do da bolsa de valores – uma possível modalidade de venda que beneficiaria os pequenos poupadões – pode abrir as portas à máfia para apoderar-se de setores estratégicos da economia.

Nessa linha de raciocínio, a transferência de ações das estatais deveria ser feita a poucos e grandes grupos econômicos previamente selecionados.

A modalidade apresentada pelo ministro da Indústria, no entanto, se opõe à defendida pelo ministro da Economia, Carlo Ciampi, que já encaminhou o processo de privatização do Banco Comercial Italiano e do Banco de Crédito Italiano – os dois bancos oficiais mais importantes do país – no sentido de permitir que pequenos investidores possam com-

O jornalista Franco Soglian assegura que uma das grandes perguntas que se faziam os italianos nesse conturbado fim de ano era: passará 1992 à história – e não só na Itália, dadas as ramificações do fenômeno mafioso – como o ano em que se produziu o ponto de mutação na longa e profundamente ambígua confrontação entre o Estado e o crime organizado?

A resposta parece esboçar-se através de alguns resultados da gigantesca investigação *Mani Pulite* ("Mãos Limpas"), iniciada em 1991 em Milão, hoje rebatizada de *Tangentópolis* (cidade das comissões ilegais), e que atualmente se estende a 21 cidades.

A investigação judicial envolve ministros, industriais, empresários e parlamentares socialistas, democratas-cristãos, liberais e republicanos. Mais de 800 pessoas foram presas e outras mil se encontram sob investigação, incluindo o socialista Bettino Craxi e o democrata-cristão Giulio Andreotti, que foi sete vezes chefe de governo. Calcula-se que o custo dos subornos só nos últimos 12 anos oscile entre 10 bilhões e 20 bilhões de dólares.

Em consequência desse quadro, nos últimos meses o Partido Socialista e a Democracia Cristã perderam milhares de filiados. "Os italianos estão fartos de tantos políticos ladrões e desejam vê-los em trabalhos forçados e com a camisa listrada dos presos", resumiu um dirigente da Liga Lombarda, movimento sediado no rico norte do país, que prega a autonomia dessa região.

A máfia e a privatização

prar as ações dessas instituições.

A privatização de áreas como telecomunicações e energia – tal como tem sido planejada pelo atual governo – seguirá também este procedimento orientado para os pequenos poupadões.

O responsável pela Comissão Antimáfia do Parlamento, Luciano Violante, reconheceu existir o perigo da infiltração de capital mafioso na compra de bens do Estado, mas essa eventualidade é possível com qualquer forma de privatização que se adote.

"O problema principal não está em bloquear o processo de privatização, mas em fazer com que funcione plenamente a regulamentação que defende a economia dos ataques da máfia", expressou.

Rússia

A glasnost-gangue estende seus tentáculos

Com ramificações na Europa e Estados Unidos, a máfia russa começa a disputar espaço com as organizações criminosas mais antigas



Se Vladimir Illich Ulianov, Lênin, ressuscitasse, sem dúvida teria um infarto fulminante. O estrondoso fim do comunismo ao final de 1991 na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e seu retorno ao sistema capitalista levariam o líder revolucionário de volta ao túmulo. Afinal, ele lutou toda a sua vida para que os pobres vivessem melhor e não para que as mudanças políticas os fizessem transitar pelos tortuosos caminhos do delito. Moscou, que até antes da queda soviética era considerada uma das cidades mais seguras da Europa e onde menos delitos se cometiam, se transformou na capital de uma nova e poderosa máfia que coloca em xeque as autoridades e se estende além das fronteiras da agora chamada Comunidade de Estados Independentes (CEI).

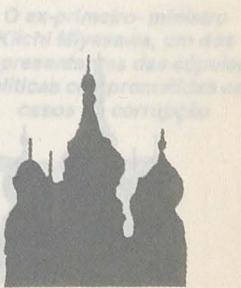
A delinqüência organizada em pequena escala sempre esteve formada na ex-União Soviética

por ladrões, marginalizados, cafetões, contrabandistas menores, judeus perseguidos e colaboradores locais de serviços secretos ocidentais. Mas, nos últimos tempos, engrossou suas fileiras com centenas de desempregados, desertores do exército, veteranos do Afeganistão e ex-membros dos dissolvidos organismos de segurança.

O desemprego é a principal causa do aumento da criminalidade. Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) demonstram que, em fins de 1992, havia 10 milhões de pessoas sem emprego. À medida que cresce o desemprego, os delitos aumentam quase que proporcionalmente.

Por outro lado, hoje não estamos falando mais do comércio ilegal que sempre existiu, como o contrabando de cigarros norte-americanos, meias de nylon, calças de jeans, conhaque ou fitas de vídeo pornográficas. Agora trata-se de algo mais complicado.

A droga, a prostituição e a máfia são males que já atingem a sociedade russa. O consumo de drogas cresce de forma alarmante entre os jovens moscovitas





A nova máfia dos países do Leste já se instalou nos Estados Unidos, onde disputa espaço com a Cosa Nostra

A meados de abril de 1992, o general Yuri Tomashev, segundo chefe do Ministério do Interior, advertiu que o crime organizado estava tomando conta de Moscou com meios cada vez mais sofisticados, que superavam os da *militzia*, a polícia moscovita. Os equipamentos dos responsáveis pela ordem estavam "abaixo dos mínimos padrões de qualidade estabelecidos", se queixou. Tomashev disse que, em 1991, se cometiveram 50 mil crimes e que nos primeiros três meses de 1992 tinham se apreendido 120 lança-granadas e metralhadoras. Os roubos a residências se elevaram em 73% e os furtos de automóveis em 59%.

O funcionário do Ministério do Interior explicou que a situação se agrava, ainda mais, com o recente surgimento de casos de corrupção nas próprias fileiras da polícia: em 1991 foram despedidas por este motivo mais de 6 mil pessoas.

A ROTA DOS BÁLCAS

Com mais de 250 milhões de pessoas, espalhadas por 11 repúblicas que ocupam a sexta parte do planeta, e o desaparecimento de um sistema nacional de vigilância, a fragmentação da ex-URSS em pequenas unidades estatais se transformou em um verdadeiro pesadelo para os organismos dedicados ao combate do tráfico de entorpecentes.

Por sua localização geográfica estratégica –



ponte entre o Sudeste asiático e Oriente Médio rumo à Europa –, os antigos estados soviéticos constituem uma porta de entrada ao Velho Continente, além de serem consideráveis centros potenciais para o consumo de drogas. Os países que se encontram entre os Montes Urais e o oceano Atlântico representam, neste sentido, o maior mercado do mundo.

Segundo dados da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes, com sede em Viena, as organizações de narcotraficantes da ex-URSS, que em 1990 tinham obtido lucros no valor de 4 bilhões de rublos, no ano seguinte aumentaram essa margem para 15 bilhões.

Somente na república do Cazaquistão, naquele ano se descobriram quatro milhões de hectares semeados de *cannabis* silvestre. Em São Petersburgo (a outrora Leningrado) a polícia descobriu laboratórios clandestinos para a elaboração de drogas sintéticas. Ao longo da tradicional rota dos Bálcas, por onde passava a heroína e a morfina de origem turca e iraniana, se abriram novos centros de distribuição na Polônia, Hungria e Checoslováquia.

DA RÚSSIA, COM AMOR

Os tentáculos da *glasnost-gang* – que é a denominação com que já começa a ser conhecida esta nova máfia – se deslizam pelos ex-países socialistas do Leste, chegam ao restante da Europa e alcançam os Estados Unidos, onde começam a disputar espaço com a tradicional *Cosa Nostra* ítalo-americana, as quadrilhas latinas e as organizações criminosas asiáticas.

Graças à *glasnost* (transparência) e à *perestroika* (reestruturação), nos últimos anos centenas de emigrantes russos começaram a chegar aos Estados Unidos e se estabeleceram em Little Odesa, um pitoresco bairro russo-hebreu na periferia de Nova Iorque.

Mas nem todos se tornaram pequenos comerciantes ou empregados de baixa qualificação. Muitos seguiram o mesmo caminho que alguns de seus antecessores provenientes da Itália na década de 20, da América Latina nos anos 50 e do Sudeste asiático nos anos 70. Ou seja, se organizaram em máfias.

O Burô Federal de Investigações (FBI) garante que essas quadrilhas – que em conjunto se denomina *organizatsya* –, estão integradas por ex-agentes do extinto Comitê de Segurança do Estado (KGB), ex-soldados do Exército Vermelho e bandidos com contas pendentes em Moscou e São Petersburgo, onde mantêm contato com o submundo. Segundo o FBI, a *organizatsya* se projeta de Nova Iorque até Los Angeles, Chicago e Dallas, e é mais violenta que os grupos ítalo-americanos, latinos e asiáticos. (R.B.)

Japão

A Yakuza e a elite do poder

Após a II Guerra, a Yakuza, a centenária máfia japonesa, se alia aos grupos locais de direita e passa a colaborar com o serviço secreto dos EUA na perseguição aos partidos de esquerda, ao sindicalismo autônomo e à imprensa independente, em troca de controlar o mercado negro e reorganizar seus negócios sujos

Em 1955, a Yakuza participou da criação do governante Partido Liberal Democrático (PLD). A partir daí, seus chefes começaram a dominar parte da indústria da construção civil e de espetáculos artísticos, alguns estúdios de cinema, centros noturnos e instituições desportivas.

Nos últimos anos, as principais atividades da Yakuza, cujo código de "honra" se baseia na obediência ao superior e no ultranacionalismo, foram os jogos de azar, o monopólio da prostituição, com a importação de mulheres filipinas, taiwanesas e tailandesas, o tráfico de drogas e os negócios imobiliários.

Hoje, a máfia japonesa realiza "operações" no valor de bilhões de ienes e conta com cerca de 100 mil integrantes organizados em 3 mil bando, dominados por três grandes "sindicatos". Seus tentáculos chegam ao Sudeste asiático, Havaí e Califórnia, onde existem comunidades japonesas e um constante turismo nipônico.

Segundo dados do Burô Federal de Investigações (FBI), as organizações criminosas controlam hotéis em Honolulu, cassinos em Las Vegas e contrabandos de narcóticos na costa Oeste dos Estados Unidos, e sua receita anual é estimada em mais de 20 bilhões de dólares.

Os organismos de segurança garantem que a Yakuza se tornou um dos pilares econômicos e financeiros do Japão moderno. Calculam que possui 30 mil empresas legais, com um verdadeiro exército de gerentes, executivos, administradores, contadores e funcionários. As famílias mais poderosas são proprietárias, inclusive, de editoras e publicam jornais e revistas que exaltam o nacionalismo e as tradições.

"O estereótipo dos filmes japoneses, nos quais os Yakuzas aparecem com todo o corpo ta-



O ex-primeiro-ministro Kiichi Miyasawa, um dos representantes das cúpulas políticas comprometidas em casos de corrupção





Manifestantes exigem que o Parlamento japonês aprove leis contra a máfia

estimado - orientado - O
sob meu avançado identi
salvo em conformidade
me as informações escritas
debutado no topo

Elementos inúteis à sociedade

Uma errônea e romântica interpretação histórica garante no Japão que o termo *Yakuza* surgiu na Idade Média, na época dos samurais, para referir-se aos bandoleiros que ao estilo Robin Hood roubavam os senhores feudais e depois repartiam o fruto deste roubo entre os campões pobres.

Na realidade, o nome *Yakuza* provém do pior trio de cartas (8-9-3) do *hanafuda*, um centenário jogo de baralho, que os próprios apostadores adotaram para autodefinir-se como elementos inúteis da sociedade.

No princípio, a *Yakuza* era uma organização criminosa integrada por mascates, jo-

mais alto nível e os escândalos financeiros sacudiram o milenar Império do Sol Nascente e puseram fim ao tradicional pacto tácito de "não-interferência".

CORRUPÇÃO NOS CÍRCULOS DE PODER

Quando, em novembro de 1991, assumiu o cargo o primeiro-ministro Kiichi Miyazawa, do Partido Liberal Democrata — que desde 1955 dominava a vida política japonesa —, as pesquisas de opinião pública demonstraram que desfrutava de um nível de popularidade de 55%. Em outubro do ano seguinte, um dia depois do partido mais poderoso do pós-guerra *rachar* por um novo escândalo de corrupção, as enquetes revelaram que o seu nível de popularidade havia caído em 23%.

Só a partir daí começou a se ventilar publicamente um "segredo" conhecido por todos, mas sobre o qual ninguém ousava falar: a elite dirigente dos principais partidos políticos e os mafiosos da *Yakuza* constituem as duas faces do poder que, em estreita colaboração e intercâmbio de favores, convivem harmoniosamente há várias décadas.

A imprensa recordou uma sucessão de casos que comoveram o país. Em 1976, Yoshiro Kodama, um empresário ligado ao PLD e a *Yakuza*, foi o principal envolvido no escândalo Lockheed, a empresa norte-americana que subornou vários políticos japoneses para conseguir a venda de aviões *Tristar* à companhia ANA.

A meados de 1988, Hiromasa Ezoe, diretor da firma Recruit Co., protagonizou um escândalo na Bolsa de Valores que sacudiu as estruturas do mundo financeiro nipônico.

gadores, assaltantes e assassinos que reivindicavam a "herança moral" dos antigos guerreiros que defendiam as cidades. Depois, próximo ao ano de 1600, se transformou em força de choque de chefes locais.

Os rituais de entrada incluem o intercâmbio de saquê, uma aguardente derivada de arroz, que simboliza o pacto da irmandade de sangue. O integrante da organização que viola um compromisso é castigado com a expulsão do clã ou a morte. Se a falta não é tão grave para que seja aplicada a ele essas penas, deve se submeter ao *yubitsume*: a amputação do dedo mínimo.



Jovens de todo o país se rebelaram contra as práticas corruptas da elite política japonesa

analistas ocidentais se perguntam onde ficaram ao final do século XX a milenar sabedoria japonesa, a tradicional sensibilidade artística da terra do lótus e a generosidade de alguns destacadíssimos *shogun* (chefes) medievais.

Aonde foram parar os valores ferreamente inculcados de geração em geração, o rígido código de honra dos samurais e a coragem raiando o fanatismo dos aviadores *kamikazes* durante a Segunda Guerra Mundial, que no Japão constituem – ou constituíam – a essência do “ser racional”?

Ou, em termos políticos, econômicos e éticos: em que consistiu verdadeiramente o chamado *milagre japonês*? Quais foram as causas reais que fizeram com que o Japão emergisse ao final da Guerra Fria como uma das três maiores potências econômicas junto aos Estados Unidos e à União (ex-Comunidade) Européia?

"O partido no poder é corrupto, mas a oposição também é. O partido no poder está dividido, mas também está seu opositor. Os dirigentes têm uma liderança pesada, sem agilidade, mas os patriarcas opositores são ainda mais fracos", afirmou o correspondente em Tóquio de *The Economist* em 30 de março passado.

Não agrada aos cidadãos honestos esta nova galeria de personagens que pouco se diferenciam dos gângsters italo-norte-americanos Al Capone, Lucky Luciano e Frank Nitti. Mas a verdade é que Kiuchi Miyazawa tem mais elementos em comum com Bettino Craxi e Giulio Andreotti do que com estadistas como Winston Churchill ou Charles de Gaulle.





O resgate da identidade

A eleição de Frei confirma o desejo do povo chileno de encontrar um modelo próprio de desenvolvimento, que valorize o avanço econômico e ao mesmo tempo atenda às demandas sociais

Elias Fajardo, enviado especial

Os chilenos escolheram nas urnas a continuidade e o caminho do centro, elegendo em dezembro Eduardo Frei Ruiz-Tagle como presidente com 58% dos votos. Mas a Concertação para a Democracia, a coalizão de partidos que o apoiou, não conseguiu a maioria parlamentar de dois terços, necessária para fazer as reformas constitucionais que poderiam remover os últimos entulhos autoritários deixados pela ditadura de Augusto Pinochet.

Assim, o Chile tem hoje o seu segundo presidente seguido de centro-esquerda, com Frei substituindo Patrício Aylwin, que deixa o governo com a aprovação de mais de 70% da população.

Mas, por outro lado, os oito milhões de chilenos que foram às urnas não deram a Frei os plenos poderes que ele almejava. Na Câmara, a Concertação aumentou seus deputados de 68 para 70. Mas a direita também aumentou os seus de 46 para 50. No Senado, a coalizão elegeu nove sena-

dores e a direita nove. Mas como existem ainda oito senadores biônicos deixados pela ditadura, a direita continua majoritária.

Não tendo os dois terços necessários de parlamentares para reformar a Constituição, o novo presidente deverá buscar consenso e acordo com a oposição, seja ela de direita – que apóia os militares – ou de extrema-esquerda. É difícil que o novo presidente consiga aquilo que considerou prioritário durante a campanha: colocar nas mãos do chefe de Estado a nomeação dos comandantes das Forças Armadas (hoje uma prerrogativa do ex-ditador Pinochet), reformar o Tribunal Constitucional, dominado por juízes designados pela ditadura, reformar a lei eleitoral, acabar com os senadores biônicos e, sobretudo, continuar a luta pela melhor distribuição da renda.

Desenvolvimento com enfoque social – O Chile é hoje um país único na América Latina. Tendo feito sua reforma econômica em 1975, durante a ditadura Pinochet, abriu suas portas ao capital estrangeiro e privatizou a saúde e a educação, com altos custos sociais. Hoje, exibe indicadores econômicos promissores.

Pinochet deixou o poder em 1988, quando, num plebiscito que empolgou o país, os chilenos disseram não às suas pretensões de continuidade e escolheram o democrata-cristão Patrício Aylwin para ser o presidente da transição democrática, por seis anos.

De acordo com os socialistas (a segunda maior força que apoiou Aylwin na coalizão que o sustentou) a ditadura teve altos e baixos e o sucesso econômico real foi mérito do presidente Aylwin, produto de uma política que procura corrigir os excessos do capitalismo selvagem adotando um enfoque social e recuperando a tradição comunitária local.

Numa população de 13 milhões de habitantes, quando Aylwin assumiu havia 5 milhões e meio de pobres. Atualmente, são

Em Santiago, a capital, partidários de Frei comemoram sua vitória por 58% dos votos



AMÉRICA LATINA

CHILE

Até o final da noite, a situação política no Chile é instável e acredita-se que o resultado da votação é incerto.

4 milhões e 200 mil. Ou seja, o primeiro governo democrático pós-Pinochet tirou da linha da pobreza um milhão e 300 mil pessoas em seis anos.

Hoje, sete entre cada dez chilenos têm casa própria e, em dezembro, acompanhando a tendência do mercado internacional, a gasolina baixou de preço. Tal acontecimento foi anunciado como algo corriqueiro na televisão. A baixa foi pouca, 3,6 pesos por litro, mas não deixa de ser significativa.

O medo ainda paralisa – Mas o retorno à democracia teve também seu lado sombrio. O principal é a herança macabra da ditadura. A anistia beneficiou os militares que assassinaram milhares de pessoas (ver matéria sobre o caso Letelier na seção Panorama do nº 168 de *cadernos*) e praticamente cada família, seja de que classe social for, tem a perda de algum membro para chorar. As entidades de direitos humanos lutam para reabrir os processos e punir os que assassinaram e torturaram, mas os militares reagem dizendo que não se consideram culpados e não irão para a cadeia.

Outro sério problema que desafia as autoridades é a deterioração do meio ambiente, agravada durante os anos de ditadura pelo funcionamento de um capitalismo sem leis escudo na repressão. Dados dos especialistas confirmam que Santiago é a cidade com o ar mais poluído do mundo.

As seqüelas do período ditatorial estão presentes também no comportamento cotidiano do chileno. Seis anos depois do fim da ditadura, as pessoas ainda têm medo e não se acostumaram a criticar abertamente e nem a reclamar.

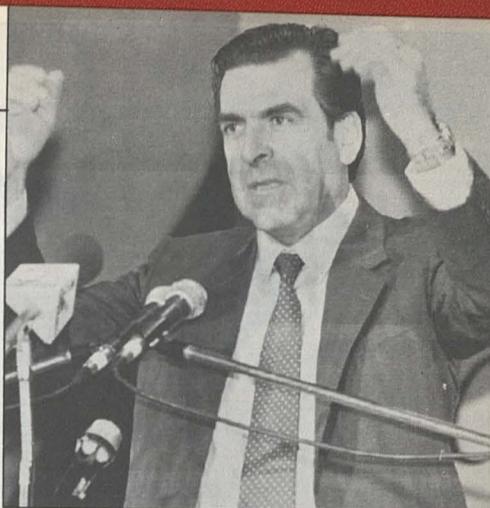
Essa realidade também se reflete nos jornais, como assinala o diretor da Secretaria de Comunicação e Cultura do governo, Eugenio Tirone: "Há liberdade absoluta de expressão, mas há também muita inibição em nossa sociedade. Uma espécie de baixa tolerância diante do conflito, uma extrema sensibilidade à crítica, incluindo governo, artistas e empresários. É o individualismo que nos levou a que ninguém se meta com ninguém e esse comportamento se percebe até na imprensa."

A professora de espanhol Mónica Echeverría, na página de opinião do jornal *La Epoca*, vai mais fundo e pergunta: "Os êxitos da economia nos deixaram dopados? Perdemos todo interesse em discordar e em lutar por ideais que parecem ultrapassados? Um país que hoje carece de espírito crítico e de luta (tão característicos do Chile anterior a Pinochet) pode estar gerando algo grave. Pode-se discordar da excessiva politização anterior à ditadura, mas aceitar a inércia atual nos parece alarmante. Não nos comove a pobreza de 4 milhões de chilenos? Será que a razão de existir são apenas dinheiro e bens de consumo?"

A pergunta está no ar e os mais sensíveis procuram respostas. Todo o ódio semeado, ainda que

suficientemente forte para provocar uma aparente predominância do egoísmo sobre a solidariedade, não acabou com a tradição libertária e a alma coletiva dos chilenos. No centro de Santiago, na Plaza de Armas, um coreto de ferro *art-nouveau* foi rebatizado (como muitos dos outros monumentos no país) pela ditadura, para homenagear um militar morto em confronto com membros da resistência a Pinochet. Mudou apenas o nome, que ninguém sabe ao certo. Mas, na prática, o coreto permanece como símbolo da convivência cordial entre pensamentos diferentes, na medida em que é hoje usado para o jogo de xadrez.

Pátria para todos – Com o novo presidente, o Chile buscará não só manter o progresso material, mas também recuperar sua identidade. Ou, como escreveu Fernando Reyes Matta, adido de imprensa chileno na ONU em *La Epoca*: "A idéia de uma pátria para todos passa por um imaginário coletivo, onde a palavra seja um instrumento para debater e reivindicar. A pátria justa é aquela da qual cada um se sente parte para aprovar, repudiar, exigir, criticar, propor e imaginar. É preciso fazer da comunicação uma batalha de verbos e não de balas."



Melhorar a distribuição de renda e governar com um Parlamento dominado pela direita serão alguns dos desafios enfrentados pelo novo presidente, Eduardo Frei

Vitória da Concertação

Foram os seguintes os resultados das eleições chilenas: em primeiro lugar, Eduardo Frei, com 58% dos votos, apoiado por uma coalizão de partidos que reuniu a Democracia Cristã (DC), o Partido Socialista, o Partido pela Democracia (PPD) e o Partido Radical (PR). Em sua plataforma, destacava as realizações do governo anterior e prometia um governo de consenso.

Em segundo lugar, Arturo Alessandri, com 24,3% dos votos, do Pacto União para o Progresso do Chile, composto pela Renovação Nacional (o principal partido da coligação), União Democrática Independente (UDI) e Partido Nacional (PN). Sua propaganda eleitoral enfatizava a necessidade de mais segurança diante do aumento da delinquência e conclamava a união de empresários e trabalhadores.

Em terceiro lugar, o direitista e pinochetista José Piñera, com 6,1%. Em quarto, o alternativo ecologista Manfred Max Neef, com 5,5%, que construiu sua campanha em torno do que chamou de "temas esquecidos" pelos outros candidatos, ou seja, a humanização da economia e o combate à poluição. Em quinto, o padre Eugenio Pizarro, com 4,69%, representando a esquerda radical, e em sexto Cristian Reitze, humanista verde, com 1,1%. A abstenção foi de 8,7%.



A herança de Allende está presente no esforço unitário do povo, que deve a vitória a Aylwin (na foto, ao lado de Pinochet) e agora permitiu a eleição de Eduardo Frei



Desafios do futuro



SOM

Garantir o crescimento econômico com justiça social, sem perder a identidade cultural, é um dos principais desafios do Chile de hoje, na avaliação de Luis Maira, secretário-geral do Partido Socialista

Aterra dos lagos e das cordilheiras sempre vivenciou as eleições presidenciais como a culminância de suas paixões políticas. Esta foi a primeira vez que os termômetros não subiram tanto, pois um mês antes do pleito já estava definido quem seria o vencedor. O presidente da transição, Patricio Aylwin, conseguiu fazer seu sucessor. O segredo: "O governo Aylwin administrou melhor a economia que Pinochet", diz Luis Maira, secretário-geral do Partido Socialista do Chile.

Aos 53 anos, ele é uma das inteligências mais expressivas da política de seu país. Especialista em relações internacionais, ex-exilado político no México por dez anos durante a ditadura, ele esboçou, em entrevista exclusiva a *cadernos do terceiro mundo*, o modelo econômico, político e cultural que as forças da esquerda democrática, em aliança com a Democracia Cristã, estão construindo.

Na sua opinião, para a direita, restou apenas a responsabilidade pelas transgressões de direitos humanos na ditadura, o que diminuiu a signifi-

ciação do pinochetismo. O ex-ditador obteve 43% dos votos no plebiscito de outubro de 1988 (quando os chilenos disseram "não" à sua proposta de continuar no poder), mas hoje este apoio diminuiu consideravelmente.

Segundo a análise de Luis Maira, no outro extremo, a esquerda que ficou de fora da coalizão Concertação de Partidos Políticos pela Democracia (basicamente o Partido Comunista), até por não existir mais a União Soviética, ponto de referência dos comunistas por mais de 60 anos, não tem mais projeto. O PC chileno havia apostado numa saída armada para a ditadura e este caminho igualmente fracassou.

Como força expressiva sobraram os socialistas, que fazem parte da coalizão vitoriosa nas recentes eleições. "Segundo o pensamento socialista, vivemos dois momentos: um de recuperação democrática e o outro, de transformações que nós, juntos com outras forças, estamos impulsionando", afirma Luis Maira, que foi parlamentar com três mandatos em épocas diferentes.

"A transição chilena tem mais limitações que

AMÉRICA LATINA

GUINEA-BISSAU CHILE

qualquer outra, pois Pinochet, no último ano em que governou, tomou providências para perpetuar seu controle sobre o poder. Instituiu os senadores biônicos que lhe dão maioria no Congresso sem ter a maioria no país; mudou a maioria na Corte Suprema, permitindo que, em 1993, sete juízes tivessem sido substituídos e outros indicados pelo próprio ditador; e concedeu estabilidade a todos os funcionários colocados pela ditadura. Além disso, estabeleceu uma maioria favorável a si próprio no Tribunal Constitucional, onde ele tem seis dos sete juízes; e finalmente fez uma falsa dissolução dos serviços de inteligência, que passaram, com seus efetivos, bens e recursos, ao Exército.

Luis Maira reconhece que a transição tem sido lenta e difícil e a única coisa que se conseguiu até agora foi substituir prefeitos designados pela ditadura por outros eleitos pelo voto popular. Muitas tarefas democratizadoras ainda estão à espreita. Por isso, a principal plataforma socialista continua sendo a plena redemocratização.

"Isto significa o fim dos entulhos autoritários que a ditadura deixou", entusiasma-se Maira. "O fim dos senadores biônicos, a modificação do conceito de segurança nacional e a devolução da prerrogativa ao presidente de escolher e substituir os comandantes das Forças Armadas. Precisamos que a soberania popular se expresse e que não haja um poder de fato dos militares que inibe muitas das iniciativas da sociedade."

Contra a pobreza – Na área econômica, a questão central é terminar com o dualismo que o modelo neoliberal criou. "Temos zonas atrasadas e modernas e elas não se tocam. Os setores mais pobres continuam assim indefinidamente, pois não existe a famosa transferência de renda dos ricos de que falam os teóricos neoliberais."

Mesmo assim, diminuiu o número de pobres e a classe média se fortalece. Maira explica como acontece isto: "O Estado tem que ajudar os grupos mais vulneráveis: mulheres sozinhas que são chefe de famílias, crianças abandonadas e velhos. A tarefa de fundo é a reconversão produtiva, com modernização das regiões atrasadas."

Esse desafio exige, na prática, uma verdadeira reforma do Estado enquanto instituição. "Não é só a herança da ditadura que pesa", continua o dirigente. "Há também um atraso no funcionamento da administração. Não pensamos em privatização, mas em descentralizar. É preciso levar as decisões às pessoas, os projetos devem surgir e ser discutidos nas regiões e ter o apoio técnico do aparato central. Se fizermos isto, muitos dos atrasos do Estado serão resolvidos."

A receita é a participação: consultar sempre as comunidades envolvidas. E como fazê-lo? Os chilenos se queixam de que os anos de ditadura lhes tiraram sobretudo o sentimento de exercício de ci-

dadania para reclamar seus direitos. Luis Maira afirma que é preciso resgatar os valores de outrora, pois o impacto acumulado de 16 anos e meio de mentalidade privatizadora tem ainda hoje uma influência gigantesca.

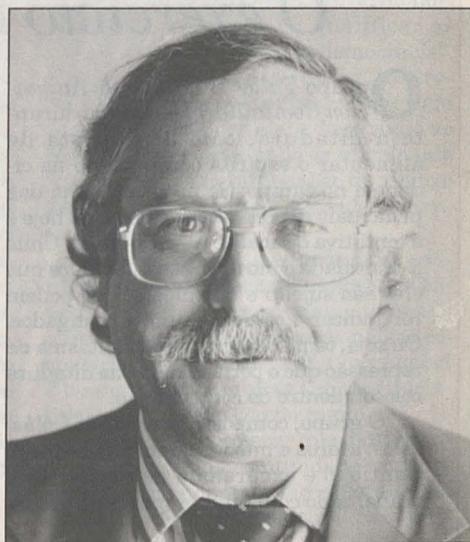
"O abandono em que a ditadura deixou o setor público é impressionante. O presidente Aylwin nos surpreendeu revelando as enormes cifras gastos com saúde no primeiro ano de seu governo. Reequipar os estabelecimentos hospitalares foi um grande esforço, pois a desatenção dos neoliberais com os estabelecimentos públicos chegava às raias do absurdo."

A maioria das crianças tem acesso à educação pública básica e média, ainda que de qualidade discutível. Já a universidade é mais elitista. A idéia é aumentar a qualidade da educação pública e dar bolsas para que os mais pobres freqüentem a universidade. "Hoje temos uma educação pública sem laboratórios, computadores, bibliotecas. O principal é dotá-la de maiores recursos e estimular os professores. Foram feitos vários planos, como o de 900 escolas básicas, que reformou centenas de estabelecimentos escolares, e outros de atualização de educadores."

Altos e baixos – Costuma-se atribuir o êxito econômico do Chile à ditadura de Pinochet, mas o secretário-geral do PS pede licença para corrigir o que considera um erro histórico. "O governo militar teve bons resultados econômicos só nos cinco anos finais. A ditadura experimentou momentos de enorme crise, de grande retrocesso produtivo, como nos anos 1975/82, pois o Produto Nacional Bruto caiu 14% em 1975 e mais de 15% em 1982. O desempenho da ditadura teve altos e baixos, mas ao final a economia conseguiu se recuperar e melhorar ligeiramente os indicadores econômicos dos anos 70."

Além disso, a ditadura logrou seus êxitos com o uso e abuso das possibilidades que oferece um regime repressivo, que acabou com os direitos dos trabalhadores. "O governo Aylwin, eleito em 1988, teve de enfrentar estes desafios. De um lado, manter a normalidade, pois um fracasso poderia desestabilizar a transição. Em segundo lugar, era preciso melhorar o desempenho da economia. Hoje, temos uma reserva internacional de muitos milhares de dóla-

Luis Maira:
"Resgatar
nossos valores"



AMÉRICA LATINA

CHILE

O Taller Santiago trabalha com crianças indígenas

res e uma economia interna com bom desempenho. Isso estimula tanto investimentos de capitais internos como internacionais, sem que seja necessário leiloar os interesses do país."

Em 1993, de um orçamento de 1 bilhão de dólares, cem milhões foram destinados a gastos sociais em saúde, educação, habitação e treinamento de trabalhadores. "O governo, que não pode romper totalmente com a lógica do funcionamento da economia mundial, precisa ao mesmo tempo investir no social. Devemos ser mais eficazes economicamente do que a ditadura e colocar ênfase no fim da pobreza", diz Maira.

Resgatar a tradição democrática – É preciso considerar também a questão ideológica,

muito palpável para quem assiste a classe média chilena festejar seus aniversários no McDonalds, passear nos shoppings e entregar-se avidamente ao consumismo e ao individualismo. Como manter os valores de um país que tem uma das maiores tradições de luta solidária no continente?

Os próprios índios do sul do Chile, por sua resistência e apego às tradições culturais, conseguiram, durante quase 200 anos, impedir o acesso dos espanhóis ao seu território.

Luis Maira considera esse o tema central que os chilenos discutem hoje. Como assegurar modernização e crescimento, sem perder a cultura e a identidade? "Este é o grande desafio dos anos 90 e vamos vencê-lo, pois este é um país de traços muito marcantes, de fortíssimas organizações. Embora a sociedade civil hoje seja menos mobilizada do que nos anos 60, o Chile ainda tem canais onde se expressam os interesses sociais."

Para o dirigente do PS, é preciso "resgatar a identidade do Chile democrático dos anos 90, construindo uma civilização de direitos humanos que nos permita aprender com os horrores do passado, e valorizando nossas grandes figuras, como Pablo Neruda e Gabriela Mistral. Buscamos criatividade e inovação para combinar a terceira revolução industrial (a incorporação científico-técnica do progresso mundial) com elementos específicos chilenos. E, finalmente, temos uma consciência ambientalista: crianças e adultos amam a natureza e não aceitam os excessos que o capitalismo selvagem cometeu. Tudo isto compõe o projeto nacional chileno."

Em que medida a memória do presidente assassinado Salvador Allende participa deste resgate de valores seria a última questão. Luis Maira se entusiasma: "A ditadura tentou satanizar Salvador Allende. Tudo o que ele e a União Popular fizeram era apresentado como caos, desordem, ideologismo. No entanto, a imagem de Allende está mais preservada hoje do que a de Pinochet. O ex-presidente está ganhando batalhas, pois seu pensamento profético tem repercutido no mundo. A nova esquerda acredita na democracia, como ele acreditava. E o socialismo com democracia, pluralismo e liberdade, como se chamava o caminho chileno, poderia ser a síntese de uma das mais apaixonantes propostas que a esquerda está plantando nos anos 90."

(Elias Fajardo)



O exercício da cidadania

O grupo Taller Santiago de Animación Comunitaria foi criado durante a ditadura, com a proposta de alimentar o espírito comunitário na cidade e no campo. Se no Brasil uma das principais expressões da cidadania hoje é a tentativa de acabar com a fome, no Chile a prioridade é mostrar aos indivíduos que eles são sujeito e não objeto, que podem reivindicar e criticar sem ser castigados. Ou seja, tentar acabar com o fantasma da repressão que o período negro da ditadura colocou dentro de cada chileno.

O grupo, composto por artistas plásticos, atores e músicos, tem sua sede em Santiago e excursiona pelo país. Tem trabalhado com uma proposta de desen-

volvimento sócio-cultural, usando técnicas de mobilização coletiva e várias linguagens: música, dança, artes plásticas, teatro. O objetivo é estimular jovens e adultos a expressar-se. Nos últimos três anos, eles trabalharam com professores e com o tema "direitos humanos e a educação formal", já que no Chile democrático, direitos humanos é uma cadeira no currículo escolar.

Barbara Martinoya, que participa do Taller, fala de uma pedagogia vivenciada, em que todos entendam o que é pertencer a um coletivo. E Henrique Bello diz que a intenção é produzir um "saber fazer comunitário, a partir de uma experiência de participação".

Democracia de fachada

A Espanha, ex-metrópole colonial, ameaça endurecer as relações com o governo do ditador Teodoro Obiang, devido às denúncias de violações dos direitos humanos e fraude nas últimas eleições

Juliana Iootty

A Espanha não reconhece a legitimidade do resultado das eleições na Guiné-Equatorial". A frase, proferida pelo ministro espanhol das Relações Exteriores, Javier Solana – dias depois de divulgada a vitória do Partido Democrático da Guiné-Equatorial nas eleições legislativas de novembro último – poderia não surtir efeito algum sobre a vida política deste país do centro-oeste africano.

No entanto, as relações mantidas entre os dois países ultrapassam os limites das transações diplomáticas formais: a Guiné-Equatorial é uma ex-colônia espanhola, e recebe deste país europeu cerca de 30 milhões de dólares anuais em ajuda humanitária e investimentos, valor que representa cerca de 12% do seu Produto Interno Bruto.

Com cerca de 358 mil habitantes, a Guiné-Equatorial tornou-se independente em 1968 quando o ditador Francisco Macías Nguema tomou o poder. Quatro anos mais tarde, Macías foi deposto pelo próprio sobrinho, o general Teodoro Obiang Nguema, que permanece no poder até os dias de hoje.

Violações dos direitos humanos
As relações entre a Espanha e a Guiné-Equatorial estão estremecidas desde janeiro, quando o governo guineense deu início a uma série de detenções e expulsões de cidadãos espanhóis sob a acusação de "ingerência em assuntos internos". Além das deportações, Obiang acusou Madri de boicote e tentativas de desestabilização, como a suposta tentativa do governo espanhol de promover uma rebelião nas ilhas de Annobon. E chegaram ao seu ponto crítico em dezembro quando o cônsul espanhol em Bata, Diego Sanchez Bustamante, foi declarado *persona non grata*.

Por outro lado, não faltam denúncias que acusam o governo de Obiang de

fraudes nas recentes eleições legislativas e constantes violações dos direitos humanos.

A suspeita de fraude tornou-se praticamente uma certeza para os líderes espanhóis depois de ouvidos alguns dos relatos sobre a organização do pleito no país. Representantes da Plataforma de Oposição Conjunta (POC) – organização que reúne 14 partidos políticos de oposição –, garantem que a maioria das 26 mesas eleitorais foram presididas por representantes do governo.

A estas denúncias, soma-se a do líder oposicionista Severo Moto, que afirma ter havido ministros que votaram duas ou até três vezes. Também a ausência de um censo confiável contribuiu para o não-reconhecimento do resultado eleitoral por parte da Espanha.

No entanto, talvez tenham sido as denúncias de violações sistemáticas dos direitos humanos na Guiné-Equatorial o motivo mais forte para o endurecimento anunciado por Madri. Recentemente, o Comitê de Direitos Humanos da ONU e a Anistia Internacional divulgaram relatórios com duras críticas ao regime. Entre as denúncias contidas nos relatórios das duas instituições estão a morte sob tortura de militantes da oposição no cárcere e a realização de execuções extrajudiciais na ilha de Annobon em agosto. O assassinato de dois líderes da oposição, Pedro Motu no dia 22 de agosto – morto diante de altos funcionários do governo – e Gaspar Mba Oyono, também figura nos informes.

Reação da comunidade interna-



cional – Mas a Espanha não foi o único país a manifestar seu descontentamento com o resultado das eleições e com o autoritarismo do governo guineense. França e Estados Unidos também criticaram a forma como foi realizado o pleito e um representante do governo norte-americano chegou a qualificar as eleições como "paródia de democracia". Em meados de novembro, representantes de ambos os países redigiram uma declaração conjunta de repúdio ao resultado eleitoral, onde se afirma que "as condições de organização do pleito o privam de seu caráter verdadeiramente pluralista".

Em outras ocasiões, quando se sentiu pressionado pelas mudanças no contexto político internacional, e temendo o fim da ajuda financeira de países como a França e a Espanha, o general Obiang tomou algumas tímidas iniciativas de liberalização do regime.

Agora, resta esperar que, novamente, as pressões da comunidade internacional impulsionem a tão esperada democratização desse pequeno país africano.

O triste cotidiano dos

Ignorados pela sociedade, milhares de japoneses desempregados vivem nas ruas das grandes cidades, mergulhados numa realidade de miséria, solidão e total falta de perspectivas

Fernanda Lamego

O dia em Kamagasaki começa bem cedo, às primeiras horas da manhã. Os que estão procurando trabalho dormem aglomerados no chão do centro de recrutamento à espera dos microônibus que chegam antes do sol nascer em busca de braços fortes, baratos e tão fáceis de contratar como de dispensar.

Os que têm sorte são contratados, levados para o local da construção e lá moram até tornarem-se desnecessários. Os que sobram não têm o que fazer e são estigmatizados como preguiçosos pelos que não sabem o que acontece nas madrugadas de recrutamento de trabalho.

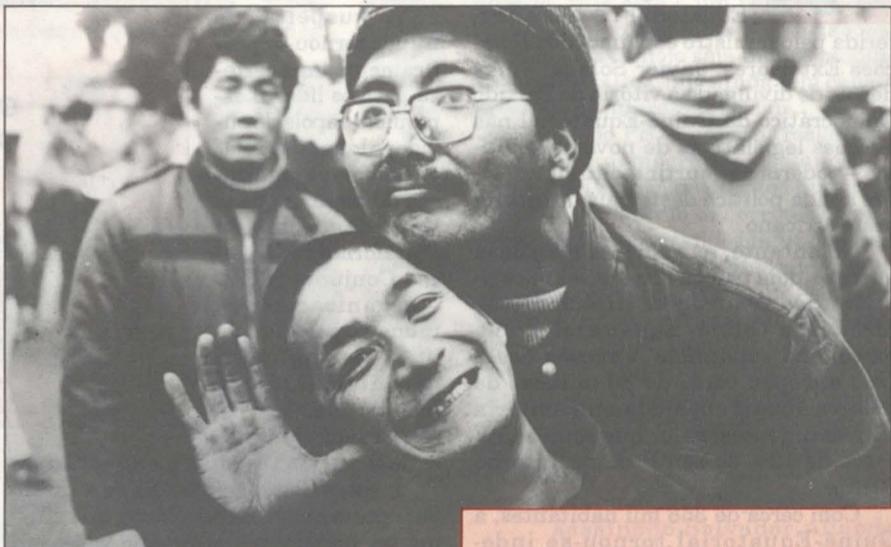
O bairro se localiza perto do centro de Osaka, a segunda principal cidade do Japão, mas poucos sabem como se chama, sua história e o cotidiano de seus moradores. Trata-se da área de maior concentração de trabalhadores diaristas do país: 30 mil pessoas vivendo num espaço de 0,62 km à espera de eventuais empregadores.

Ignorados pela sociedade, os trabalhadores de Kamagasaki são tachados de "bêbados preguiçosos" e poucos habitantes da cidade se arriscariam a passar por lá durante a noite, embora eles não portem armas nem sejam violentos. "Eles nos vêem, mas não nos enxergam", diz Ashura Mizuno, líder e mora-

dor de Kamagasaki há mais de vinte anos. E completa: "Este é o Terceiro Mundo do Japão."

Trabalhadores, não mendigos — À primeira vista, Kamagasaki parece ser um gueto de mendigos: centenas de homens velhos, sujos e maltrapilhos dormindo nas ruas. Na verdade, ninguém ali vive da mendicância. São trabalhadores da construção civil sem

Numa "operação limpeza" da administração pública, os parques em que costumavam dormir, como o Tennoji, foram cercados com muros e grades e passaram a cobrar ingresso, impossibilitando não só o abrigo dos sem-teto, mas também o acesso às poucas áreas verdes de recreação da comunidade. O único parque ainda aberto ao público é o pequeno Sankaku Koen, ou "parque triangular".



casa, família, vínculo empregatício ou seguro social. Não se vêem mulheres ou crianças e a média de idade dos trabalhadores é de 51 anos, crescendo a cada ano.

Os mais velhos raramente conseguem trabalho, que é oferecido em primeiro lugar aos jovens saudáveis. Sem trabalho, não podem pagar a diária das pensões — as *doyas* —, que lucram com os sem-teto na época de "vacas gordas". E não é essa a época que se vê nos centros de recrutamento de *hiyatoi rodosha*, os trabalhadores diaristas do Japão.

Se a recessão japonesa atinge brilhantemente os trabalhadores de colarinho branco, com salários reduzidos e menor oferta de emprego, ela é muito dura para os *hiyatoi rodosha*. Atualmente existem cerca de 300 trabalhadores idosos morando nas ruas de Kamagasaki.

"Não é tão ruim viver na rua; ruim é a indiferença da sociedade"

A origem

Até 1900 Kamagasaki era apenas uma vila de pescadores. Em 1903, Tennoji e Imamiya (áreas vizinhas a Kamagasaki) iriam abrigar a 5ª Exibição Interna de Indústria e Negócios. Em nome do imperador Meiji, que visitaria a exposição, os moradores pobres dessas áreas foram removidos para Kamagasaki, onde não seriam vistos.

Posteriormente, Kamagasaki passou a abrigar trabalhadores que perdiam seus empregos, principalmente na crise da indústria de mineração nos anos 50 e com a industrialização e crescimento econômico acelerados, que forçaram na década seguinte muitos agricultores a deixarem suas terras e irem tentar a vida nos centros urbanos.

sem-teto

Segundo o Centro de Assistência Social jesuítico Tabiji No Sato, dez por cento dos trabalhadores têm tuberculose devido à má nutrição, frio e severas condições de vida. O alcoolismo é outro problema que cresce com a solidão e falta de sentido da vida. Morrer na rua é um fato mais frequente em Kamagasaki do que em todo o resto da cidade de Osaka. Todos os anos, entre 100 e 200 pessoas morrem nas ruas deste gueto e a maior parte dos corpos não é identificada.

Perda dos laços familiares – Fumio Nakagima, líder religioso da Igreja Cristã de Kamagasaki e ele próprio um trabalhador diarista, explica que cada um ali tem a sua história: alguns perderam os parentes na guerra, outros deixaram suas famílias na zona rural por não conseguirem sustentá-las. Outros ainda perderam seus empregos com a recessão provocada pela *Bubble Economics* iniciada há cinco anos, quando inúmeras pequenas e médias empresas de construção civil dispensaram milhares de trabalhadores. Não conseguindo juntar dinheiro e voltar para o lugar de origem, perderam os laços familiares e terminaram ficando por ali.

de Kamagasaki

Em setembro de 1985, logo depois de um acordo selado em Nova Iorque num encontro do Grupo dos Sete (G-7), o iene subiu drasticamente em relação ao dólar, trazendo recessão e desemprego principalmente nas indústrias do aço e da construção naval, que foram reestruturadas em nome da "racionalização". A partir desta última crise, 10 mil desempregados mudaram-se para Kamagasaki, recorrendo ao mercado de trabalhadores diaristas.

Desde o início do século, portanto, Kamagasaki teve o papel de fornecedor de mão-de-obra barata, conveniente, fácil de obter e dispensar, em meio ao crescimento econômico e ao desenvolvimento do capitalismo japonês.

(F.L.)



Sem mais nenhum sentido em poupar dinheiro para a compra de imóveis e bens duráveis, como o restante da sociedade japonesa, o que é possível ganhar numa empreitada é gasto em poucos dias com a diária do quarto de três metros quadrados das *doyas*, jogos de azar e bebida.

Para Fumio, "este é um bom lugar para estas pessoas e não devemos ter pena delas por morarem aqui. Deveria apenas haver mais trabalho, principalmente para os idosos, que não gostam de instituições controladoras. Nos hospitais eles são tratados como objeto e não como seres humanos. Recebem remédios em excesso e tratamentos desnecessários para maior lucro dos hospitais". Sem hesitar, ele afirma que "é melhor morrer na rua do que num desses hospitais. Não é tão ruim ficar na rua; o que é ruim é a razão que os faz ficar aqui: a indiferença da sociedade".

Perseguição da polícia – Ashura Mizuno é secretário geral da Asian Friends, organização de trabalhadores diaristas japoneses em solidariedade com os trabalhadores estrangeiros asiáticos explorados no Japão. Como todos, ele faz o tipo de trabalho que é conhecido no Japão como 3K: *kitsui, kitai e kiken* – duro, sujo e perigoso –, mas diz que prefere mil vezes ser um sem-teto à vida de *sarariiman*, os assalariados de colarinho branco.

Ele conta que a Yakuza – a máfia japonesa – lucra com as empreiteiras e organiza os jogos de azar. Porém, na sua opinião, pior que a Yakuza é a polícia.

"A polícia não nos protege, pelo contrário: bate nos trabalhadores suspeitos de alguma coisa e nos controla através de monitores instalados por todo o bairro, reforçando o preconceito da sociedade."

Ninguém entende a necessidade do sistema de 16 câmeras monitoras funcionando 24 horas por dia numa área de pouco mais de meio quilômetro quadrado. A polícia justifica que está preventivamente furtos, mas na eventualidade de um furto a queixa de um trabalhador é ignorada pelos policiais, assim como a de idosos maltratados em hospitais, garante a organização jesuítica Tabiji No Sato. Os policiais fazem vista grossa aos jogos de aposta ilegais controlados pela Yakuza e às outras atividades dos sindicatos do crime, mas mantêm rígido controle sobre os sem-teto. É como se algum perigo iminente pudesse surgir dos pacíficos trabalhadores marginalizados.

Kamagasaki não é um fenômeno social isolado, apesar de ser o maior mercado de trabalhadores (*yoseba*), do Japão. Os *yoseba* estão por toda a parte. Também em Tóquio (Sanya), Yokohama (Kotobuki), Nagoya (Sasajima) e em outras cidades repete-se o estranho paradoxo de trabalhadores marginalizados, discriminados pela sociedade que deles depende e morrendo de frio e de má nutrição em sua velhice precoce num dos países mais ricos do mundo.

Os diaristas gastam seu dinheiro nas pensões, no jogo e na bebida



Somália

Quem não ensinava, aprendia

Com um novo alfabeto, a nação inteira, e principalmente os jovens voluntários, venceram um desafio secular

Beatriz Bissio

Este artigo, publicado inicialmente no nº 6 de *cuadernos del tercer mundo*, de setembro de 1975, no contexto de uma matéria de capa dedicado à Somália – que naquele momento vivia um processo revolucionário admirado e reconhecido em toda África – dá início a uma nova seção, que incluiremos em todas as edições de 1994, em comemoração aos 20 anos da fundação de nossa revista.

Ao longo do ano, republicaremos artigos que por diferentes razões mantêm sua atualidade ou interesse, e representam algumas das reportagens exclusivas que oferecemos aos nossos leitores.

Neste caso, trata-se de um país, Somália, a respeito do qual ultimamente muito se ouve falar nos grandes meios de comunicação mas que, na verdade, continua desconhecido para o grande público.

Ao recordar, quase 20 anos depois, a magnífica campanha realizada pelo povo da Somália em prol da alfabetização, desejamos contribuir para mudar a visão estereotipada que mostram os grandes meios de comunicação – em particular a televisão. Em sua cobertura sobre a luta pelo poder naquele país do Chifre da África, eles parecem querer reduzir um povo criativo e capaz de lutar por seus direitos, à mera condi-

ção de fanáticos que se enfrentam até a morte por lutas de caráter tribal.

O processo de mudança que estava em curso em 1975 pode ter sido frustrado pelos trágicos acontecimentos que culminaram com a deposição do presidente Siad Barre, que havia posto a perder suas próprias conquistas dos anos 70 com a política que implementou até fins dos anos 80. Mas, sem dúvida, aquela experiência de participação maciça na campanha de alfabetização não foi em vão. Suas sementes haverão de germinar mais cedo ou mais tarde.

– O que é um professor?

– Alguém que sabe mais que os outros.

– O que é uma sala de aula?

– Qualquer local onde as pessoas possam estudar protegidas do sol e da chuva.

Estas “definições de emergência” refletem didaticamente a mobilização de homens e de recursos da campanha de alfabetização realizada na Somália nos últimos dois anos. “Na Somália, ou se ensina ou se aprende”, declarou o presidente Siad Barre no lançamento da campanha.

É assim aconteceu. Para erradicar em dois anos o analfabetismo que alcançava o incrível índice de 99%, todo o espaço, aberto ou fechado, com um mínimo de

AS GRANDES REPORTAGENS

proteção, foi considerado sala de aula e todo aquele que sabia algo, passou a ser considerado um professor.

Consciente de que a dominação cultural, tanto quanto a política e econômica, é uma herança do colonialismo e do neocolonialismo, o governo começou pelo mais elementar: declarar que a língua somali, um idioma nacional que unificou o povo da Somália, teria um alfabeto.

De origens milenares, a língua dos nômades somalis vem sendo transmitida oralmente ao longo da história deste povo. Como os trovadores da Idade Média, os nômades do Leste da África recolheram e transmitiram em suas poesias e músicas esse legado secular.

Democratizar a educação – Escolhido o alfabeto latino para a escrita do somali, e decretado este o único idioma oficial (durante o período colonial se impuseram na Somália dividida o inglês e o italiano como idiomas oficiais), começa em novembro de 1973 a campanha para democratizar a educação.

Em apenas quatro meses todos os funcionários civis e militares do governo aprenderam a ler e escrever o seu próprio idioma. A Somália estava, assim, em condições de lançar uma campanha de alfabetização em massa que, devido às condições locais, não tinha precedentes na história humana.

Considerado pelas Nações Unidas um dos 25 países de menor desenvolvimento do mundo, a Somália ainda hoje está marcada pelo nômade e tem suas escolas um elevado número de professores estrangeiros que suprem a falta de quadros nacionais. Só em 1970 criou uma universidade e apenas 1% de sua população desfrutou o privilégio de poder estudar, sempre em escolas que davam aulas em inglês, italiano ou árabe.

Em 1974 todas as escolas foram fechadas e os professores e estudantes de nível médio se espalharam pelas 14 regiões do país para alfabetizar a população. No primeiro ano, 400 mil pessoas foram alfabetizadas, um número maior do que o registrado durante todo o colonialismo, que em dezenas de anos só havia ensinado a ler e a escrever a 320 mil pessoas, e em idiomas estrangeiros.

Em fevereiro de 1975, terminada a tarefa, 1 milhão 400 mil pessoas tinham sido alfabetizadas. De aproximadamente 99% de analfabetos, o país conseguia a cifra recorde de 95% de alfabetizados.

Novos valores – Para o êxito da campanha, foi fundamental a participação em massa de milhares de jovens adolescentes das cidades, que se dispunham a passar meses a fio dando aulas em zonas inóspitas do país.

“A princípio, foi muito difícil convencer os pais a deixá-los partindo nessa empreitada, principalmente quando

se tratava de suas filhas. Tinham medo, por exemplo, dos ataques de animais nas noites que teriam que dormir ao ar livre. Para os professores também não era fácil, pois carregavam nas costas a enorme responsabilidade de devolver sãos e salvos a seus lares adolescentes que passaram nove meses seguidos no campo ou entre os nômades”, conta Gabriela Warsame.

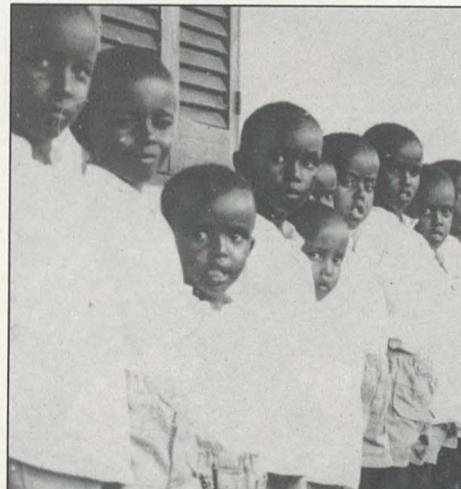
Italiana de Bolonha que chegou à Somália casada com um somali e com uma filhinha de meses, professora de italiano de nível superior, Gabriela nos contava que logo depois dessa experiência no campo seus alunos voltaram mais amadurecidos, até se poderia dizer “purificados” das deformações que se adquirem na vida da cidade. Geralmente retornavam vestindo à moda nômade, e dessa forma desfilaram pelas ruas da capital quando seus pais foram recebê-los.

“Convivendo com os nômades, aprendemos a valorizar melhor a vida, conhecemos a adversidade em contato com as populações atingidas pela seca e tivemos aulas de cultura somali que nenhum professor de Mogadíscio poderia ter nos dado”, nos comentava uma adolescente que havia ensinado no Norte.

Aulas no chão – Não é difícil imaginar o enorme deslocamento de população que supõe o fechamento de cursos a nível nacional por um ano para que estudantes e professores possam ir dar aulas no campo, deserto e cidade. Não ficou nem uma família campesina ou nômade sem receber um “filho adotivo” da cidade e foram poucas as famílias de Mogadíscio, Hargeisha, Marca, Kisimayo e outras cidades que não ensinavam um de seus filhos para ensinar.

“Os primeiros três meses foram difíceis. Começamos pelas pequenas cidades. Ensinávamos nas ruas, no próprio chão, sem cadeiras nem material como giz ou quadro. Todo espaço de mais de quatro por quatro metros era utilizado como sala de aula e era comum que o entusiasmo dos alunos não permitisse suspender as aulas, nem sequer durante as fortes tempestades, tão comuns na região. Embora pareça estranho, um dos problemas que tivemos que enfrentar foi o costume de que homens e mulheres estudassem separados. Nós não tínhamos condições de manter esse hábito. No final, crianças, adolescentes, velhos, mulheres e homens, todos sentados no chão, terminaram estudando juntos”, nos comentava Marian Affi Ali, que participou da campanha de alfabetização em áreas agrícolas do baixo Shabelle a 130 km da capital, dirigindo um grupo de estudantes-professores.

Em um povoado de Kuriole, com menos de dois mil habitantes, alojada em uma casa de camponeses, como todos os demais, Marian começava suas jornadas de al-



Crianças são alfabetizadas na língua materna

AS GRANDES REPORTAGENS

fabetização às oito da manhã com os pastores que iam próximo ao povoado para dar de beber aos animais. Prosseguia às 10h com as crianças da região. Retomava suas tarefas às duas da tarde, com os agricultores que voltavam do campo e às quatro ensinava às mulheres que haviam terminado suas tarefas domésticas. Finalizava com o último grupo às oito da noite, quando os comerciantes e vizinhos de pequenos povoados próximos se despediam até o dia seguinte.

Aprendendo com os camponeiros – No baixo Shabelle, uma das regiões agrícolas mais ricas da Somália, trabalharam 2.200 pessoas: para cada dez estudantes que ensinavam diretamente aos camponeiros, havia um professor que coordenava as atividades.

"Com atitudes e não com palavras tivemos que demonstrar que não nos sentíamos superiores e que não éramos tão alienados como eles supunham. Mas devemos reconhecer – assinala Mohamed, um jovem estudante compenetrado das idéias socialistas – que foi só depois de viver nove meses no campo que conhecemos realmente nossas tradições e que aprendemos o cultivo da terra, que é uma valiosa herança que nos legaram os camponeiros."

As sextas-feiras, dia de descanso dos muçulmanos, os papéis se invertiam e eram os professores e estudantes os que iam aprender. Plantavam milho, gergelim e algodão, e descobriam como conhecer os ventos e prever as chuvas.

"Durante os nove meses em que viveu com os nômades, quantas vezes visitou seu marido e seus sete filhos?", perguntamos a Lahia Osman Mohamed, uma ativa professora que encontramos matriculando alunos do primário para o ano escolar que se iniciava.

"Fomos a uma guerra, a guerra contra a ignorância. A única coisa que podia fazer era enviar-lhes cartas. Visitá-los não só atrasaria as metas, como teria sido desfrutar de um privilégio que os estudantes não tinham", nos responde sem hesitação.

Os grupos que alfabetizaram os nômades viviam com eles ao ar livre ou em suas precárias casas, feitas com folhagens e couros. Quando a comida terminava, emigravam com eles em busca de novos alimentos que servissem também para os camelos e as cabras.

"As aulas eram dadas próximas aos poços de água, enquanto os animais bebiam. À noite, não era como nas áreas agrícolas, onde ao anoitecer se acendiam as lâmpadas. Lá só havia uma fogueira, e, em círculo, com a ajuda da luz das chamas, continuava-se o estudo."

Alfabetização, censo e vacinação – Simultaneamente à campanha de alfabetização se fez um censo po-

pulacional, o primeiro na história do país, cujos resultados estão sendo processados. Como demonstram os testemunhos, o esforço não foi só educacional. Os médicos voluntários fizeram um levantamento da saúde da população, curaram doenças de todo tipo, vacinaram maciçamente, ensinaram primeiros socorros e noções elementares de higiene, enquanto que os veterinários curaram animais e trocaram experiências com os camponeiros e nômades.

Uma opinião generalizada entre os participantes é que tanto os nômades como os camponeiros aprenderam mais rápido do que os habitantes das cidades. "Tinham a mente mais aberta e queriam estudar", nos dizia o professor Deahir Jaamae Mohamed, que dirigiu um grupo de estudantes voluntários em oito vilas próximas a Mogadíscio, em uma área muito pobre.

Além de lavrar a terra ou aprender a cuidar dos animais, as sextas-feiras eram dedicadas pelos grupos de alunos e professores para o doutrinamento político e ideológico da população. No caso dos camponeiros, se dava uma idéia do papel que desempenhavam na economia nacional e no dos nômades, se explicava a eles o porquê da necessidade de sua incorporação a trabalhos mais produtivos, a fim de contribuir a elevar a produção nacional e melhorar seu próprio nível de vida.

Enriquecimento mútuo – Um dos mais valiosos resultados da campanha alfabetizadora foi a recompilação realizada por estudantes voluntários e professores da cultura transmitida oralmente pelos nômades. Vários romances, centenas de

poesias, milhares de músicas, variadas danças, foram recompiladas e todo o material está sendo escrito e elaborado na Escola Nacional de Cultura, criada em 1973.

O general Barre pediu aos estudantes voluntários que se esforçassem ao máximo para registrar a sabedoria dos nômades porque "cada um deles, ao morrer, enterra um pedaço de nossa cultura nacional".

Uma vez terminada a campanha, alcançados seus extraordinários resultados, enriquecidos mutuamente estudantes prematuramente convertidos em professores, professores que durante nove meses mudaram radicalmente de vida e camponeiros, nômades e populações urbanas marginalizadas – que pela primeira vez tiveram acesso total à educação –, o país tinha dado um passo fundamental em sua meta de democratização da cultura.

"Se tivéssemos optado por educar apenas a elite – nos dizia um jovem professor – teria havido recursos para comprar cadeiras, mesas, etc., mas como optamos pela educação em massa, as areias do deserto e o céu da nossa terra se transformaram em maravilhosas salas de aula."



A participação feminina foi fundamental



IMPLANTAR. QUALIFICAR. EVOLUIR.

Acompanhando as tendências do mercado. Perseguindo qualidade e produtividade. É assim que o Mercantil tem conquistado seu crescimento. Fundado em 1970, o banco expandiu-se numa rede supra-regional, implantando agências nos principais centros financeiros do país. Uma prova de trabalho bem estruturado. Uma evolução direcionada pelo claro objetivo de situá-lo, solidamente, entre as mais importantes instituições financeiras do país.

Administração Sul do Banco Mercantil, em São Paulo

*Ocupar espaços.
Consolidar parcerias.
perseguir qualidade e
produtividade.
Evoluir. Solidamente.
Conquistar novos mercados.
Valorizar, mais que tudo, o cliente.
Ser um banco contemporâneo.*

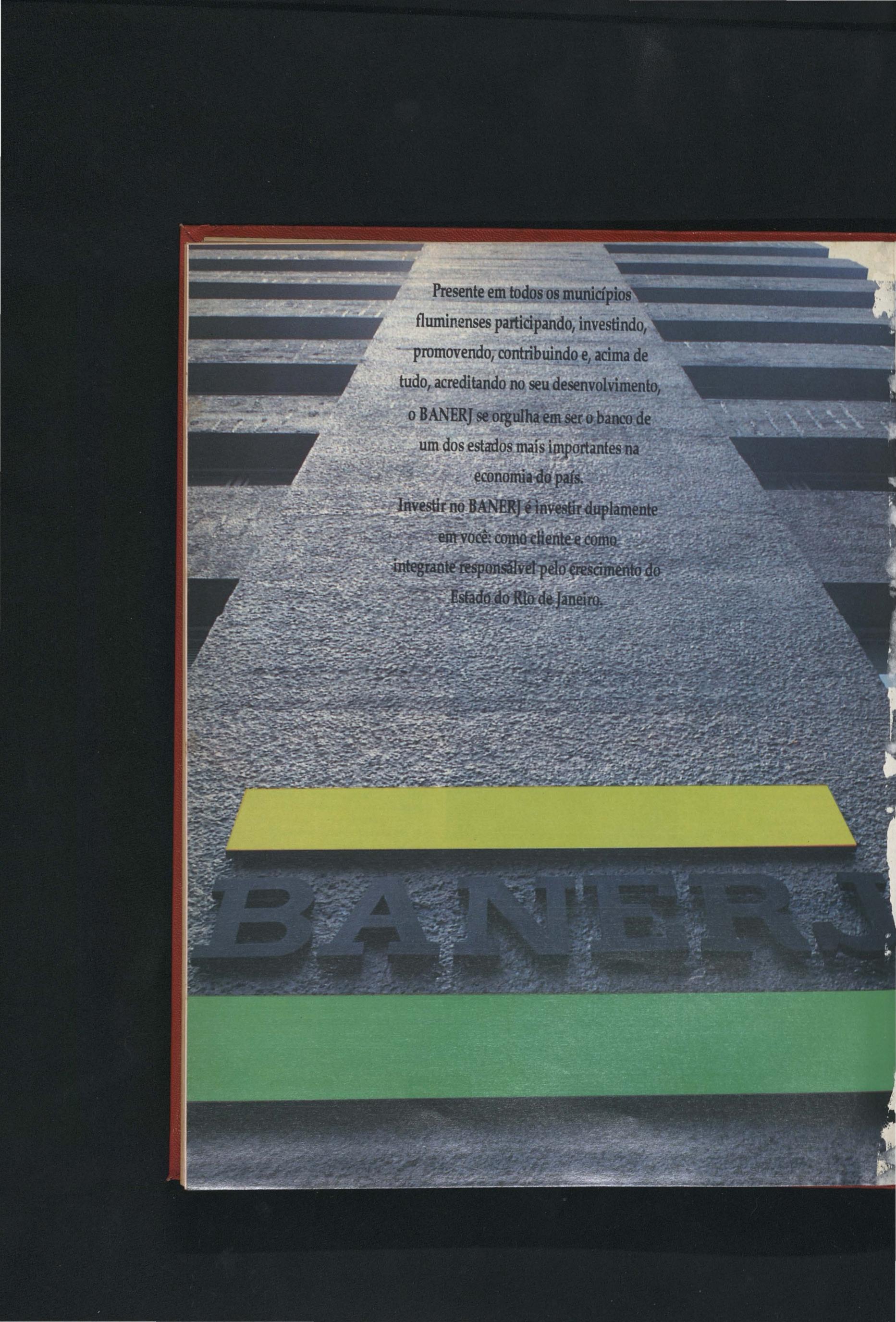
MERCANTIL

Banco Mercantil S.A.

O Banco que dá valor a você.

Administração - Sul:
Alameda Santos, 880, Jardim Paulista, CEP 01418, São Paulo, SP
Tel. (011) 289.4666 - Fax (011) 289.4007 - Telex (11) 33708

Administração - Sede:
Rua do Imperador D. Pedro II, 307, Santo Antônio, CEP 50.010, Recife, PE
Tel. (081) 224.3466 - Fax (081) 424.1069 - Telex (81) 2424/8801



Presente em todos os municípios
fluminenses participando, investindo,
promovendo, contribuindo e, acima de
tudo, acreditando no seu desenvolvimento,
o BANERJ se orgulha em ser o banco de
um dos estados mais importantes na
economia do país.

Investir no BANERJ é investir duplamente
em você: como cliente e como
integrante responsável pelo crescimento do
Estado do Rio de Janeiro.

BANERJ